

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX, 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICAEDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

DA FATALIDADE

À

POSSIBILIDADE

HABITAR: PROBLEMA DAS GRANDES CIDADES

As pessoas encontravam-se. Em casa, nos cafés, nas ruas, os acontecimentos da noite de 25 de Novembro tornaram-se tema obrigatório. Nem podia deixar de ser.

Não só no momento do impacto. Também, ou ainda mais, quando alguns pormenores concretos principiaram a ser oficialmente conhecidos. Aquelas 1500 famílias sem abrigo, outras tantas com os lares parcialmente destruídos, perdidos todos os haveres. Tomam-se medidas de realojamento temporário. Procuram-se soluções. O problema não é nada fácil.

— Mas é possível resolver-se — diz-me a arquitecta-estagiária Margarida Sousa Lobo — Lembrem-se do terramoto que arrasou a cidade jugoslava de Skopje. Houve que abrigar 70 mil pessoas e abrigaram-se, de muitos modos, recorrendo-se a uma mobilização geral. Essa é a primeira fase. Depois vem a outra, a mais difícil: proporcionar alojamento de carácter definitivo, tendo em consideração as limitações financeiras e técnicas e, sobretudo, as

prioridades da política de habitação de que estes desastres constituem apenas uma primeira parte que o «destino» tornou mais urgente. Trata-se, de facto, não apenas das vítimas de uma enxurrada ocasional, mas dos que estão sujeitos às enxurradas da existência quotidiana.

O problema do alojamento definitivo de cerca de 150 mil famílias que não dispõem de uma habitação só para si, mesmo deficiente, mas que ofereça protec-

ção segura contra ventos, chuvas, fogo e estranhos, tem, em Portugal, solução a curto prazo?

Esta a questão que me preocupava, e á qual Margarida Lobo

(Continua na página seguinte)

O enviado americano Chester Bowles chegou ao Camboja

PHNOM PENH, 8. — (R.).

O embaixador americano em Nova Delhi, Chester Bowles, chegou hoje a esta cidade, de avião, para conferenciar com o príncipe Norodom Sihanouk.

O embaixador foi recebido no aeroporto por altos funcionários cambojanos e os embaixadores britânico e australiano.

O príncipe Sihanouk declarou ontem que teria duas reuniões com Chester Bowles, mas que se recusaria a discutir a questão do direito das forças americanas perseguirem os guerrilheiros do Vietcong em território cambojano.

Numa conferência de imprensa, o príncipe afirmou: «O cordelito não pode concordar em discutir

com o lobo qual o molho com que será comido».

A visita de Bowles é o resultado de um convite inesperado por parte do príncipe Sihanouk num esforço para impedir que o Camboja se transforme num campo de batalha.

No entanto, o príncipe, que há três anos cortou as relações diplomáticas com os Estados Unidos, avisou que todo o país seria mobilizado para lutar contra os americanos, se as incursões destes causassem a morte de qualquer cambojano.

Tem corrido a notícia de que Chester Bowles poderá contactar com os representantes do Vietnam do Norte no Camboja, numa tentativa para início de negociações de paz.

IMPÕE-SE A REVITALIZAÇÃO DO AZULEJO PORTUGUÊS

(Ler na página central uma entrevista com o eng.º Santos Simões)

Nota do dia

DÃO LICENÇA?

Naturalmente, quem escreve sujta-se à crítica de quem lê. E mal de quem escreve (ou fala ou pensa) se contar com a segurança de que ninguém o contradiz. Quando assim for é porque está tudo errado. Nós aceitamos orgulhosamente esse risco. E pela mesma razão de ética também nos recusamos a qualquer esforço no sentido de lisonjear o leitor, pois não nos cabe o papel de lisonjear, que seria o mesmo que iludir, quando o que parece caber-nos é o papel de esclarecer, esclarecermos nós próprios ou esclarecermos aqueles que saltarem a terreiro para nos contradizer e mostrem ser capazes de ter razões melhores que as nossas. Isso mesmo; esclarecer, o que nem é descoberta nenhuma, pois remotamente a sabedoria popular descobriu e proclamou que da discussão nasce a luz. Ora, a discussão em que estamos a pensar é a do «toto-bola». Bonito, que tal dissete! Pois não se está mesmo a ver que é assunto irritante, incómodo e não pacífico? Está tanta gente sossegada e contente à espera de acertar nos dois mil contos,

há os que já acertaram e os que esperam o seu dia, há tantos interesses ligados e coligados, há até a Misericórdia e os seus programas de bem-fazer — não seria melhor estar calado? A verdade é que tudo isto reflecte e informa uma mentalidade e um comportamento que pedimos licença para considerar viciosos. Ao homem que passa as horas do seu dia e os dias do seu ano e os anos da sua vida a trabalhar útilmente sem sair da cepa torta, como é que há-de entrar-lhe a ideia de que é possível enriquecer assim de pé para a mão sem esforço de fêlto nenhum? Nem por esforço nem por mérito. Apenas por acaso. Se bem nos lembramos, foi Ramalho que escreveu ser contra todas as batotas. «Incluindo a lotaria e as eleições». É o traço grosso da caricatura, mas o traço grosso vale quando se trata de fazer ver o que está à vista de todos e ninguém quer ver, por preguiça, comodidade ou conformismo, como toda a gente diz: para não fazer ondas. Mas se fizessemos?...



Mike Kasperak, de 54 anos, a quem foi enxertado, antontem, o coração da senhora Virginia Mae Whithe, no Hospital da Universidade de Stanford (Califórnia). Ao lado do paciente vê-se sua esposa, a sr.ª Ferne Kasperak (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Johnson convidado a visitar Israel

SAN ANTÓNIO (Texas), 8 — (A. N. I. e F. P.). — O primeiro-ministro israelita, Levi Eshkol, convidou o presidente Johnson a visitar Israel. Porém, um funcionário da Presidência não especificou se o convite foi ou não aceite.

Ontem, depois de ter ido ao aeroporto de San António receber o seu hóspede, Johnson proporcionou a Eshkol um passeio pelo seu «rancho», tendo os dois estadistas conferenciado depois acerca da difícil situação israelo-árabe.

Entretanto, em círculos ligados

(Continua na última página)

A TRANSPLANTAÇÃO NOS E. U. A.

O coração da «doadora» é um terço mais pequeno que o do paciente (devido à doença)

(Ler na página 12)

401E — 28 PAGINAS | VISADO PELA CENSURA

• • • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

CINCO FERIDOS

No lugar de So-
brão, perto de Pa-
ços de Ferreira,
uma furgoneta con-
duzida pelo sr. Joa-
quim Moreira da
Silva, de 25 anos,
marceneiro, levava
ainda os srs. Fer-
nando Ferreira, de
32 anos, Hilário Pe-
reira, de 29, e os
irmãos Graciano
Cunha e Carlos
Cunha, todos mar-

ceneiros e morado-
res em Seroa, Pa-
ços de Ferreira. Ia
a desviar-se de ou-
tro veículo que se-
guia em sentido
contrário e se apre-
sentava fora de
mão. Foi embater
num muro. Ficaram
todos feridos e in-
ternados no Hospital
de São João ficou o
sr. Fernando Fer-
reira.

COMBOIO E MORTE

Perto do Cacém,
o soldado da G. N.
R. reformado sr.
João Pago Brito, de
70 anos, morador
em Meleças, tenta-
va atravessar a via
férica. Em tão má
hora que surgiu um
comboio, o colheu e
matou logo. O cor-
po recolheu ao ins-
tituto de Medicina
Legal.

A CRIANÇA E O TRACTOR

No Arco de Bau-
the caiu de um
tractor o pequeno
Felisberto Pereira,
de 9 anos. Foi logo
levado ao hospital
de Cabeceiras de
Basto e enviado de-
pois para um hos-
pital de Braga.
Chegou já morto
ao hospital.

O sapateiro Antó-
nio Joaquim Va-
lente de Matos, de
41 anos, morador
em Touregas, fre-
guesia do Bundeiro,
perto da Murtosa,
agrediu a facada o
sr. José Agostinho
dos Santos Lamego,
de 30 anos, jorna-
leiro e Albina da

À FACADA

Silva Pinto, de 17
anos, de Touregas.
Esfaqueou depois o
sr. António Tava-
res, Vigário, de 70
anos, agricultor.
Morreu este último
e os outros dois en-
contram-se muito
feridos enquanto o
agressor recolheu à
cadeia de Estarreja.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

Perto de Palmela,
Um automóvel foi
embater num muro
e morreu o seu con-
dutor, sr. Joaquim
Marques dos San-

tos. Em São José, fi-
caram internados os
restantes ocupantes
do carro, srs. Fran-
cisco António Rui-
vo, de 34 anos, ser-
ralheiro, e Idalecia

no Gonçalves Nora,
de 30, comerciante.
Este vive na Baixa
da Banheira. O fa-
lecido e o primeiro
dos internados eram
do Barreiro.

DA FATALIDADE À POSSIBILIDADE

(Continuação da página anterior)

não levou um segundo a respon-
der:

— Penso que será possível, se
se mobilizarem todos os recursos,
desde o poder das leis, ao em-
penho dos próprios interessados.
Se pensarmos que as nossas ca-
rências têm de ser eliminadas
pela construção de casas con-
vencionais, podemos, quando
muito, pensar em prazos da or-
dem dos 20 a 30 anos, se a in-
dústria aumentar sensivelmente
o número de fogos construídos.
Mas tal «solução» só o será se
essas casas puderem ser forneci-
das a rendas compatíveis com
as possibilidades das populações
mais necessitadas.

O problema da habitação não
é tanto o da falta de casas, mas
a falta de casas em condições
suficientemente acessíveis. A po-
pulação a alojar mais urgente-
mente pode não chegar ao nível
das rendas mais baratas das
casas económicas. Isto só é pos-
sível se se dispuser de facilita-
des de terrenos, de «dinheiro ba-
rato» e se se utilizarem todos os
recursos latentes dos próprios —
pequenas poupanças, iniciativa,
tempos livres, qualificação pro-
fissional, etc. Mas disso falare-
mos mais tarde.

Assim principiou uma aventu-
ra pela qual viria a apaixonar-
me. Que me levou a percorrer
a cidade de ponta a ponta e a
vê-la com outros olhos. Tudo era
novo para mim, porque, de sú-
bito, tudo se via de outro ângulo:
a fatalidade dava lugar à
possibilidade.

Eu já sabia que o que vulgar-
mente se chama «bairro de la-
ta» não constitui fenómeno por-
tuguês, ou, melhor dizendo, um
fenómeno lisboeta. Existe em to-
das as grandes cidades e surge
como consequência da atracção
irreversível que os centros urba-
nos oferecem às populações ru-
rais. Este êxodo processa-se, por
vezes, em termos de tal forma
complexos que a área urbana não
pode assimilá-los, mantendo-os
à margem geográfica e cultural-
mente, agrupando-se estes em
pequenas comunidades com um
tipo de vida própria. Estes mar-



«Guiou-me nesta aventura a arquitecta Margarida Lobo...»

ginais dão provas de extraordi-
nária força de vontade e inicia-
tiva ao construir, ultrapassan-
do fortes obstáculos, os aglom-
erados compactos com aproveita-
mento milimétrico do terreno,
originariamente localizados jun-
to das principais fontes de tra-
balho, penetrando nas próprias
zonas de habitação burguesa, e
a partir de «materiais de fortu-
na»: folha, de estanho ou de
zinco, pedaços de madeira, car-
tão e revestimentos que vão do
«Diário de Lisboa» ao plástico,
etc. A imaginação popular é
fértil na invenção do modo de
emprego desses materiais, e só
não se empregam outros mais
resistentes porque tal seria ve-
dado. Posso dizer que, para se
levantar uma casa, tudo se tor-
na funcional. O povo era o ar-
quitecto antes de haver arqui-
tectos. Será que o povo desapren-
deu?

O povo é o arquitecto da casa
que pode ter. Inventaram-se, as-
sim, verdadeiras cidades de re-
curso em Marrocos, no Chile, em
S. Salvador, etc. As «bidonvilles»
francesas entraram no nosso lin-
guajar quotidiano. Todos conhe-
cemos, igualmente, as «favelas»
do Rio de Janeiro.

(E, a propósito, recorde-se a
famosa resistência dos seus ha-
bitantes em as trocarem por no-
vos bairros noutros locais. Esses
abrigos, fortemente influencia-
dos por padrões rurais, são umas
vezes construções precárias, ou-
tras já de carácter definitivo.
Vão crescendo e são melhoradas
se a permanência no local pa-
rece segura, dando origem a no-
vos aglomerados espontâneos,
com possibilidade de recupera-
ção, se a antevisão dos primiti-
vos ocupantes a permite. É aqui,
precisamente, que eu vejo uma
grande possibilidade de integra-
ção colaborante dos técnicos, por
forma a assegurar, desde o ar-
ranque, condições de melhora-
mento progressivo. E deve ficar
claro que a colectividade conti-
nua a caber um papel insubs-
tituível na instalação de todos os
serviços colectivos e domiciliários.

Segundo o famoso economista
Friedmann, o nosso lema é
«construir comunidades e não
casas», o que põe toda a ênfase
na provisão de terrenos e ser-
viços comunitários.

Esta grande cidade que já vai
sendo Lisboa não pode fugir à
regra de vida das populações nos
países em desenvolvimento.

É, realmente, na capital e sua
área suburbana que o problema
é mais agudo — grande percen-
tagem de ocupação de fogos por
mais de uma família.

— Acrescente-se — continua
Margarida Lobo — que em Lis-

Guiou-me nesta aventu-
ra a arquitecta Margarida
Lobo, que ao terminar o
seu curso se começou a in-
teressar pela solução do
problema da habitação em
Portugal. Veio a estudar,
sobretudo, o aspecto da
contribuição das popula-
ções para a resolução do
seu problema de alojamen-
to. Espera que seja possí-
vel levar a efeito uma ex-
periência neste sentido, se-
melhante a outras tenta-
das noutros países.

«Não sou, aliás, espe-
cialista do problema de ha-
bitação — diz-nos Marga-
rida Lobo — amplamente
desenvolvido pelo dr. Raul
da Silva Pereira. O proble-
ma encontra-se perfeita-
mente analisado nos estu-
dos preparatórios para o
Plano Intercalar e II Plano
de Fomento.

boa há, actualmente, um núme-
ro elevadíssimo de casas à es-
pera de quem as alugue Lis-
boa possui, na realidade, um
elevado índice de sublocação. Co-
nhecem-se casos de habitações
onde a própria casa de banho
é sublocada!

Compreende-se, assim, como
cada palmo dos terrenos citadi-
nos se vai tornando precioso
para a construção lucrativa. As-
sim se compreende a razão por-
que os habitantes dos bairros de
construção mais precária são
afastados dos centros para a pe-
riferia, segundo uma lei que po-
de enunciar-se de maneira opo-
sta à lei de Gresham: «a boa moe-
da expulsa a má moeda da cir-
culação».

Agora é um pouco tarde para
entrarmos na avaliação das con-
dições de vida nos bairros mar-
ginais. Falaremos disso na pró-
xima ocasião. Não se pode dizer
que seja um convite muito agra-
dável para o conforto burguês,
mas não resolve nada fechar os
olhos à realidade. Especialmente
agora, que pode existir a possi-
bilidade de resolver um proble-
ma sem dúvida doloroso. A co-
municacão dessa possibilidade
constitui a razão desta reporta-
gem. Desta aventura.

A seguir: «A CONSTRUÇÃO
LUCRATIVA E A CONSTRU-
ÇÃO SOCIAL»

A PRÓXIMA EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL NOS PAVILHÕES DA JUNQUEIRA

Está definitivamente organizado
o programa dos dois dias — sábado
e domingo próximos — que durará
a 49.ª Exposição Canina Internacio-
nal de Lisboa, acontecimento des-
portivo e mundano que transfor-
mará naqueles dias os pavilhões da
F. I. L., a Junqueira, num centro
de elegância feminina, realçada
pela presença dos mais lindos cães.
Trata-se, conforme já noticiámos,
de uma exposição de campeonato
internacional, patrocinada pela So-
ciedade dos Especialistas de Pequ-
nos Animais, e que é regida pelos
regulamentos do Clube Português
de Canicultura. O certame é aberto
aos exemplares de todas as raças
e variedades oficialmente reconhe-
cidas, registados em livros de ori-
gens.

A falta de apresentação dos
exemplares ao exame médico-vete-
rinário, a sua entrada ou saída do
recinto da exposição fora do horá-
rio estabelecido, a sua ausência da
bancada que lhe está destinada,
bem como a sua não comparência
no ringue após a chamada, são mo-
tivos suficientes de exclusão do
concurso.

HORARIO DO CONCURSO: Dia
13 (sábado) — às 15 horas, entrada
dos exemplares; 16, classificação e
provas de trabalho; das 20 às 21,
intervalo; 21 e 30, continuação da
classificação e das provas de tra-
balho; 24, saída dos concorrentes.
Dia 14 (domingo) — às 15 horas,
entrada dos exemplares; 16, conti-
nuação da classificação e provas de
trabalho; das 20 às 21, intervalo;
21 e 30, desfile dos concorrentes
premiados e distribuição dos prê-
mios; 24, encerramento da exposi-
ção.

Importante: a classificação come-
çará, impreterivelmente, às 16 ho-
ras, nos dias indicados.

A comissão da 49.ª Exposição Ca-

ADMINISTRADOR do Hospital

Rovisco Pais

Segundo portaria hoje publicada
na folha oficial, o sr. dr. Manuel
Neves regressa ao exercício do lu-
gar de administrador do Hospital.
Colónia de Rovisco Pais, vago pela
nomeação definitiva do sr. dr. Al-
berto Machado para o cargo de pro-
vedor-adjunto do Hospital de São
João.



É assim um bairro de construções humildes, em Marrocos



Todos conhecemos as «favelas» do Rio de Janeiro, abrigos fortemente influenciados por padrões rurais

Ora, diga-nos...

—Gosta que lhe tirem o retrato?

Há quem seja (ou se julgue) fotogénico, e quem não seja (ou não se julgue) fotogénico. Há quem diga até que o seu melhor «ângulo» é da esquerda, e quem diga antes que é da direita. Há quem goste que lhe tirem o retrato e quem não goste.



(«Passe lá no jornal, que depois damos-lhe um...»).

O GRÉMIO DAS FARMÁCIAS AGRADECE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

Em carta dirigida ao nosso director, o sr. dr. António de Macedo, presidente da Direcção do Grémio Nacional das Farmácias, agradeceu o relevo dado pelo «Diário de Lisboa» à situação das farmácias portuguesas, pedindo, ao mesmo tempo, para esclarecer que as conclusões desta Direcção quanto à nova legislação sobre abertura de farmácias, se aplicam à revisão da Portaria 19378, para a qual já foi apresentado um projecto às entidades competentes, em que se preconiza uma mais adequada capitação, ou seja, aumento do número médio de habitantes por farmácia.

DIFICULDADES SURGIDAS NO NOVO MERCADO MUNICIPAL DE ÍLHAVO

ÍLHAVO, 8 — Caminham para a sua normalização os serviços de venda ao público do novo Mercado Municipal, que começou a funcionar no dia 1 do corrente. Trata-se de uma obra importantíssima, que virá a resolver no futuro o problema da urbanização do local mais importante da vila. O edifício é amplo e de linhas modernas, devendo ser ali instalados, nos próximos dias, talhos e outros estabelecimentos. A construção do novo mercado, porém, deu lugar a grandes despesas suplementares, pois surgiram novos problemas que se procuram solucionar. A Câmara Municipal continua com os trabalhos no sentido de regularizar a saída das águas que vêm das vassadas, estando a Direcção Distrital das Obras Públicas a colaborar nesses trabalhos.

— Então, pelos vistos, gosta mesmo que lhe tirem um retrato...
— Ah, pois não!
— De resto, o senhor tem um bigode que se presta...
— E o senhor — respondeu-nos, rápido, o sr. Viana — tem uma bela péra.
— Péra, barba e bigode — respondeu o repórter, agastado (a fingir, claro...) com o insulto à sua barba bíblica...
— Desde novo que gosto que me tirem a fotografia — acentuou ainda, após uma breve continuação da troca de impressões sobre as nossas pelagens.

• Depois, foi a um rosto jovem, bonito, sorridente, que tivemos oportunidade de interrogar — Noémia Nogueira, empregada de escritório e dactilógrafa:
— Gosto, gosto — para ficar gira e depois oferecer às pessoas que me pedem.
— A todas?...
— Bem... aos pais, amigos...
— ...e a alguém em especial, não?

Sorriu-se. E sorriram também as suas duas irmãs, qual delas a mais linda (atenção: o repórter não falou só de bigodes e barbas; também teve oportunidade, e boa, para dizer alguns piropos...).

— E como prefere as fotografias?
— Tipo passe, meio-corpo ou corpo inteiro — de qualquer maneira...

E depois:
— Estou a tremer toda. Não tenho jeito para responder a estas coisas...

— Tem, Noémia, tem. E, tratando-se de retratos, não podemos dispensar o seu para valorizar o nosso «Ora, diga-nos...» de hoje...



— Só tiro o retrato quando preciso — por isso, são quase sempre tipo passe. De tirar fotografias gosto, até tenho uma máquina; mas nunca consegui aproveitar um rolo todo...



• O sr. Artur Augusto de Campos, empregado de uma organização editorial, foi o nosso último entrevistado:
— Não desgosto. Mas dizer que gosto... Gosto mais de bolorei...
— Quer dizer: não gosta, nem desgosta, antes pelo contrário...
— Exactamente.
— ?...

FIGURA DE COSTAS

CAMINHAVA á nossa frente, a certa distancia. Conheci-a logo. Mesmo de costas, a sua figura é-me familiar. Corpo esguio, movimentos coleantes de mulher que quer chamar as atenções, perna muito fina, saindo de mini-saia «á estrangeira», como se de colegial atrevida se tratasse. Vestido vistoso, berriante. Rendas, folhos, peles, flores e brincos sobre os ombros.

Cartaz berrante, fazendo o seu habitual passeio diário pela Baixa.

Caminhava á nossa frente, mas eu adivinhava o rosto quase jovem coberto por uma máscara de pintura, o ar inocente com que provoca os olhares de quantos passam por ela. Pisava o chão com a elegancia e leveza de uma dama da corte, meneando-se como uma corista ordinária.

Era ela. Se o não soubesse, bastaria para o confirmar a reacção dos que vinham em sentido contrário. Alguns fiavam de boca aberta, paralisados. Outros, não reparando no seu olhar distante, sereno e ligeiramente irónico, diziam

gracejos. Havia quem se risse, á sucapa, dando apenas pelo espantinho, sem atentar na rapariga que ali ia, ou quem a provocasse com grosserias, sem perceber que sonho não tem ouvidos.

Mas também nos chegavam palavras ciciadas de pena, de simpatia, de compaixão. «Coi-tadinha».

Um dos meus amigos, que é poeta, explicou-nos que a rapariga mora para os seus lados. E contou-nos a sua história: foi artista de certo mérito, andou por Londres e Paris, casou com um estrangeiro mas o marido, a certa altura, abandonou-a.

A rapariga ficou ferida profundamente no seu orgulho de mulher, e anda pela cidade provando que atrai as atenções dos homens.

Provando a quem?
A si mesma. Indiferente aos perseguidores, ás palavras obscenas, aos convites, aos simples galanteios.

Indiferente por fora. Mas, interiormente, cada olhar, cada palavra, cada gesto que provoca é uma vitória. Uma pedra do edificio de vingança

terrível que nasceu naquele cérebro angustiado.

A sua missão na terra é atrair os homens e repeli-los, depois.

Uma mulher de meia idade, que vendia jornais nas escadas do Metropolitan, percebeu que iam a falar da rapariga e entrou no grupo.

— É uma pena, coitadinha! Porque não a metem num hospital?

Frase terrível. A vendedeira de gazetas colocava-nos perante as nossas responsabilidades. Sim, porque não a internávamos? Por que não resolvíamos os problemas das pessoas, do País e do Mundo?

Só sentíamos os dramas, só falávamos. Tudo conversa.

O meu amigo, que é poeta, alijou a sua responsabilidade naquele caso.

— Estou convencido de que a maçã, se tivesse sido interdada a tempo, podia estar curada.

— Tenho aqui a «grande» — disse um cateleiro, que também se integrara no grupo.

Olhei para o velho, espancado. O fantasma colorido era agora apenas, uma mancha ao longe, cada vez mais perdida na multidão.

MANUEL DE AZEVEDO

Diário de Lisboa

COIMBRA

DOCTORAMENTO pela Faculdade de Direito

Na Sala Grande dos Actos, começaram hoje as provas de doutoramento, pela Faculdade de Direito, que prestam os candidatos, licenciados srs. drs. Orlando Alves Pereira de Carvalho e António Castanheira Neves.

Preside o director daquela Faculdade, sr. prof. dr. Afonso Rodrigues Queiró, e as provas constam da defesa da dissertação apresentada pelos candidatos. O sr. dr. Orlando Alves Pereira de Carvalho, defende a tese: «Critério e estrutura do estabelecimento comercial», e tem como arguente o sr. prof. dr. Ferrer Correia; e a do sr. dr. António Castanheira Neves teve por tema: «Questão de facto — questão de direito ou o problema metodológico da juridicidade», sendo arguente o sr. prof. dr. Eduardo Correia.

As provas prosseguem depois de amanhã, na mesma sala, ás 15 e 16 horas, respectivamente.

Tuna Académica

Regressou da sua digressão artística por terras da Beira, a Tuna Académica da Universidade. Sob a direcção do sr. prof. Tobias Cardoso, o famoso agrupamento artístico, deu espectáculos em Arganil, Seia e Covilhã e alcançou assinalados êxitos.

Campanha das vocações

O bispo de Coimbra, sr. D. Fr. Francisco Rendelro, foi hoje ao Luso, acompanhado pelo secretário diocesano da Obra das Vocações, rev. António de Sousa, e pelo rev. dr. José Antunes, professor do seminário, para presidir a uma reunião desse arceprelado sobre a estruturação da Obra das Vocações.

Rotary Clube de Lisboa

Reune-se amanhã, em almoço, no Hotel Tivoli (13 horas), o Rotary Clube de Lisboa. A palestra regulamentar será proferida pelo sr. António de Moura e Silva, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, que dissertará sobre o tema «O bombeiro — um homem ao serviço do bem».

TRANSFERÊNCIAS DE ESTUDANTES

Já deram entrada na secretaria da Universidade os requerimentos de transferência, para Coimbra, das Universidades de Lisboa e do Porto, do Instituto Superior Técnico e dos Estudos Gerais Universitários de Angola dos seguintes estudantes:

Faculdade de Direito — Alcindo Dias Pinheiro, António José Cabral de Almeida, António Porfírio Moreira, Artur Manuel de Figueiredo Alcântara, Carlos Frederico de Almeida Costa Leitão, Fernando Manuel Serra Reis, João Marques Mendes Nabais, Joaquim Jacinto Lameiras Queirós, Joaquim Monteiro Vaz, José António de Araújo e Maria da Assunção Coelho Fortes.

Faculdade de Medicina — Carlos Alberto Nogueira de Matos Cordeiro, João Luís Moreira Ribeiro Roda, Jorge Luís Rebelo de Brito Vale, Maria Inês Ramos e Pedro Trindade da França.

Faculdade de Ciências — Altino Nunes Lourenço, Alvaro Eduardo Ferreira, Alvaro de Sousa Martins, Américo Alves Bernardino, Ana da Graça Martins Carvalho Santos, Ana Maria Vale de Castro, Neves, António Manuel Balio dos Santos Teixeira, António Manuel Rocha Carneiro de Araújo, António Paulo dos Santos Silveira da Fonseca, António Vaz Branco, Armandina Maria Machado Tsou, Augusto Carlos Leal Machado de Aguiar, Aprígio de Carvalho Rocha, Conceição Maria Rebelo, Deolinda da Silva, Eduardo Alberto Moreira de Carvalho, Eduardo Belez de Magalhães Bastos, Ermelinda Natércia Rogadas Lourenço, Estrela Cândida Leite da Silva, Fernando Victor Assis Vieira da Silva, Gustavo Alves de Gesaler, Henrique José da Rocha Varenga, Isabel Maria Corte-Real Rodrigues Sarmento, João Gonçalves Monteiro, João Henrique Teixeira Ventura, João Luís de Pinho Ferreira, João Manuel Cardoso Machado, João Manuel de Silva Vale Serrano, João Manuel Soeiro de Carvalho, Joaquim Afonso Moreira Fernandes Pereira, Jorge Manuel Carneiro Pinto, Jorge Manuel Monteiro Pinho, José Abel

Ferreira de Andrade, José Albano Figueiredo Gouveia, José António Ratinho Lucas Lucas, José António Rebelo da Costa, José de Araújo Guedes, José Carlos de Azevedo Silveira Rodrigues, José Carlos de Sousa Henriques, José Manuel Mira Fadista, José João Soto Maior Roque Pinho, José Justino de Macedo Timóteo, José Manuel Guimarães Machado, José Manuel Pinto Ferreira Mergulhão, Manuel Fontes Orvalho, Manuel José Guedes Patrício, Manuel Pinto Ribeiro, Maria Adelaide Lima Campos, Maria Alexandra Cruz Sanches de Castro, Maria Alice de Oliveira Marques, Maria Celeste Alves Neves, Maria da Conceição Machado Alvi, Maria Dolores Pereira da Costa, Maria Elina de Andrade Braga, Maria Estrela Mesquita Trigo, Maria Fernanda Martins da Silva, Maria da Glória Araújo Miranda, Maria da Glória Costa do Espírito Santo, Maria Glória de Oliveira Santos, Maria Helena de Jesus Carvalho, Maria Hermínia de Oliveira Marques Cândido, Maria Inês Pinto Moraes, Maria Isabel Fontes da Silva, Maria Júlia Pitrez Ferreira de Moraes, Maria Laura Soares de Castro, Maria Luísa Pinheiro de Sousa Nogueira, Maria de Fátima Carvalho Ribeiro, Maria Laura Costa Monteiro, Maria Licínia Cardoso Gomes da Rocha, Maria Lucília Santos Ferreira, Maria Luísa Pacheco da Silva Vieira, Maria Manuel dos Santos Styliano Carreira, Mário Filipe Douteil Rodrigues de Almeida, Marta Carmelina Gouveia Lopes, Maximiano de Carvalho, Miguel João Duarte de Sousa Souto, Natércia Maria Galvão de Oliveira, Olga Maria Almada de Carvalho Branco, Olga Maria Pereira Ramos, Pedro António Viana de Paiva Boléo, Piedade da Conceição Pais de Oliveira, Raul Alexandre Soares de Albergaria e Ricardo Manuel de Araújo Catarino.

Escola Superior de Farmácia — Maria da Conceição Baptista Trigo, Maria da Conceição de Oliveira Braga, Maria Madalena Henriques de Almeida Moraes, Maria Teresa Guerra de Castro e Ondina de Lourdes Iglésias Rodrigues.

Farmácias de serviço

VILAÇA — Rua Ferreira Borges (Tel. 22043).
NEVES MORGADO — Rua da Moeda (Tel. 23738).
BAPTISTA — Praça da República (Tel. 23747).
OLIVAIS — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 22804).

A BOA AZEITONA ORIGINA O BOM AZEITE...

PROVE AS DELICIOSAS AZEITONAS E

SIRVA-SE DO MAGNÍFICO AZEITE DA



CASA AGRÍCOLA SANTOS JORGE

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO NA

— Rua Braamcamp, 50-A (Tel. 48639)
— Rua Coronel Bento Roma, 45-D (Tel. 711849)
(Paralela à Rua Dr. Gama Barros)

Adultos

INEXCEDÍVEL DE MALÍCIA...
DESLUMBRANTE QUANDO
"MOSTRA" QUATRO MULHERES
FORMOSÍSSIMAS...

EASTMANGOLOR



AS FEITICEIRAS

Interpretes

CAPUCINE
CLAUDIA CARDINALE
ALBERTO SORDI
JEAN SOREL
MONICA VITTI
RAQUEL WELCH

ENRICO MARIA SALERNO
GASTONE MOSCHIN

Realização de
MAURO BOLOGNINI, MARIO MONICELLI
ANTONIO PIETRANGELI, LUCIANO SALCE
Produção de
GIANNI HECHT LUCARI

CO-PRODUCTION FRANCO-ITALIENNE
DOCUMENTO FILM, ROME
COLUMBIA FILMS S.A. PARIS



AS FEITICEIRAS

(LE FATE)

CLAUDIA CARDINALE .. CAPUCINE .. MONICA VITTI .. RAQUEL WELCH ..

NÃO QUEIRA ARREPENDER-SE DE TER PERDIDO A ESTREIA... AMANHÃ

no **MONUMENTAL**

METRO-GOLDWYN-MAYER apresenta
UMA PRODUÇÃO KENNETH HYMAN

50 FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM



GEN. COM. 83-SKH-3704

TOP SECRET

Major Reisman

O Alto Comando Aliado ordena-lhe que seleccione
doze cadastrados condenados à morte, ou a longas penas
de prisão, por assassinio, estupro, roubo ou outros crimes
de brutal violência.

Deverá treiná-los em missões de «comandos» e lar-
gá-los por detrás das linhas inimigas em França, a fim
de executarem uma operação de sabotagem que alterará
o curso da guerra.

Em código, essa missão será deno-
minada «O Voltar da Página»
e os homens...



com
LEE
MARVIN

Doze Indomáveis Patifes

RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA!

Adultos



Argumento de NUNNALLY JOHNSON e LUKAS HELLER. Bas na nov. de E. M. NATHANSON. Produz. de KENNETH HYMAN. Uma obra-prima de ROBERT ALDRICH

COM TODA A RESPONSABILIDADE LHE AFIRMAMOS:

NUNCA VIU NADA SEMELHANTE!

4ª FEIRA

NA PERFEITA PROJEÇÃO DO
IMPÉRIO



O argumento do filme **DOZE INDOMÁVEIS PATIFES** é baseado no
romance de E. M. Nathanson publicado pela **PORTUGÁLIA EDITORA**
na Coleção Cinema, com o mesmo título

LUSTRES

de sono para a sua casa. Fábrica.
Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq.
- Tel. 771639 (ao Campo Pequeno)

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça
Matosinhos Foz Avenida da Boavista Carvalho Rotunda
da Boavista. Praça Marquês de Pombal Rua de Costa Cabral Constitui-
ção Praça da República Bonfim e Antas a partir das 19 e 30. e na Ta-
bacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir
das 20 horas.

Diário de Lisboa

TEATRO

MARIA VITÓRIA

HOJE AS 20.45 e 23 HORAS



MARIEMA:

um espectáculo!

um fantástico triunfo para
SALVADOR • VIANA • DULCE

MARIEMA • MAX • ANITA

A REVISTA
QUE É UM
VERDADEIRO
FESTIVAL
DE RISOTA!

Pão,
Pão...
Queijo,
Queijo

TEATRO CAPITÓLIO

Tel. 327493

As 21.45 h. (ADULTOS)

O grande êxito de EDWARD
ALBEE apresentado pela Compa-
nhia do Teatro Nacional

D. Maria II
**EQUILIBRIO
INSTÁVEL**

trad. de F. FRAGOSO

TRINDADE

HOJE,
às 21.45 h.
P. N. A. T.

A ESPOSA TROCADA

com o notável elenco do

TEATRO NACIONAL POPULAR

Subsidiado pelo Fundo do Teatro
Direcção de Francisco Ribeiro

EM ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES
(Adultos)

VENDE-SE

Riga em grande quantidade de
uma demolição. Falar na Avenida da
Boavista — Porto. Das 9 horas às
18 horas — com Tiago Augusto Aze-
vedo Moreira.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A artista Florbeia Queiroz, ago-
ra regressada à Metrópole, de-
sistiu da sua próxima e já anun-
ciada deslocação ao estrangeiro.
- O actor Paulo Renato não desis-
tiu da reorganização do Teatro-
Oficina que ontem deu o seu
último espectáculo.
- Vai ser estradada, ainda esta se-
mana, uma nova peça no Teatro
da Trindade.
- Também será estradada, dentro
de dias, pela Companhia de Te-
atro Experimental de Cascais, a
peça «O comissário da Polícia»,
em nova e original encenação
de Carlos Avilez.
- Antes de se ir para o Porto, a
companhia do Teatro ABC vai
fazer uma curta digressão pela
provincia.
- Parte dos artistas que se encon-
tram presentemente, no Porto,

(Continua na 6.ª página)

TEATRO Telef 32 60 37

VARIEDADES

HOJE AS 20.45 e 23 HORAS

A PRODIGIOSA SUPER-
REVISTA DE GRANDE
ESPECTÁCULO

Pois, pois...

com o fabuloso
RAUL SOLNADO

IVONE SILVA

BARROSO • CORTEZ
NICHOLSON • CLARISSE

a voz de
MARIA TERESA QUINTA

o ballet inglês
THE SANTIAGO DANCER'S
a atracção brasileira

WANDA MORENO



SOLNADO:
em
incorporação
«O TROVADOR MEDIEVAL»

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES NO

MONUMENTAL

TEATRO

LAURA ALVES em

Tel. 55 51 33

A FLOR DO CACTO

As 21.45 h.

Domingo à tarde

às 16 horas

(ADULTOS)

com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA

ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE

VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA

encenação de VASCO CORVALHO

Um espectáculo de VASCO CORVALHO

DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

7.º MÊS

Brevemente: HENRIQUE SANTANA em «UM ANJO DE CHAPEU
DE PALHA», com IRENE ISIDRO (Adultos).

O que vimos e ouvimos

SEGREDOS DO MAR — Um grupo de socios do Ateneu Comercial de Lisboa está a constituir ali o «Museu do Mar». Já têm 1400 conchas — uma gota de água, é verdade, se nos lembrarmos que existem cerca de 100 mil. E começaram por uma sala, já vão em duas.

Soube-se isto pela rubrica inventada e apresentada por Helder Mendes. Rubrica ponto de partida para um trabalho sério e em profundidade do conhecimento do mar e do homem do mar portugueses? Oxalá.

Tudo se revestiu de interesse: o passeio pelo fundo do Portinho da Arrábida e a lição dos moços do Ateneu que sonham acordados. Imaginem que nem a altissonância do nome «Museu do Mar» achei pretensiosa. Pisca ao lume da terra uma réstea verde e logo ali lhe chamamos pinheiro. É próprio do homem ver como as coisas hão-de ser um dia.

Agora, já que Helder Mendes está empenhado em nos mostrar o mar por dentro, uma sugestão: dê um salto a fihavo e mergulhe no seu Museu Marítimo, na certeza de que vai maravilhar-se e maravilhar-nos a nós. Sabem? O mar em fihavo fez-se gente: homens que vão, mulheres que ficam. No Museu de lá lê-se, como em livro perfeito, a aventura do homem dos mil mistérios salgados. Se fecho os olhos até me ver menino, encontro-me a inventar barcos de casqueira para deitar na enxurrada da Rua Direita. As velas dos homens, lá, são esteiros do mar.

Etc., etc. Ficava para aqui até amanhã a fazer literatúral. E não é isso o que eu quero. O que eu quero é meter uma cunhazinha ao Helder Mendes para visitar fihavo e o Museu Olhe, e dê uma volta pelas ruas e carris, se quer ver como o mar sabe andar pela terra. E sem escafandro, caramba!

CAPITÃO SCARLET — FOLCLORE

O capitão Scarlet prossegue a sua luta contra os «misterios», marcanos resolvidos a destruir todos os habitantes da Terra. Nunca lhe seremos suficientemente gratos. Ontem vimos o «unitrão», espécie de tanque apresentado como indestrutível, mas que no fim se esmagou numa breve ribanceira, explode e arde como um simples automóvel de cartão.

A história é confusa. E ambígua. Não sei que guerra fria, guerra de nervos, e o comando supremo está em Nova York. O calafrio vem com as perseguições, as explosões, os tiros, as desintegrações pelo método do «recto-metabolismo», a ciência toda lançada no caminho da destruição e aí temos para quantos milhares de jovens espectadores mais uma noite de pesadelos, com todo este veneno da imagina-

ção, com toda esta falsificação da fantasia...

Felizmente que daí a minutos recebemos a visita do «Folclore», a que, como habitualmente, presidiu a boa disposição, embora esta sofra de antonionobrite aguda. Bailaricou o «Rancho de Pescadores» de Matosinhos, constituído há três meses, o apresentador diz que é muito bom, que é mesmo dos melhores que há e que o mandem ao estrangeiro, para lá fora verem como é. E depois de se citar António Boto, veio um «virar», veio a «farrapeirinha», veio o «malhão», veio a «tirana». Enfim, veio toda a riqueza do originalíssimo folclore de Matosinhos através de algumas modalidades dancarinicas completamente desconhecidas do telespectador.

Mas tudo esquece quando chega «o Santo», ah, aquele jeito de alisar a marrafinha depois de pregar uma sova nos bandidos...

Bom, o serão chega ao fim. Dizem que ainda vamos ter Beethoven, tocado por Rubinstein numa transmissão da B. B. C. Fico. Rubinstein, ao vivo, é um acontecimento que devia considerar-se de interesse nacional — e de que tão pouco se falou na nossa Televisão. Eu sei que Rubinstein não marcou nenhum gol nem fez uma defesa arrojada aos pés de. Mas em todo o caso, ter-se chamado um pouco para ele a atenção do grande público não era nada excessivo.

A propósito: parece que teremos também, ao fim da noite, os golos de Eusebio, Torres e Valdir. Domingo fechará com chave de ouro. — M. C.

HOJE PODE VER...

● As 21 e 55: Folhetim
A R.T.P. apresenta, esta noite, o 3.º episódio filmado da série «Dr. Kildare», com os artistas Richard Chamberlain, Marilyn Mason, Robert Reed, Tom Nardini e Raymond Masey.

● As 22 e 55: TV Clube
O TV Clube de hoje é preenchido pelo conjunto Segundo Galarza e os seus violinos. Este programa, dedicado à música vasca, é realizado por Henrique Pavão.



RICHARD BURTON, OFICIAL DA «WEHRMACHT» — O próximo filme do marido de Elizabeth Taylor chama-se «Onde as águas se arriscam» e está a ser rodado na cidade austríaca de Salzburgo. Novidade: o actor de Shakespeare mete-se pela primeira vez na pele de um oficial da «Wehrmacht» hitleriana

«O Comissário de Polícia» estreia-se dentro de dias em Cascais

É dentro de poucos dias que se estreia no Teatro Gil Vicente, em Cascais, o novo espectáculo de Carlos Avilez que já criou a sua volta a maior expectativa. Trata-se da farsa, em 4 actos, de Gervásio Lobato «O Comissário de Polícia», representada pela primeira vez em Lisboa, no Teatro do Ginásio, há mais de cinquenta anos e que aparece agora rejuvenescida, cheia de pitoresco, de actualidade, interpretada por todo o elenco do Teatro Experimental de Cascais a que se juntou mais um valioso nome: a actriz Brunilde Judice, que dá a sua colaboração especial a este espectáculo.

«O Comissário de Polícia», que tem como principais intérpretes Mirita Casimiro, Mário Pereira (no protagonista), Maria do Céu Guerra, João Vasco, Zita Duarte, Santos Manuel, Lia Gama, António Marques, Marília Costa e ainda Nicolau Paíagua, Eugénia Bettencourt, Luís Barreto, Ana Leiria, Wladimiro Franklin, Elisa Lisboa, Nuno Fernandes, Li Pascoal, Luís Machado, Fátima Ferreira, Raul Caria, Maria da Assunção, Carlos Dantas, Luís Lupi, Carlos Verissimo e Carlos Azurva, é encenado por Avilez, com cenários e figurinos de Pinto de Campos e coreografia de Agueda Sena, para maiores de 12 anos. Sonoplastia de Fernando Pires, Luzes de Manuel Miranda. Assiste na encenação o actor António Marques.

Esta nova obra do T. E. C., cuja montagem espectacular e rica apresenta motivos de grande originalidade e fantasia, tem o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol e subsídios do Fundo de Teatro e da Fundação Gulbenkian.

NOS PALCOS DO MUNDO

A comédia «Quero ver Miussov», do dramaturgo russo Kataiev, está, na versão francesa, actualmente em cena no Teatro das Galerias, em Bruxelas.

★ António de Cabo, director do Teatro Ginásio, do Rio de Janeiro, começou a ensaiar a peça do dramaturgo espanhol Alfonso Paso «Catalina não é formal», estreada, há alguns anos, no teatro Maria Guerrero, em Madrid.

★ Estreou-se em Nova York a primeira obra de um dramaturgo nigeriano Wole Soyinka: trata-se da peça, em um acto, «O processo do irmão Jeron».

★ Depois de amanhã, a Comédia Francesa repõe em cena a peça de Molière «O anfitrião», que não é representada nas salas do Palais Royal desde há três anos. Distribuição: Jacques Charon (anfitrião), Robert Hirsch (Sósia), Jean Piat (Mercurio), François Chammette (Júpiter), Catherine Samie (Cleantis), Geneviève Casile (Alcega) e François Kanel (A noite).

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * Estreou-se na Adega Machado a artista Alice de Aguiar.
- * Da artista Marília Simão apareceu agora um novo disco.
- * Encontra-se doente a artista Alice Maria que tem estado a actuar na «Severa».
- * Neste restaurante típico está presentemente a cantar a artista Isaura Alice de Carvalho.
- * O acordeonista Tulio Pereira desistiu, pelo menos por agora, da sua projectada digressão aos Estados Unidos.

ESTRIBO CLUBE

E
BOITE «GO-GO»

BIRRE — CASCAIS

PARTICIPAM QUE PASSAM A ENCERRAR AS TERÇAS-FEIRAS, PARA DECANSO DO SEU PESSOAL

★
**AS DORES NAS COSTAS
NECESSITAM DE CALOR**
★

Aplicar um Emplastro ALLCOCK que lhe dará um alívio suave e firme que se assemelha ao do apoio benéfico dumha mão forte e quente. Os Emplastros Porosos ALLCOCK proporcionam uma acção de massagem automática, acompanhada dumha irradiação de calor que provoca um rápido bem-estar. Os Emplastros Porosos ALLCOCK fazem fluir o sangue e parte dorida, causando alívio naquele ponto. Os Emplastros ALLCOCK são duráveis, e tiram-se com facilidade.

Paga sempre
o verdadeiro

Emplastro poroso
ALLCOCK

ELE TRABALHA EM SEU BENEFÍCIO
SEM INTERROMPER AS SUAS ACTIVIDADES

"O
FILME
DO
ANO!"



A OBRA-PRIMA DE
ANTONIONI
com
VANESSA REDGRAVE
DADID HEMMINGS-SARAH MILES
FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme
METRO-GOLDWYN-MAYER

**GRANDE PRÉMIO
INTERNACIONAL
DO FESTIVAL
CANNES 1967**



Prod. de CARLO PONTI

Metrocolor

Adultos

HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO

AMANHÃ, ESTREIA DA MAIOR EXPECTATIVA NOS CINEMAS **CONDES** e **ROMA**

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

- a trabalhar no Teatro Sá da Bandeira deve regressar, dentro de dias, a Lisboa, para tomar parte nos ensaios da nova revista do Monumental «Lisboa é sempre Lisboa».
- Só deve regressar a Lisboa, no próximo dia 20, o agrupamento «Vedetas-Shaw».
- O actor Igrejas Casiro parece ter desistido da exploração do novo teatro da Avenida de Roma.

TEATRO VILLARET

«Deliciosamente louca» — um alegre espectáculo

«Deliciosamente louca» é, sem dúvida, um dos mais alegres espectáculos do momento. Interpretado por um excelente grupo de actores dirigidos por Paulo Renato, esta comédia francesa que Armando Cortês traduziu reúne em cena Eunice Muñoz, Rui de Carvalho, Rogério Paulo, José de Castro, Henriqueta Maya, João Perry, Clara Rocha, Madalena Braga e Vasco Morgado, Jr.

Hoje e todas as noites, para adultos, 2 sessões, às 21 e às 23 horas.

MARIA VITÓRIA

O extraordinário automóvel-voador na revista «Pão, pão... queijo, queijo»

Grande atracção dos melhores e mais renomados palcos mundiais o famoso automóvel-voador é agora, também a maior sensação dos nossos plateias. Em «Pão, pão... queijo, queijo» arranca as mais estrepitosas gargalhadas, colocando o público em verdadeiro delírio graças aos maneios hilariantes de Salvador e Viana. Em quarto mês de exibição, a revista popular «Pão, pão... queijo, queijo» é produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, segundo texto de Aníbal Nazareno, Eugénio Salvador e José Viana; com música de João Nobre e Carlos Dias; montagem de Hernâni e Rui Martins; figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos prestigiosos «ateliers» Paiva, coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador. Um elenco verdadeiramente constelado de estrelas cintila no topo do cartaz da Maria Vitória: Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta Maria Dulce, Mariema, Max, Anita Guerreiro, a jovem revelação Dora Leal, Vítor Mendes; as discípulas Júlia Alves, Tânia Mota e Maria Antónia; a fadista Aminda da Conceição, um empolgante «ballet» internacional e o já fa-

moso automóvel-voador que é o principal responsável por numerosas gargalhadas e por um êxito que corre Lisboa inteira. Todas as noites, pelas 20 e 45 e 23 horas, e hoje também pelas 16 horas, prossegue o triunfo da fantástica revista popular «Pão, pão... queijo, queijo».

VARIEDADES

A voz apaixonante de Maria Teresa Quinta na super-revista «Pois, pois...»

Nascida em Barcelos, Maria Teresa Quinta recebeu no Brasil o seu baptismo artístico: hoje, lançada na alta-roda do disco, tem a sua apaixonante voz na super-revista «Pois, pois...» agraçando os melhores aplausos em quadros como «No Ribatejo é Assim» e «Sinos de Portugal».

TEATRO VILLARET

As 21 horas e às 23 horas
LOUCURA, LUXO
E GARGALHADAS
em



Deliciosamente louca!

com
EUNICE MUÑOZ
RUI DE CARVALHO
ROGÉRIO PAULO
JOSE DE CASTRO
HENRIQUETA MAYA
JOAO PERRY
CLARA ROCHA
MADALENA BRAGA
VASCO MORGADO JR.

«Mulheres à vela» — despedida de um sensacional espectáculo

Cumprida que foi uma carreira notável, a revista «Mulheres à vela» está prestes a iniciar a sua digressão pela província, transportando aos palcos do País a graça incomparável de um espectáculo de elite. Escreveram o texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Brancina, sendo da autoria de João Nobre e João de Vasconcelos a música, magnífica, que ilustra «Mulheres à vela». Mestre Charles dirigiu a coreografia e Mário Alberto desenhou os figurinos e dirigiu a montagem. O guarda-roupa, de autêntico luxo, foi executado nos «ateliers» Paiva, sob direcção de Josefina Soares.

Na base deste espectáculo esteve um nome, um homem de teatro, o empresário José Miguel que se rodeou de um sensacional elenco. Espectáculo de características predominantemente populares, «Mulheres à vela» foi a revista-êxito de 1967 e continua, no presente ano, uma carreira triunfal.

Entretanto, indicamos algumas localidades da província onde se efectuarão espectáculos de «Mulheres à vela»: amanhã, Montijo; dia 9, Torres Vedras; 10, Leiria; 13 e 14, despedida de «Mulheres à vela» do palco do A. B. C.; e, no dia 18, estreia no Porto, no Teatro Sá da Bandeira.

«Mulheres à vela» representa-se hoje às 20 e 45 e às 23 horas, e também em «matinées» às 16 horas.

MONUMENTAL

Últimas representações da aplaudida comédia «A flor do cacto»

Depois do grandioso êxito alcançado, ao longo de 7 meses no cartaz do Monumental, Vasco Morgado informa o seu público de que, por motivo das modificações de programação dos seus espectáculos, originadas pelo incêndio do Teatro Avenida, «A Flor do Cacto» se encontra, agora, em últimas representações naquele teatro, apesar de continuar todos os dias a grande afluência de público.

Assim, «A Flor do Cacto» manter-se-á em cena apenas mais alguns dias, dando ainda uma oportunidade aos que não puderam assistir à sua apresentação para depois iniciar uma digressão pelas principais cidades e vilas do País.

Trata-se de facto duma comédia excepcional, em que Laura Alves, mais uma vez, põe à prova o seu grande talento de comediantes, no que é muito bem coadjuvada por Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Afonso Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Aida Pinto e Norberto de Sousa.

Todas as noites espectáculos às 21 e 45

«A MULHER FELINA» NA SESSÃO CLÁSSICA DO IMPÉRIO

Um Oscar para o melhor intérprete e dois prémios no Festival de Berlim, justificaram a primeira realização de Elliot Silverstein, um nome que foi da TV para o Cinema como tantos outros que têm contribuído para a renovação do cinema americano — «Cat Balou» («A mulher felina»).

Jane Fonda, Lee Marvin, Michael Callan e o malogrado Nat King Cole são os intérpretes desta inesquecível sátira aos filmes de Oeste americano onde não foram esquecidos quaisquer das características fundamentais do espectáculo cinematográfico americano e que serve de modelo da renovação operada em Hollywood contra a rotina industrial.

«Cat Balou» («A mulher felina») rodada em *Columbiacolor* é o filme invulgar da próxima sessão clássica do Império — quarta-feira às 18 e 30.

PROPAGANDA ORIGINAL

BARCELONA — Um lançamento de balões contendo convites para assistir ao Festival Internacional de Cinema de San Sebastian, destinados às pessoas que consigam apanhá-los, efectua-se no domingo, no Estádio do Barcelona, momentos antes do encontro de futebol entre aquele clube e o Real Sociedad, para o campeonato espanhol.

Os convites dão direito a uma permanência gratuita de oito dias em San Sebastian e às despesas de viagem. O festival efectua-se em Julho.

as quinzenas
do bom cinema

anunciam:

3 mestres
do cinema italiano

antonioni
fellini
visconti

hoje

os inúteis, com
alberto sordi, franco
fabrizi, ricardo fellini, etc.
um filme de fellini

dia 10

o sheik branco, com
alberto sordi, giulietta
massina, etc.
um filme de fellini

dia 12

sentimento, com
alida valli, franley
granger, massimo girotti,
etc.
um filme de visconti

dia 15

a noite, com
jeanne moreau, marcello
mastroianni, monica
vitti, etc.
um filme de antonioni

dia 17

o leopardo, com
burt lancaster, alain
delon, claudia cardinale,
etc.
um filme de visconti

dia 19

o eclipse, com
alain delon, monica
vitti, francisco rabal, etc.
um filme de antonioni

cinema

monumental

às 18.30 h.

sessões para adultos

UM CASO VERDADEIRAMENTE
APAIXONANTE QUE
TEM EMOCIONADO
AS MULHERES DE
TODO O MUNDO!

17 ANOS



CHEGOU A TER O MUNDO
A SEUS PÉS...

...PARA ACABAR
AOS PÉS DO MUNDO!...

QUAL O SEU
SEGREDO, A
ORIGEM DA
SUA VERGONHA?

PORQUE A MARCARAM COM TAL ESTIGMA? PORQUE LHE CHAMAVAM MADAME X?

LANA TURNER • JOHN FORSYTHE • RICARDO MONTALBAN • BURGESS MEREDITH
CONSTANCE BENNET • KEIR DULLEA • Produção de ROSS HUNTER • Realização de DAVID LOWELL RICH

AMANHÃ

ARREBATADORA ESTREIA
UM FILME DA «UNIVERSAL» DISTRIBUIDO POR SONORO FILME

AVIS

Dificuldades de uma defesa europeia

O ano passado, «Réalités» interrogava os nossos grandes dirigentes políticos a respeito da sua atitude perante a força de ataque.

Respondeu Valéry Giscard d'Estaing:

«A França é capaz de ter um certo tipo de armamento nuclear moderno. Não tem, no meu entender, os meios para dispor da gama completa das armas».

Esta última afirmativa não seria desaceite por nenhum elemento da oposição: há, portanto, uma virtual maioria a tal respeito.

Outro testemunho, de Lacanet, encarava a hipótese de «pôr o instrumento já criado à disposição de uma organização comunitária».

Por sua vez, Mitterrand: «entregar a sorte da nossa força de ataque à decisão de uma conferência internacional».

Tanto para o dirigente da esquerda, como para o do centro, esta renúncia ao isolamento devia ter, por contrapartida, uma associação das responsabilidades estratégicas internacionais:

«A França, precisava Mitterrand, deve exigir a sua participação nas decisões sobre o emprego atômico eventual».

Defferre já dissera isto a seu tempo.

Será um voto piedoso ou uma possibilidade real?

Há dez anos, numa época em que a aliança atlântica não era discutida mas em que se lastimava em França o não receber

E Mac Namara, ao responder-lhe, repudiava, inteiramente, a sugestão.

Nesta matéria, aliás, a procura enfraqueceu ao mesmo tempo que a oferta. Para os partidos europeus, da esquerda, é mais duma fiscalização

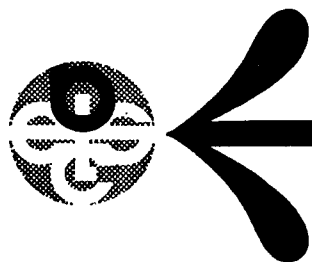
negativa que se trata; preocupam-se mais com impedir o seu emprego intempestivo, do que tratar de garantir a utilização de tais armas.

E a força naval «multilateral», algum tempo encarada,

(Continua na 13.ª página)

O PRETO NO BRANCO ATRAVÉS DO SEU BANCO

Realize os seus projectos, através do
CRÉDITO INDIVIDUAL
do Banco Espírito Santo
e Comercial de Lisboa



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



ALUGA-SE

Em Carcavelos — Moradia

Avenida Maria Conceição,
16 e 16 A

200 metros do caminho ferro.
disponível em Fevereiro: 8 assoa-
lhadas, 2 casas banho, um lavabo
com W. C., pequeno jardim, ga-
ragem poço com água, capoeiras,
arrecadações

Trata telefone 2472521 ou
327765 com Morgado — estação
Cais Sodré



DÁ-ME A TUA MÃO

Dá-me a tua mão, amiga, para irmos pelas ruas ver o rosto das mulheres que passam. Já reparaste como são diferentes os rostos das mulheres? Como dizem tanto e nada dizem? Vamos pelas ruas, amiga, a várias horas ver o rosto das mulheres que passam. Talvez assim principies a conhecer as mulheres do teu país.

Que ideia fazes das mulheres do teu país? Que sabes tu da tua vizinha do lado, da rapariga bem que passa por baixo da tua janela com o braço do namorado sobre os ombros? Sabes o que pensa ao certo a rapariga protegida pelo braço carinhoso do rapaz que caminha a seu lado? E saberás acaso se a tua vizinha do lado terá outras preocupações a não ser o jantar que tem de servir ao marido ou o sarampo do filho mais pequeno? Saberás tu se ela já pensou que desconhece a vida interior ou, melhor, a vida exterior do seu marido? Dá-me a tua mão, amiga, e vamos pelas ruas. Olhar as mulheres que passam de olhos no chão e as que levantam a cabeça e fitam teimosamente sempre em frente. Em que pensarão? Quais serão as suas preocupações? E as que, descontraindo, passam a vista à sua volta, a posarem nos vestidos das mulheres ou na barba talhada dos homens... Que procuram?

Repara no olhar humilde da varredora da rua. Humilde e ausente. Uma profissão a respeitar... O respeito também vale al-

guma coisa... e talvez compense do reduzido ordenado.

Vamos conhecer as mulheres do teu país. Os cabelos escorridos, a cair sobre os ombros e levemente revirados nas pontas. Iguais na aparência. Dezenas, centenas de raparigas com cabelos do mesmo corte. Passam nas ruas. Mostram o seu exterior, o ar ausente ou presente, o vestuário condicional-social ou o vestuário mentira-social. E os sapatos.

Os sapatos e as luvas denunciam a verdade...

Vamos pelas ruas... As varinas têm arremessos e fúrias de defesa. As mulheres dos bairros populares têm ar próprio, gaiato, quando novas e depois parado, talvez faminto, talvez desconhecido de outras fomes para lá do pão.

Vamos pelas ruas, amiga, de mãos dadas, observar as mulheres do teu e meu país.

O COTOVELO EM RISTE

Reparem, venham ver, no carro eléctrico apinhado de gente acontece uma história banal, corriqueira, de todos os dias. Acontece um episódio que os jornais não relatam, que ninguém dará conta, a não ser eles dois, os protagonistas dessa história banal, sem importância, acontecida no aperto do «eléctrico».

Ele viu-a entre os passageiros, bonita e modesta, de ar composto, um tanto perdida, envergonhada. E julgou que ela não protestaria, que não reagiria. Tudo pode acontecer nos apertos, por acaso, sem maldade.

Furou e acercou-se dela. Primeiro guardou uma distância e depois deixou-se empurrar. Ao princípio, ela

não notou. Depois descobriu daquela presença demasiada próxima. Teve a certeza. A sua revolta levou-a a voltar-se de repente, enrubescida. Mas ele tinha um ar ausente, inocente. Ela calou-se. Talvez estivesse enganada. E então pôs em risco o cotovelo, a sua defesa, a distância entre ela e ele. Ninguém viu. Mas estabeleceu-se entre ambos uma luta, surda, comédia, inexistente. Nada se passara. Ninguém dera conta. Não houvera escândalo. Os jornais não contarão. Ele, porém, ficaria com uma nódoa negra no torso e, à noite, rir-se-ia, no café, com os colegas, da rapiguinha a quem se encostara no «eléctrico».

O público da televisão alemã conhece Hannelore Elsner em papéis de mulher perigosa ou de menina romântica, bem comportada. Distinguindo-se pela boa disposição permanente, Hannelore Elsner é, actualmente, uma das actrizes alemãs mais solicitadas pela televisão, a indústria cinematográfica e vários teatros. No entanto, Hannelore Elsner não está interessada em novos contratos e não gostaria, de maneira alguma, ser considerada uma «estrela». «A pequena tem sorte» (pequena porque só tem 1,60 m de altura) comentam os seus colegas, «e, além disso, muito talento».



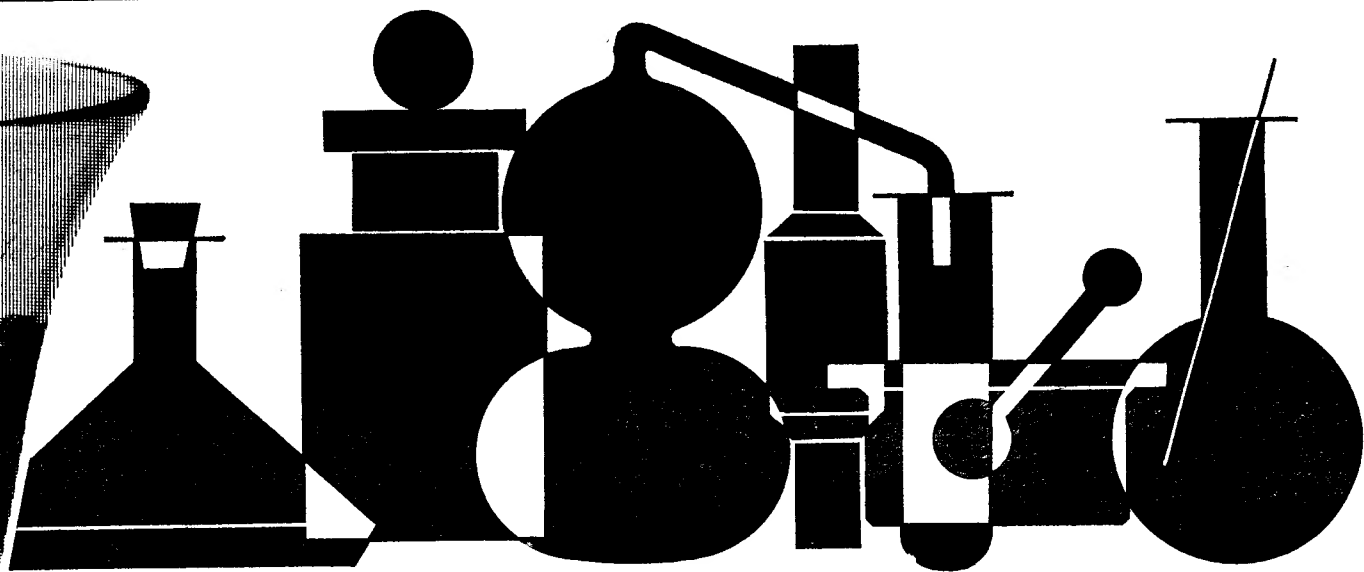
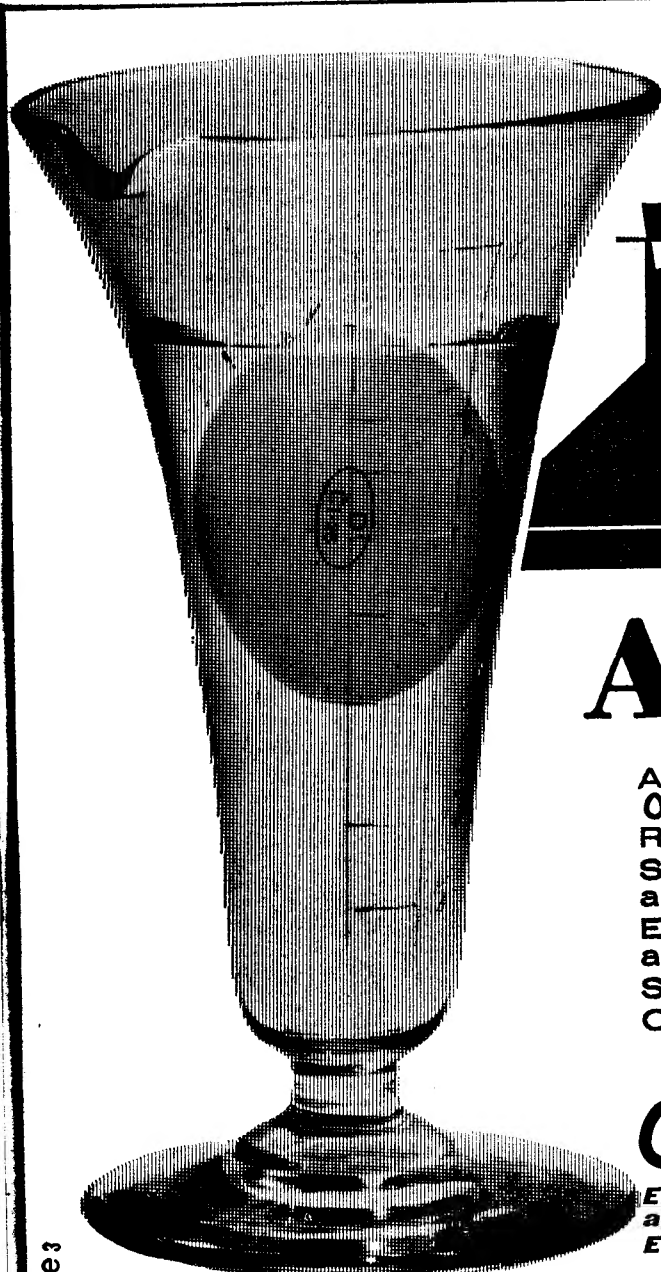
Hannelore responde: «Quanto à sorte, é verdade, sobretudo no que diz respeito aos realizadores. Já não posso imaginar a minha vida sem o trabalho dra-

mático». A princípio, Hannelore Elsner era extremamente tímida e corou até às raízes dos cabelos quando, em Fevereiro de 1959, a convidaram a desempenhar o papel de uma menina de «dancing». Apesar de toda a timidez, conquistou o seu primeiro grande êxito como noiva de um ladrão no filme «Noite sem fim».

Recentemente, foi muito aplaudida no teatro ao desempenhar na mesma peça dois papéis: um trágico e outro cómico. Hannelore Elsner tem uma fisionomia interessante, não se podendo dizer que seja efectivamente bela ou «sexy». Em todo o caso, é muito solicitada. Em Munique firmou contrato com três empresas produtoras de filmes para a televisão. Mora nas águas-furtadas de uma casa nas arrabalde de Munique. Nas suas horas vagas gosta de passear. Encara o seu futuro com toda a confiança, esperando poder «fazer teatro» durante toda a sua vida.



Eis uma moda agora popular: os vestidos que deixam as costas nuas são seguros com cordões ou fitas guarnecidas com pedras multicores, que dão um efeito deslumbrador.



ANALISANDO-ME

Analizando-me, a mim o OVO, verifico que sou rico. Rico como um OVO.

Rico em proteínas, sais minerais, cálcio e ferro.

Sou um verdadeiro produto moderno, concentrado, compacto e, sob alguns aspectos, aerodinâmico.

Estou pronto a ser cozinhado — nem são necessárias chaves ou abre-latas.

Sou mesmo apetitoso, perdão, apetitoso.

Chelo, como um OVO, de qualidades.

Com OVOS, pratos deliciosos... OVOS

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO

Extremamente barato e de utilização muito prática, o OVO tem múltiplas aplicações.

Escolha o prato que quiser, porque

a galinha põe, você dispõe

UMA CAMIONETA DESPISTOU-SE NA SUBIDA DE COINA: TRÊS MORTOS E UM FERIDO GRAVE

Uma camioneta de carga despiستou-se, esta madrugada na subida de Coína, perto do entroncamento com a estrada do Barreiro, indo cair sobre uma pequena habitação depois de voar vinte metros. Há três mortos e um ferido em estado gravíssimo.

O desastre foi às duas menos dez. Uma camioneta de aluguer, propriedade de Paulino da Costa & Sobrinho, do Fogueteiro, vinha desta localidade para Azeitão, trazendo ao volante um dos sócios da firma, o sr. Paulino José da Costa Deitado, de 45 anos, casado. Por causas que a P. V. T. tenta ainda apurar,

Armando Nogueira de Carvalho —Decano do funcionalismo judicial português

Desde há mês e meio que se encontra gravemente doente o sr. Armando Nogueira de Carvalho, pai do nosso colaborador dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, advogado nesta cidade, e do sr. dr. Orlando Vasconcelos Carvalho, juiz corregedor presidente do círculo judicial de Évora.

Antigo chefe da secretaria do Tribunal do Comércio, depois transferido para chefe de secretaria da 1.ª vara do Tribunal Cível de Lisboa, cargo em que sucedeu ao dramaturgo dr. Alfredo Cortez, Armando Nogueira de Carvalho, desde há muitos anos o decano de todo o funcionalismo judicial português, foi figura conhecida e muito conceituada do Chiado, grande cabeleira branca, luvas na mão, rosa na botoeira, e os inseparáveis polainitos de linho branco, convivendo diariamente com fidalgos e intelectuais, comerciantes, oficiais do Exército e alta magistratura judicial.

Grande amigo do nosso saudoso director dr. Joaquim Manoel, e antigo membro dos corpos directivos do Grémio da Imprensa Diária, em representação do «Diário de Coimbra», Armando Nogueira de Carvalho, o maior benemérito da sua querida Arganil, patenteia um portentoso coração de aço, que, aos noventa anos, surpreende o seu distinto médico assistente, dr. Mário Marques da Gama, e aqueles seus filhos, sua filha D. Bernardete Maria de Vasconcelos Nogueira de Carvalho de Almeida Mendes, suas noras e seu genro, que incansavelmente se revezam á cabeceira do enfermo.

o veículo saiu da estrada, indo, em queda livre, derrubar um portão e tombar, finalmente, sobre a casa do vigilante do depósito de águas dos Serviços Municipalizados do Barreiro. Além do motorista, tiveram morte imediata o trabalhador rural sr. André Figueiras Guerra, de 34 anos, casado, pai de dois filhos menores, e residente em Aldeia de Irmãos, e o sr. João Gonilha, casado, de 40 anos, operário da Sécil, morador no lugar da Rasca, Outão.

Na camioneta viajavam, ainda, um filho do operário João Gonilha, que foi transportado, em estado gravíssimo, ao hospital do Barreiro, donde transitou, mais tarde, para o Hospital de S. José; e outros dois indivíduos, conhecidos do motorista, mas cuja identidade não foi possível averiguar.

Quis o acaso que os três mortos estivessem ligados por laços de parentesco. Assim, o sr. João Gonilha era cunhado do sr. André Guerra, e por sua vez este era tio da mulher do sr. Paulino da Costa.

«Safei-me não sei como»

A habitação da guarda do depósito ficou reduzida a escombros. Ele próprio, de seu nome António Francisco Assunção, contou-nos no local como aquilo sucedeu:

— Eu estava em casa, encostado ao lume. Ouvi um barulho (era a camioneta a bater no portão) e levantei-me. Nessa altura o telhado caiu. Ficou um buraco enorme, e pelo buraco via-se a cabina da camioneta com um morto pendurado. Safei-me não sei como...

Segundo testemunhos vários, o motorista da camioneta dirigia-se a Azeitão, onde vivia o tio da

NOTÍCIAS DE VIANA DO CASTELO

Traumatizado quando jogava a bola

VIANA DO CASTELO, 8 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia, por ter sofrido traumatismo craniano, em consequência de uma bolada quando jogava futebol, o jovem João Luis das Dores Caroch, de 18 anos, solteiro, armador de ferro, natural de Beja e acidentalmente a residir aqui, na Avenida Camões.

Folguedos populares

Rapazes da Meadela cantam as «Janelas», para reunir fundos destinados á realização dos festejos populares de São João e São Pedro, no lugar de Portuzelo, daquela freguesia.

mulher. Tinham estado a cear no Fogueteiro, em grupo, brindando pela vitória do seu clube num jogo de futebol. Cerca da uma e meia da madrugada, o sr. Paulino da Costa manifestou o desejo de levar os amigos a casa. Quiseram dissuadi-lo disso, ainda lhe tiraram a chave de ignição. Mas a teimosia do motorista foi mais forte que todas as opiniões em contrário. A autopsia dirá se esta versão está certa.

CENTENAS DE «TREZES» E MILHARES DE «DOZES» NO TOTOBOLA DE ONTEM

Os prémios do Totobola de ontem vão ser divididos por milhares de contemplados como consequência dos resultados considerados «normais» dos respectivos jogos.

Assim, houve imensos concorrentes que acertaram em treze resultados (mais de trezentos). Em doze resultados, então, foi uma fartura: á volta de cinco mil!

EM ESTADO GRAVE UM SEXAGENÁRIO QUE FOI ATROPELADO

SÃO JOÃO DA MADEIRA, 8. — Na Rua Alão de Moraes, uma furgoneta conduzida pelo sr. José Ferreira Alves Maia, residente na Rua do Passeio Alegre, no Porto, atropelou o sr. Salvador da Silva, de 64 anos, trabalhador da Câmara Municipal, que ficou gravemente ferido.

O pobre homem recolheu ao Hospital da Misericórdia, onde os médicos verificaram que tinha fracturas de costelas e de uma perna e esfacelamento do maxilar superior.

JOVEM COLHIDO por um comboio em Setúbal

Um indivíduo do sexo masculino, que aparenta ter 18 anos, foi colhido por um comboio, esta manhã, em Setúbal.

Em estado grave, sem fala, foi transportado para o Hospital de São José, ficando internado na sala de observações.

NOVO CAPITÃO do porto da Nazaré

É hoje publicada no «Diário do Governo» a portaria que exonera o primeiro-tenente Américo Camacho de Campos dos cargos de capitão do porto da Nazaré e de comandante da Defesa Marítima do mesmo porto e que nomeia o capitão-tenente Maxfredo Ventura de Costa Campos, em substituição do oficial supracitado, para exercer os referidos cargos.

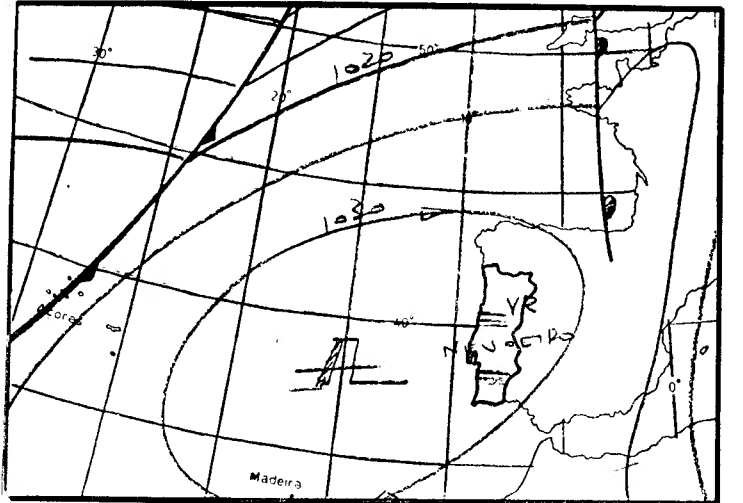
O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço
Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 16°,6 (Praia do Rocha); mínima: —2°,1 (Figueira de Castelo Rodrigo).

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 11°,9; na água do mar: 13°.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 9. — Deverá manter-se a influência do anticiclone centrado entre os Açores e a Península Ibérica.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU POUCO NUBLADO, E VENTO FRACO. CONDIÇÕES FAVORÁVEIS À FORÇA DE BANCOS DE NEVEIRO DURANTE A MADRUGADA.

SOL Amanhã: Nascer às 8 e 55 Ocaso às 17 e 32

PREIA-MAR — Dia 8 — às 10 e 28 (3,3 m); 23 e 07 (3,2 m). Dia 9 — às 11 e 30 (3,2 m). Dia 10 — às 0 e 07 (3,2 m); 12 e 30: (3,1 m). BAIXA MAR — Dia 8 — às 3 e 52 (1,8 m); 16 e 34 (1,7 m). Dia 9 — às 5 e 02 (1,8 m); 17 e 37 (1,7 m). Dia 10 — às 6 e 07 (1,8 m); 18 e 30 (1,7 m).

— FASES DA LUA



VEJA SE A SUA LIXA SINCAL TEM ESTA ETIQUETA (DOURADA)

LIXA SINCAL

SINCAL 5
Made in Portugal
A QUALIDADE QUE VALE OURO

DESTAS ETIQUETAS VALEM 1 LIBRA-OURO

JUNTE

5 destas etiquetas e ganhe **1 LIBRA OURO**

REMETA-AS PARA:
SINCAL - SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ABRASIVOS, S. A. R. L.
APARTADO 15 - SINTRA

TAP ASSISTENTES DE BORDO

SE gosta de uma profissão que lhe proporcione:

- contactos sociais;
- conhecimento de outros países, costumes, mentalidades e culturas;
- atractivo e diversidade;
- bom nível de remuneração.

Tudo isto lhe oferece A TAP. COM O SEU PRESTÍGIO, num emprego que, para além dessas vantagens, lhe dará ESTABILIDADE e PROGRESSO FUTURO.

BASTANDO QUE

- tenha 21 e não haja completado 26 anos de idade;
- seja solteiro;
- não tenha necessidade de usar óculos;
- tenha boa apresentação (altura mínima 1,55 m);
- possua como habilitações literárias mínimas o 1.º ciclo dos liceus ou equivalência oficial;
- FALE FLUENTEMENTE FRANCÊS E INGLÊS (Alemão como valor de preferência).

Faça a sua inscrição nos Serviços de Pessoal da TAP

(Rua Conde Redondo, 79 — 1.º andar)

ORGANIZAÇÃO C. SANTOS

MERCEDES-BENZ

ASSISTÊNCIA OFICIAL

C. SANTOS, S. A. R. L. TEM O PRAZER DE COMUNICAR QUE PASSA A TER AO DISPOR DOS SEUS PREZADOS CLIENTES MAIS UMA OFICINA — PARA REVISÕES E SERVIÇOS RÁPIDOS — NA RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 7-A, AO ARCO DO CEGO.

ANO VELHO ANO NOVO

Tira-se a última folha do calendário, e, de acordo com a velha flor de retórica, é como se começasse uma vida nova. Mas, de facto, acaba por não ser. Tudo continua, geralmente, como antes — «quartel-general em Abrantes». E são sempre as mesmas nuvens, as mesmas borrasças, é sempre o mesmo céu e o mesmo sol. O que seria o menos, se não fora sempre o mesmo chão duro este que pisamos, se não fora sempre o mesmo mundo agreste este em que vivemos, se não fora sempre o mesmo tempo impiedoso este em que seguimos.

O Natal deixa, passageiramente, todas as coisas imbrugnadas pelo seu halo de ternura, de amor e fraternidade. Até nas guerras mais sangrentas há umas breves tréguas, e os homens parecem estar mais próximos uns dos outros — embora resultem até particularmente dolorosas algumas desigualdades que os separam. E para o Novo Ano fazem-se votos de paz e felicidade para todos os povos sem distinção e fala-se no mundo melhor que todos também (teoricamente) desejam.

Mas passa o Natal, festeja-se o fim do ano... e tudo continua como antes: só aumenta, porventura, a nossa tristeza e, o nosso desespero, quando despertamos de novo para uma realidade que ainda nos surge mais trágica. Terminam as breves tréguas e as guerras são mais sangrentas. Os ódios que separam abafam as razões e os sentimentos que deviam unir e congregar. Isto num mundo em que o homem vai conquistando novos mundos e num tempo de extraordinário progresso científico e técnico, que poderá ser utilizado para fazer a guerra, mas tem de ser — e todos temos obrigação de contribuir para isso — utilizado para alcançar a paz.

J. C. de V.

Se namora ou vai casar

Compre as alianças de casamento e compromisso e os anéis de noivado na

JURIVESARIA
BARATEIRO DE S. DOMINGOS

R. Barros Queiroz, 56
A QUE TEM MELHOR SORTIDO E
QUE VENDE AOS MELHORES
PREÇOS.

O viaduto da Luz volta a dar que falar:

abriu fendas um ano depois de construído

Depois de ter sido notícia pelo longo tempo que demoraram as obras da sua construção, o viaduto da Luz volta de novo a dar que falar por os seus paredões terem aberto fendas numa altura de seis metros, o que provocou um desprendimento e aluimento de terras que, por sua vez, causou estragos nos passeios.

A construção do viaduto data de há pouco mais de um ano, não se conhecendo, portanto, explicação plausível para o insólito facto, a menos que se admitisse construção desonesta e fiscalização descuidada da mesma.

Entretanto, urge enfrentar, rá-

pidamente, as reparações a fazer a fim de se evitar um desastre que pode ter graves e irreparáveis consequências.

O cidadão tem, como se tem provado por estes anos fora, paciência suficiente para aguardar anos pelo termo de uma obra. Mas não há dúvida de que tem também o direito de usufruir de uma construção em condições.

E tem o direito a que velem pela sua segurança. A Fatalidade e o Destino têm os ombros muito largos e encaixam desastre um a um. É sempre tempo de os homens lhes roubarem uns acidentes...

SIDNEY POITIER DOMINA NESTE MOMENTO OS «ÉCRANS» AMERICANOS

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — O actor negro Sidney Poitier domina neste momento os «écrans» norte-americanos. Do sul ao norte dos Estados Unidos, os seus últimos filmes, «To sir, with love», «In the heat of the night» e «Guess who's coming to dinner», conhecem todo o êxito tanto junto do público como junto da crítica.

Poitier filma, actualmente, sob a direcção de Daniel Mann, «For love of ivy», em que tem como parceira a cantora de «jazz», negra, Abbey Lincoln.

Sidney Poitier é actualmente disputado por todos os produtores. Para este ano, o seu programa está já particularmente sobrecarregado.

Em Março, voltará a desempenhar o papel do detective Virgil Tibbs, na série de «In the heat of the night». Para o Verão, tem à escolha dois filmes, um deles do produtor italiano Dino de Laurentis. Em Setembro, o actor deverá desempenhar o papel principal em «The last Mann».

Entretanto, Sidney Poitier ocupa as suas horas livres terminando a sua primeira peça



O actor negro norte-americano Sidney Poitier

de teatro, «Carry me back to...», que ele próprio poderá encenar num teatro da Broadway.



A apresentação anual das classes de dança da escola de bailado de Covent Garden. Todos esperam descobrir novas estrelas, como este par que, há sete anos, ela com dezoito. São Hilary Tickner e Audis Martin, que dançam o 2.

VAGABUNDAGEM NA EUROPA-17

UMA NOITE EM COVENT

por LUÍS D'OLIVEIRA NUNES

O título desta crónica — que o leitor nos perdoe — depois de pensado e escrito fez-nos sorrir, porque nos lembrámos daquele filme visto em pequenino, quando os Irmãos Marx eram vedetas do riso e punham a pelica para ir à ópera. Nós não pusemos a pelica para ir a Covent Garden, bem entendido, nem parvamente nos debruçámos do varandim, embora possamos dizer que, a estar mais um tempo em Londres, compraríamos um dos elegantes casacos de peles, de «vison», mara ou «astrakan» que os homens, mesmo os que são «snobs», comumente usam na «cidade do Tamisa».

Mesmo sem pelica, portanto, fomos a Covent Garden ver «ballet». Nem ninguém, com excepção de meia dúzia de pessoas, mostrava as preocupações e rigores de «toilettes», que ainda se usam em Lisboa, quando vamos a S. Carlos. A hora a que, aliás, os espectáculos se realizam, das sete às dez da noite, não são propícios a certa «snobeira» mantida noutros locais onde os espectáculos de teatro, ópera, bailado e concertos ainda se não tornaram verdadeiramente populares. As pessoas saem a correr dos empregos ou das aulas, tomam uma refeição ligeira,

mais tarde completada, em casa, com um chá quente e qualquer acompanhamento mais substancial, e ficam aptos para ir gozar

Experimente o Novo Pr de Fu



FABRICADAS COM A PRECISÃO E

Importador exclusivo:
CASA HAVANEZA



DRAGÃO D'OURO

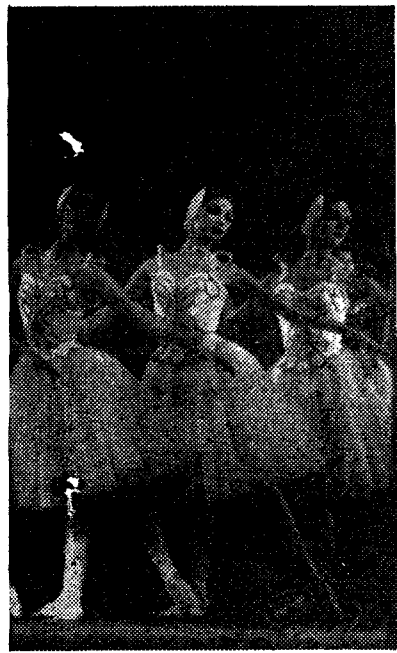
COZINHA CHINESA

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54 - B LISBOA
TELEF. 71 45 03 - 04 AR CONDICIONADO

ESCRITOR CONDENADO NOS E. U. A.



O escritor negro Leroy Jones (ao centro), que foi condenado a três anos de prisão, por porte de arma durante os distúrbios raciais do último Verão, em Newark, E. U. A. Ao lado do escritor pode ver-se a mulher, com o filho ao colo



Covent Garden constituiu sempre um e par que vemos — ele com dezaçam o 2.º acto do «Lago dos Cisnes»

NT GARDEN

o prazer do espectáculo, que na-da tem a ver, evidentemente, com o «show» dado na sala e nos «foyers».

Não, claro, que a Covent Garden não seja uma sala

(Continua na 14.ª página)

O AZULEJO PORTUGUÊS É DOS MAIS IMPORTANTES DO MUNDO IMPONDO-SE UM MOVIMENTO PARA A SUA REVITALIZAÇÃO

— afirmou-nos o eng. Santos Simões, que é o nosso primeiro especialista na matéria

Principia amanhã, pelas 18 e 30, no Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, um ciclo de dez palestras — que se efectuarão às terças-feiras e se prolongam até 19 de Março — sobre azulejaria. As palestras — ilustradas com diapositivos — serão todas proferidas pelo chefe da Brigada de Estudos de Azulejaria daquela Fundação, que também neste campo vem desenvolvendo uma acção excepcional e a todos os títulos meritória: o sr. eng.º J. M. dos Santos Simões, o nosso primeiro especialista sobre a matéria, e figura de relevo internacional em tudo que respeita à azulejaria e cerâmica. Lembre-se que o eng.º Santos Simões (que é, além do mais, conservador-ajudante do Museu Nacional de Arte Antiga) já proferiu conferências, ou regeu cursos universitários, sobre azulejaria e história da arte, na Espanha, na França, na Bélgica, na Holanda, na Alemanha, na Inglaterra, na Turquia, em Marrocos, no Brasil e nos Estados Unidos, tendo publicado diversas obras sobre o assunto e colaborando assiduamente em revistas nacionais e estrangeiras.

A azulejaria portuguesa é riquíssima e ao seu estudo tem dedicado o sr. eng.º Santos Simões, e a Brigada de Estudos

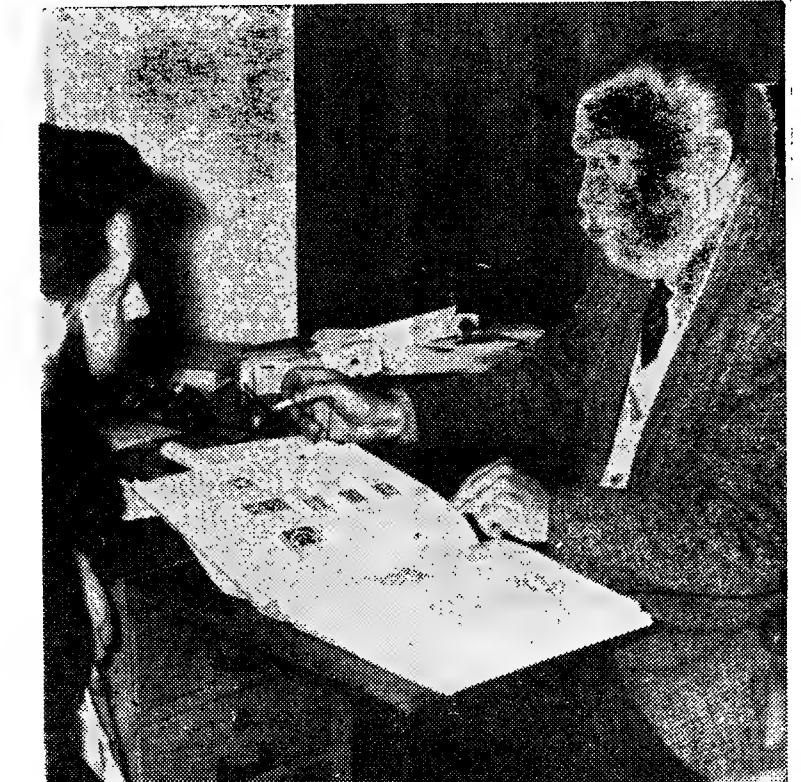
que a Fundação Gulbenkian em boa hora criou, a melhor atenção, estando a desenvolver um trabalho absolutamente fundamental. Reveste-se também de indiscutível interesse o ciclo de palestras que amanhã se inicia, sobre a razão, o significado e a importância do qual nos pareceu de especial oportunidade ouvir o eng.º Santos Simões.

● A acção da Brigada de Estudos da Fundação Gulbenkian

E a uma primeira pergunta nossa, ele respondeu-nos:

A Brigada de Estudos de Azulejaria, criada pela Fundação Gulbenkian, tem como finalidade a colheita de elementos informativos sobre a que é considerada como uma das mais importantes manifestações artísticas portuguesas. Na verdade, impunha-se um rastreio sistemático do que foi a actividade de artistas e artífices que souberam criar essas decorações de igrejas e palácios, registando os exemplares mais representativos e determinando a sua validade estética, por um lado, e procurando mentalizar os artistas e o público no sentido de uma melhor compreensão do papel do azulejo no quadro da Arte Portuguesa, pelo outro.

Com a moda do «antiquarismo» — fenómeno aliás, mundial — tem-se vindo a valorizar o azulejo «antigo», o que leva muita gente a supor que se trata de uma arte morta, de interesse meramente arqueológico. Assim, o azulejo pas-



O eng.º Santos Simões fala com o nosso redactor

sou a ser uma mercadoria de antiquário, provocando uma valorização do «pitoresco», uma desvalorização do ponto de vista propriamente estético e actual — o que é lamentável. Estudar o azulejo

será não só salvá-lo, como colocá-lo no seu verdadeiro quadro, como elemento não necessariamente

(Continua na 13.ª página)

imamente
Prazer
Fumar



Repare na boquilha transparente. Higiénica e consistente, contém o filtro especial H54, que lhe proporcionará um prazer novo e um fumar tão suave como nunca pensou que existisse. Não admira que tantos fumadores tenham optado pelas cigarrilhas VAUTIER PERFECTO... fabricadas na Suíça com tabacos seleccionados nas melhores procedências.

CIGARRILHAS—VAUTIER

PERFECTO
COM BOQUILHA E FILTRO

E É A ÚNICA QUE TORNOU FAMOSA A INDÚSTRIA SUÍÇA.



EZA Largo do Chiado, 85 — Lisboa

Vende-se nas boas tabacarias

Uma estação de C.C.T. num autocarro



A estação dos C. T. T. do Arco do Cego está em obras. Para tal, foi necessário encerrar as suas instalações. Mas o encerramento prejudicava numerosos habitantes da populosa área. Por isso, a Administração resolveu o problema de outra forma: colocando no local uma auto-estação, normalmente utilizada apenas em congressos e em grandes concentrações em Fátima. A nossa gravura documenta isso mesmo: moradores da zona servindo-se da auto-estação. O pessoal foi reduzido de 16 para sete funcionários, o que implica um maior esforço. Mas a redução era necessária em virtude das dimensões do moderno autocarro transformado em estação. Nas «horas de ponta», a «bicha» dá a volta ao pequeno largo das traseiras do I. S. T., junto à Rua Sinel Cordes

SERVIÇOS EM PRATA

Um lindo sortido com modelos exclusivos, a preços sensacionais. Ourivesaria Pimenta, Rua Augusta, 253 a 257.

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A transplantação de corações

STANFORD (Califórnia), 8 — (F. P. e R.) — «O estado de saúde de Mike Kasperak é, realmente, muito bom» — declarou, numa conferência de imprensa, o dr. Norman Shumway, que, na noite de sábado para domingo, efectuou a quarta operação de transplantação cardíaca da história da cirurgia. Todavia, o professor acrescentou «não haver razão para falar de êxito».

Mike Kasperak, de 54 anos, encontra-se perfeitamente consciente

Autor do método utilizado por Barnard

O professor Norman E. Shumway, de 44 anos, que efectuou a segunda transplantação cardíaca dos Estados Unidos, é chefe do Departamento de Cirurgia Cardíaca da Universidade de Stanford, em Palo Alto (Califórnia).

Em 1959, tornou-se célebre ao anunciar uma técnica cirúrgica para enxertos de coração, que consiste em conservar no corpo parte do coração do paciente, para não ter de suturar a totalidade dos vasos sanguíneos, que comunicam com o coração. Foi este método que o professor Christian Barnard utilizou nas suas operações, no Hospital de Groote Schuur, na Cidade do Cabo.

Em contrapartida, o professor Adrian Kantrowitz, que tentou, sem êxito, uma transplantação cardíaca num recém-nascido, empregou uma técnica diferente e bastante mais complexa.

Norman Shumway é um velho amigo e condiscípulo de Christian Barnard. Estudaram juntos na Universidade de Minnesota, onde ambos praticaram cirurgia.

e obedece às instruções que lhe são dadas. Porém, não pode falar, pois foi-lhe introduzido um tubo respiratório na traqueia.

O dr. Norman Shumway, sorridente e descontraído, indicou, ainda, que a pressão sanguínea, as pulsações e a temperatura de Kasperak eram «boas». Contudo, o cirurgião não ocultou um pormenor sombrio desta operação: o coração enxertado é um terço mais pequeno que o coração original de Kasperak. Este fenómeno tinha-se verificado já na primeira operação efectuada na África do Sul.

«O verdadeiro trabalho começa agora» — disse, mais uma vez, o dr. Shumway, concluindo que Kasperak está a ser objecto de constantes cuidados e terá, provavelmente, de ficar no hospital, durante muitos meses.

Referindo-se à transplantação do coração, o dr. Shumway salientou que, embora os «pormenores técnicos fossem extremamente semelhantes aos usados pelo prof. Barnard, não tencionava usar a radiação directa para diminuir a possibilidade de rejeição do novo órgão, como foi feito na primeira transplantação efectuada na África do Sul.

VIRGINIA WHITE DOOU TAMBÉM UM RIM

STANFORD (Califórnia), 8 — (F. P.) — Virginia White, cuja ablação do coração permitiu, na noite de sábado para domingo, a quarta transplantação cardíaca, doou, igualmente, um rim para uma outra operação — soube-se, ontem, no Hospital da Universidade de Stanford.

Não foram fornecidos pormenores acerca desta operação, que se supõe ter decorrido com êxito.

BARNARD E SHUMWAY ELOGIADOS POR UM ANTIGO PROFESSOR

MINNEAPOLIS (Minnesota), 8 — (F. P.) — Os Drs. Barnard e Norman Shumway, que realizaram em menos de um mês três das quatro operações de transplantação cardíaca, foram elogiados pelo seu antigo professor dr. Owen Wangesteen, da Universidade de Minnesota.

Aquele professor, de 70 anos, disse que os seus dois antigos alunos eram «excelentes rapazes. Eram terrivelmente dotados e possuíam uma boa dose de originalidade».

DESMENTIDO DA SR.^a BLAIBERG

CIDADE DO CABO, 8 — (F. P.) — «É absolutamente falso» — declarou a sr.^a Blaiberg — «que tenha querido, como pretendem algumas pessoas, fazer dinheiro com a operação de meu marido». A sr.^a Blaiberg precisou que o contrato com a National Broadcasting Corporation só tinha sido assinado com a condição do Hospital Groote Schuur receber a maior parte da quantia.



Virginia Mae White, de 43 anos de idade, cujo coração foi transplantado para o peito de Mike Kasperak, de 54 anos, na Califórnia (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Começaram já os preparativos para a «libertação» dos 15 navios bloqueados no Canal de Suez

— escreve «Al Ahram»

CAIRO, 8 — (F. P.) — A administração do Canal de Suez recebeu instruções do Governo egípcio para preparar a «libertação» dos 15 navios ali bloqueados — anun-

cia o jornal do Cairo, «Al Ahram».

As operações de «libertação» dos navios imobilizados no Canal efectuar-se-ão sob a protecção das Forças Armadas egípcias, e começarão, sem falta, na data que a administração do Canal fixar — acrescenta o mesmo jornal, precisando que a R. A. U. se reservará a sua liberdade de acção, no caso de o Exército israelita intervir durante essas operações.

Fixada a data — que não poderá estar sujeita a qualquer espera — os trabalhos começarão sob a protecção das forças egípcias. O diário escreve, ainda, que o Governo da R. A. U. definiu a sua posição nos seguintes três pontos:

1) Só a administração do Canal de Suez está habilitada a efectuar as operações de «libertação» dos navios.

2) As embarcações da dita administração só navegarão no Canal de

Suez hasteando a bandeira egípcia. 3) A R. A. U. não está disposta a discutir acerca deste assunto com qualquer das partes, não aceita que os trabalhos sejam objecto de um

(Continua na 14.^a página)

Novo acordo russo-cubano

HAVANA, 8 — (R.) — Fontes geralmente bem informadas afirmaram a noite passada nesta capital que Cuba e a União Soviética assinarão este mês, em Moscovo, um novo acordo comercial e técnico a longo prazo.

As mesmas fontes acrescentaram que o acordo abrangerá três anos em vez do habitual período de um ano, a fim de concretizar todas as necessidades de planificação de Cuba e os meios soviéticos de as satisfazer.

A U.R.S.S. realiza, de longe, o maior volume de comércio externo com Cuba e fornece a este país todo o seu petróleo e muita maquinaria pesada.

Funcionários do Ministério do Comércio Externo cubano encontram-se há meses em Moscovo, a discutir detalhes do novo acordo.

Em Havana têm circulado boatos acerca de dificuldades por causa de diferenças ideológicas e políticas entre os dois países.

Um exemplo foi a oposição do primeiro-ministro Fidel Castro a auxílio financeiro e técnico soviético a outros Governos latino-americanos, os quais considera serem oligarquias imperialistas.

Começou em Moscovo o julgamento de quatro escritores

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — Começou hoje em Moscovo o julgamento de quatro escritores soviéticos, acusados de actividade anticomunista. Trata-se de Yuri Galanskov, poeta e publicista que sozinho se manifestou em frente da Embaixada dos Estados Unidos, em Moscovo, no dia 11 de Junho de 1965, dizendo-se partidário da juventude não conformista, tendo em fins de 1966 fundado uma revista independente denominada «Phoenix 66».

desta cidade, após os guerrilheiros terem invadido esta capital provincial e içado a bandeira vermelho e azul da Frente Nacional de Libertação.

Os «vietcongs» invadiram a cidade, a cerca de 33 quilómetros a noroeste de Saigão, a coberto de um violento ataque de morteiros, que deixou muitas casas em ruínas e causou a morte de nove civis e de três soldados americanos.

Os guerrilheiros efectuando em três dias o seu terceiro ataque contra uma cidade sul-vietnamita, invadiram a sede administrativa da província de Hau Nghia, nesta cidade, e bombardearam com 600 granadas de morteiros um quartel-general do Exército sul-vietnamita.

Os «vietcongs» ocuparam a cidade durante algum tempo, bombardeando outras posições para impedir a chegada de reforços. Contudo, soldados sul-vietnamitas ocuparam as ruas, após uma batalha de uma hora — revelou um informador governamental.

Um polícia sul-vietnamita impediu os «vietcongs» de avançarem sobre o mercado abatendo cinco guerrilheiros com rajadas de metralhadora, disparada da sua casa-mata, defendida por sacos de areia. Um «vietcong», que transportava um lança-foguetes, foi pelos ares, desfeito, quando as balas o atingiram.

SONDAGEM AMERICANA JUNTO DA CHINA

VARSOVIA, 8. — (A. N. I.) — O embaixador dos Estados Unidos em Varsóvia, John Gronowski, vai sondar hoje o encarregado de Negócios da China Continental, Chen Tung, sobre as perspectivas de conversações de paz acerca do Vietnam — afirma-se em círculos fidedignos.

O encontro insere-se nas conversações que americanos e chineses iniciaram em 1955, para tratar de problemas internacionais e bilaterais, únicos contactos desde então entre Washington e Pequim.

Por acordo mútuo, os assuntos discutidos são mantidos secretos. Sabe-se que em anteriores reuniões se falou do Vietnam, da sorte dos americanos detidos na China Continental, da Formosa e das outras ilhas da China Insular.

Mais de 400 pessoas presas num ano por ameaçarem o presidente Johnson

WASHINGTON, 8 — (A. N. I.) — Aumentou mais de 500 por cento, nos últimos quatro anos, a prisão de pessoas acusadas de ameaçarem o presidente dos Estados Unidos — revelaram funcionários dos serviços secretos norte-americanos. Durante a presidência de John Kennedy, tais prisões totalizaram perto de 80 por ano e no ano findo em 30 de Junho de 1967 mais de 400 pessoas foram detidas por proferirem ameaças contra a vida do presidente Johnson.

O êxodo de «cérebros» comentado pelo jornal «Pravda»

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — O êxodo em massa de «cérebros» — especialistas e sábios — europeus para os Estados Unidos é objecto de um comentário na «Pravda», que supõe que a «absorção dos cérebros» por Washington causa um profundo mal-estar na economia europeia e representa para os países subdesenvolvidos, onde esses especialistas poderiam ter sido empregados com êxito, um verdadeiro desastre.

A «Pravda» lembra que de 1949 a 1964, oitenta e quatro mil especialistas europeus (incluindo médicos) se fixaram definitivamente nos Estados Unidos, o que representa dez por cento da «élite» científica europeia. «Se apenas cinco por cento dos engenheiros americanos fizeram os seus estudos na Eu-

ropa, 17 por cento dos membros da Academia das Ciências americana e uma quarta parte dos sábios americanos Prémio Nobel nasceram no estrangeiro...».

«Absorvendo sistematicamente os «cérebros» europeus, comprando engenheiros e sábios, os americanos revendem em seguida pelo quíntuplo os resultados dos seus trabalhos efectuados nos Estados Unidos, o que lhes dá sólidos lucros».

O jornal declara aos europeus que é «tempo de acabar urgentemente com essa colonização tecnológica, abrindo o mercado europeu a uma larga e frutuosa cooperação internacional, sem qualquer discriminação».

UMA VIRAGEM NA ERA NUCLEAR O AZULEJO PORTUGUÊS

(Continuação da 7.ª página)

desvaneceu-se porque nenhum país (exceptuando tal-

vez a Alemanha) verdadeiramente a desejava.

A Europa e a Grã-Bretanha

A defesa nuclear comum da Europa «europeia» (isto é, desligada, mesmo amigavelmente, dos Estados Unidos) seria muito difícil de organizar. A Alemanha, a renunciar um dia à protecção americana, pediria certamente para participar da força francesa ou antes (visto que tal edicto já foi indeferido) contaria que, com o tempo, a falta de fôlego financeiro francês lhe permitiria partilhar da fiscalização. Mas semelhante tentativa encontraria viva oposição no exterior e mesmo no interior da Europa. Vimos que a Inglaterra dispunha, provisoriamente, graças ao auxílio americano, de uma defesa nuclear móvel. Uma associação com a Europa representaria, portanto, para ela, por via desse ponto de partida favorável e da superioridade técnica que se lhe atribui, um sacrifício. E não está disposta, aliás, a pôr a sua força debaixo dum comando continental.

Wilson, firmemente oposto à ideia dum *determent* europeu, não ousou contradizer E. Heath, quando este mencionou perante os Comuns, na última Primavera, a possibilidade de criar, eventualmente, uma Comissão

Consultiva. Mas estas duas palavras cómodas tanto podem ornar a inação como envolver um começo de cooperação efectiva.

Em Londres, através de uma série de entrevistas, tentei ver como uma solidariedade militar franco-britânica podia enraizar-se em acordos industriais. Não faltam belos projectos: «Pierre latte europeu», construção de reactores e supergeradores, procura da fusão dirigida. Mas neste domínio nuclear, a rivalidade dos interesses privados ou nacionais continua a ser viva.

Para a dominar, seria preciso derrubar uma tendência que muito contribuímos para desenvolver. Quando eu fazia esta ou aquela sugestão, respondiam-me muitas vezes: «Mas isso implicaria uma confiança de vinte anos!». Chegámos a um ponto em que uma questão de princípio fundamental (a participação da Grã-Bretanha na Europa) deve ser resolvida antes que possam ser examinadas, verdadeiramente, as questões particulares.

Defesa nuclear ou não?

É lícito esperar circunstâncias mais propícias em futuro muito próximo. Nos anos 70, a Grã-Bretanha será, provavelmente, um país liberto do remanescente dos seus encargos imperiais e regenerado por uma solução do seu problema monetário, enquanto a França terá talvez uma balança de pagamentos menos favorável.

Nos anos 50, a Grã-Bretanha beneficiou, nos Estados Unidos, de tratamento de favor (muito relativo) em virtude da sua participação nas primeiras pesquisas nucleares. Foi ainda generosamente tratada em Nassau, em 1962, pelo presidente Kennedy, desejoso de reparar o dano causado à sua aliada pelo abandono do projecto Skybolt. Mas não pode ficar, indefinidamente, «avencada» ao progresso técnico americano. Wilson bem o vê e será isso uma explicação parcial da sua decisão a respeito do Poseidon, talvez.

A entrada na Comunidade europeia só viria acentuar esta evolução. Um alto funcionário americano, que se colocava nesta hipótese, disse-me sem rodeios:

«Não imaginem que vão receber os nossos segredos por intermédio da Grã-Bretanha».

A ilha britânica voltará talvez do «grande largo» para onde Churchill a conduziu. Mas a situação seria por isso verdadeiramente transformada?

Reconhece-se melhor em Londres do que em Paris a verdadeira relação das forças e as contradições de uma defesa atlântica. Uma alta autoridade militar britânica resumia fielmente a opinião qualificada, dizendo há meses a um perito norte-americano:

Se, chegado o momento, os Estados Unidos não se mexerem, não haverá guerra nuclear na Europa. Eles dispõem, portanto, dum veto de facto.

Supondo que os europeus venham a entender-se um dia, apesar de tudo, quanto a uma política de defesa autónoma, seria com certeza uma política de defesa nuclear? Uma organização em que não fosse admitida a Alemanha, consagraria e sublinharia, a seu respeito, uma

discriminação contrária ao espírito de igualdade sobre o qual assenta, normalmente, uma associação de países livres. A opinião britânica, por sua vez, dividir-se-ia. Num artigo dedicado aos problemas da defesa, o *Economist*, semanário de alta qualidade cuja independência e autoridade moral se conhecem além-Mancha, fazia-se esta pergunta:

«A Europa futura deve ser nuclear ou não?».
E dava-se esta resposta:
«De preferência, não nuclear».

Atrás de semelhante opção há uma filosofia completa, que depende ao mesmo tempo da antiga tradição moral puritana e do simples realismo.

«Esse realismo começa talvez já com a afirmação, manifestamente idealista de uma culpabilidade ligada ao armamento nuclear. Por que razão os ensinamentos da psiquiatria moderna não hão-de ser válidos também para as colectividades?».

Um exemplo.

Se os Estados Unidos, reeditando o seu gesto de 1945, atacassem de novo com o átomo (mas em virtude do progresso técnico alcançado, mil vezes mais forte) uma população amarela, veriam provavelmente esse

TEATRO

«LAURA ALVES»

Do empresário Vasco Morgado recebemos uma carta em que nos confirma, com muita alegria, que passará a explorar o Cinema Rex, na Avenida Almirante Reis, e que esse teatro se chamará «Laura Alves».

Confirma-nos, ainda, que a inauguração será feita no dia 19, com a comédia «A flor do cacto», presentemente em cena no Monumental.

Logo que a sala do Saldanha fique vaga, subirá ali a cena a peça «Um anjo de chapéu de palha», com a qual reaparece a Companhia Teatro Alegre, que entretanto fará uma pequena rodagem deste original, na provincia.

boomerang voltar-se contra eles no futuro, sob uma forma imprevisível engendrada por uma vontade apaixonada de revindita e represálias, por um ódio criador. Pode mesmo pensar-se que os Estados Unidos seriam atingidos, de dentro, por uma perturbação moral profunda que se difundiria pela sua sociedade. Mas pelo menos sobreviveriam, para fazer frente a tais dificuldades — mesmo em caso de réplica chinesa ou soviética. A França e a Grã-Bretanha, recorrendo isoladamente à arma atómica para se defenderem de uma ameaça dirigida contra elas por uma superpotência (porque nenhuma outra hipótese é admissível), votar-se-iam a uma hecatombe. Só teriam a satisfação de previamente haver arrastado outros seres humanos no seu martírio.

A China pode, sem ter uma força superior à força britânica, exercer uma dissuasão mais eficaz, por ser capaz de «encaixar» melhor: o seu governo contraiu o hábito de deslocar a sua vontade as populações no seu vasto território e a vida humana parece ser, no Extremo Oriente, menos preciosa.

Um milhão de mortos americanos, cem milhões de mortos chineses: tal é a estimativa, nos Estados Unidos, de uma eventual guerra sino-americana na década de 70.

Mas pode ainda assim perguntar-se qual dos dois teria medo do outro, e encerrar uma intimidação da parte do mais desumano. A Grã-Bretanha não possui esse trunfo e não o deseja obter (?). Há ainda em Londres muitos estadistas que sonham em conservar para as suas terras, por intermédio de uma Europa em que participariam, um papel de potência mundial apoiado na força nuclear e exercendo por esse meio uma influência «além de Suez». Um antigo ministro da defesa, conservador, expôs-me este ponto de vista. Pareceu-me obsoleto. As outras opiniões que recolhi eram de sentido contrário. Consoante uma tese divul-

gada em certos meios franceses e atribuída, com ou sem razão, ao general de Gaulle, o armamento nuclear seria hoje o sinal da virilidade de um povo. Semelhante tese, em Londres, provocaria escândalo.

Questão de simples hipocrisia, dir-se-á, visto que até nova ordem o governo britânico, observado pelo seu próprio povo, conserva os seus mísseis e lança ao mar submarinos. Digamos, pelo menos, que tal hipocrisia é imposta pelo estado de espírito dum grande parte da população. A maioria dos franceses, aliás, não pensa de outra maneira: uns, porque definem a «virilidade» diferentemente; outros, porque receiam dar aos alemães o gosto pela mesma.

Por isso, nunca expressamente ratificaram, por intermédio dos seus representantes, a criação da força de ataque. Deixam-na apenas proliferar. É uma das formas da sua demissão cívica. A. F.-L.

A SEGUIR: «Romper o círculo»

(1) Era uma condição estabelecida pela lei Mac Mahon sobre a comunicação dos segredos atómicos.

(2) O problema a resolver seria, aliás, diferente. Tratar-se-ia, verdadeiramente, para a China, de impedir um primeiro ataque norte-americano. Encarase na Europa um primeiro ataque ocidental, em resposta a um avanço do exército vermelho.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

(Continuação da página central)

«antigo», para decoração arquitectural.

● Um ciclo de palestras: «É preciso destruir a ideia de que o azulejo é coisa morta...».

Propriamente sobre as ditas palestras, o eng.º Santos Simões disse-nos:

— Procura-se dar uma informação de carácter histórico e, simultaneamente, uma formação estética e tecnológica, sem, evidentemente, se entrar em pormenores profisionais. A azulejaria portuguesa será caracterizada nos seus aspectos diferenciados, muito particularmente na sua função adjectiva da arquitectura. De facto, o azulejo foi elemento fundamental na decoração arquitectónica portuguesa nos séculos XVII e XVIII, demonstrando uma verdadeira integração nas formas barrocas, uma estreita colaboração entre arquitectos e decoradores. Deseja-se chamar a atenção para os actuais e futuros responsáveis pelas coisas da Arte Portuguesa — estudantes de Belas-Artes, de Artes Decorativas, professores de História da Arte, arquitectos, ceramistas, decoradores ou simples curiosos da cultura — para o «fenómeno» azulejo. Experiências anteriores permitem esperar que esta iniciativa frutifique e que o azulejo seja tomado a sério, seja protegido dentro do património artístico do país, seja encarado como merece no conjunto das manifestações artísticas portuguesas. Seria no entanto limitada e puramente teórica uma informação historicista: pretende-se, pelo contrário, demonstrar a vitalidade do azulejo e as possibilidades da sua actual, é preciso, sobretudo, destruir a ideia feita de que o azulejo é coisa morta... coisa que já passou...

● Há mais azulejos em Portugal do que em toda a Europa.

— Mais concretamente, sobre a importância do azulejo português, em absoluto e relativamente aos dos outros países europeus...

— Em Portugal usou-se o azulejo desde o século XVI em tal profusão que, apesar das delapidações, ainda aqui se conservam mais exemplares do que em qualquer ou-

Problemas da Indústria no Espaço Português

Em consequência de avaria técnica, verificada à última hora, nos estúdios da Radiotevisão Portuguesa, não foi possível ir para o ar a anunciada entrevista com o sr. eng.º António Garcia Casquilho, presidente da Associação Industrial de Angola, integrada no programa «Parada da Indústria», transmitido no passado dia 2. A transmissão da referida entrevista, sobre a conferência de mesa-redonda sobre Problemas da Indústria no Espaço Português, está agora prevista para o próximo programa do dia 16 do corrente, às 19 e 50.

EXCURSÃO AO ALGARVE

A F. N. A. T. leva a efeito uma excursão de três dias ao Algarve, de 19 a 21 do corrente, aproveitando o esplendoroso panorama das amenidades em flor. Para os lugares disponíveis aceitam-se marcações na 2.ª Secção da F. N. A. T. — Calçada de Santana, 180.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na «ACARIA CAMPINAS» Rua Joaquim Sabino Faria, 18 - A

tro país da Europa: podemos mesmo afirmar que Portugal possui mais azulejos do que todos os países da Europa juntos... É indispensável que os portugueses tenham a noção deste valor quantitativo — o que mais impressiona o público (e os estrangeiros) —, mas mais importante ainda é que se saiba que qualitativamente o azulejo português revela potencialidades estéticas específicas pela sua originalidade.

E ainda sobre a acção desenvolvida pela Brigada de Estudos de Azulejaria da Fundação Gulbenkian, o eng.º Santos Simões disse-nos:

— Aproveitando material colhido ao longo de mais de vinte anos de investigação particular, temos já feita a cobertura territorial de Portugal Continental, das Ilhas Adjacentes e do Brasil. Estão publicados os dois primeiros volumes do «Corpus da Azulejaria Portuguesa» — respectivamente, o referente aos Açores e Madeira e o do Brasil — e, ainda no seu âmbito, se publicou na Haia o estudo sobre Azulejos Holandeses em Portugal e Espanha. Encontram-se em preparação os volumes respeitantes a Portugal, comportando cerca de 3000 nucleos estudados e documentados, com mais de 10 000 fotografias, desenhos e aguarelas.

● Qualidade, modernidade e integração na arquitectura

Para terminar, quisemos saber a abalizada e especialmente qualificada opinião do eng.º Santos Simões sobre um aspecto que nos parece fundamental, qual seja o da possibilidade da cerâmica e do azulejo encontrarem no nosso país uma expressão moderna e válida e seu aproveitamento na arquitectura. Ao que o nosso interlocutor respondeu em termos inequívocos:

— Se considerarmos o programa da moderna arquitectura, verificamos, por toda a parte, um regresso a adjectivações decorativas, mormente no que respeita à utilização de novos materiais e ao emprego criterioso da cor. A cerâmica, mercê das suas qualidades materiais — e do extraordinário progresso tecnológico — presta-se magnificamente para uma reintegração. Assim se tem entendido em todos os países. Portugal, que antes de muitos soube tirar partido da especificidade da cerâmica como material decorativo, deixou-se ficar para trás. Basta assinalar, por exemplo, que certa indústria cerâmica italiana, francesa, inglesa e até brasileira, têm reproduzido «padrões» de azulejo português com que abastecem certos mercados, nomeadamente os dos Estados Unidos...

E a concluir:

Por extraordinário que pareça, Portugal não deve estar em condições de concorrer com os seus azulejos... Torna-se necessário e até urgente chamar a atenção dos interessados — artistas e industriais — para este problema, mas é também indispensável que qualquer movimento de revitalização seja orientado num sentido de qualidade e de modernidade, condições que manterão a dignidade do azulejo português e que são, no fundo, a sua tradição. Não se trata de reproduzir ad infinitum os padrões do século XVII ou os painéis do século XVIII — numa demonstração saudosista reveladora de inércia criadora —, mas de recriar em termos actuais e universalmente válidos o azulejo português naquilo em que ele foi sempre moderno — a sua perfeita integração na arquitectura.

VAGABUNDAGEM NA EUROPA

(Continuação da página central)

bonita, embora perca muito no confronto com o teatro da ópera de Lisboa. Quer pela situação, quer pelo edifício, como conjunto arquitectónico, quer pela própria ordenação da sala.

● S. Carlos na Ribeira

Quanto à situação do Teatro esta é verdadeiramente exótica, sabido que Covent Garden fica envolvido por um mercado de viveres e hortaliças, tão típico, desordenado e primitivo que fica a dever muito à nossa Praça da Ribeira.

Calcule-se o que seria abrir uma cratera naquele mercado da Avenida 24 de Julho e implantar-lhe S. Carlos no meio. Imagine-se o que seria as senhoras e os senhores muito bem postos nas suas vestes de gala a passearem junto dos caixotes de hortaliça e das sacas de batata. Também se vendem ali flores, é certo, e a graça serviu até a Bernard Shaw para situar a heroína do seu «Pigmaleão», que na versão cinematográfica intitulada «My fair lady» correu mundo. Simplesmente, ali, o espectador não chega nos grandes automóveis, a não ser em ocasiões especiais, em que a rainha participa, como qualquer mortal. De forma que, em princípio, ninguém parecia preocupar-se com a má situação do Teatro. Tal não acontece, no entanto, e ainda há poucos dias os jornais ingleses publicaram alguns tópicos do projecto que a administração tenciona realizar em 1972.

Trata-se de uma das soluções possíveis — como se afirma — envolvendo o empenho de 630 milhões de libras.

Esta verba não se destina, praticamente a mexer na sala e no palco, embora se preveja a montagem de mais 290 lugares. Estes, em nada afectarão a estrutura da sala, já modernizada, podendo o anfiteatro, á maneira dos nossos balcões, conter algumas centenas de espectadores nos lugares mais modestos, que custam uma libra (setenta escudos), beneficiando de perfeitas condições acústicas, de visibilidade e de conforto.

O projecto diz essencialmente respeito ao alargamento das instalações, roubando sucessivos espaços ao mercado circundante. A direcção do teatro parece especialmente preocupada com as condições de acolhimento do público que, embora bem arranjadas, são exiguas. Pensa, por isso, construir mais bares ou alargar os existentes, fazer um restaurante e criar provas locais de bilheteira. Ao mesmo tempo mandando restaurar a fachada do teatro, criando condições para que, nas noites de gala, possam ser observadas condições especiais de cerimonial.

Pensam construir, além disso, blocos para a administração, instalar melhor a escola de bailado e criar um novo edifício para o London Opera Centre, de forma que este disponha de um teatro com seiscentos lugares.

Assim, a Royal Opera House se adapta às exigências da sua missão, que caminha cada vez mais no sentido de uma extensa democratização da cultura balética e operática.

● O Bailado

Durante o período da nossa estadia em Londres apenas (!?) funcionam

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS. Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

navam dois teatros com espectáculos de bailado. Num, apresentavam-se os «jovens solistas do Bolchoi», que vinham de Paris, onde tinham, como já aqui se disse, participado no Festival Internacional da Dança, com maior êxito, diga-se de passagem, de público e de crítica.

Na outra sala — o Covent Garden — apresentava-se o Royal Ballet, proporcionando alternadamente dois programas diferentes, um constituído pelos três actos de «La fille mal gardée», bailado de que o Grupo Gulbenkian dança uma versão, em um acto, coreografada por John Auld. Outro, formado pelo «Ballet Imperial», «Monotones» e «Les Noces».

Entretanto, o London's Festival Ballet, tão nosso conhecido, prepara uma nova versão, em grande estilo, do «Casse-Noiset», que neste momento já estreou no Royal Festival Hall. A pequena companhia que ostenta o nome de Maria Rambert e está fixada na sua escola deu um dos seus esporádicos espectáculos e neste momento já está em Londres o «Ballet Mercure», que Norman Dixon criou e dirige e se ausentará de Londres, em «tournée» pela Jugoslávia,

sob o patrocínio do British Council. Donde o termos ficado para ver o espectáculo do Royal Ballet, com os três pequenos bailados, já que para «La fille mal gardée» nem no mercado negro arranjamos bilhetes. Chegou-nos, contudo, a visão da magnífica companhia nacional

inglesa para nos maravilhamos com o seu equilíbrio de valores, nivelados pelo melhor, com o seu estilo, com o seu inextinguível bom gosto.

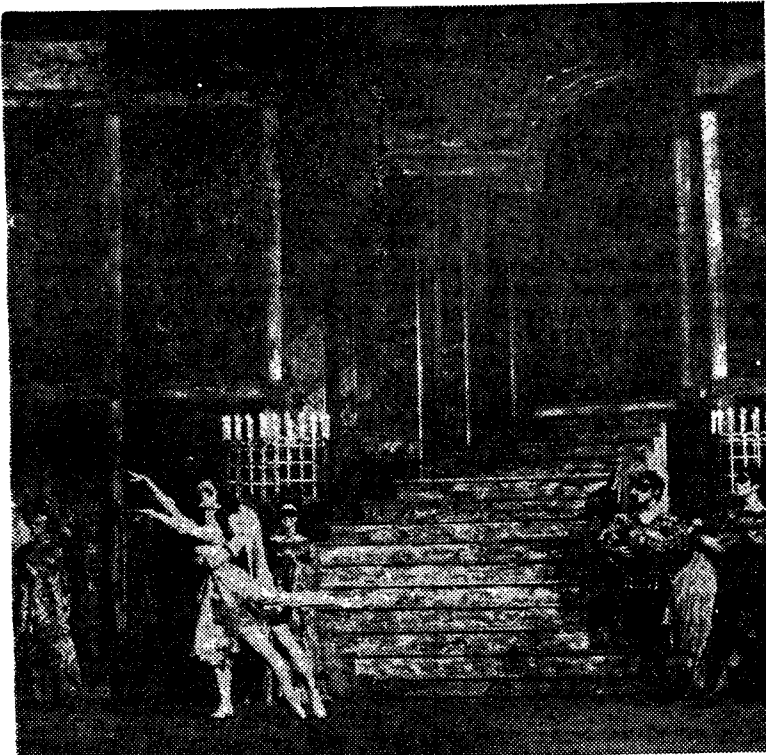
O «Ballet Imperial», coreografia de Balanchine sobre música de Tchaikovsky, foi um prodígio de graça e de verdadeiramente adequada interpretação.

O segundo bailado, «Monotones» — coreografia de Ashton sobre música de Erik Satie — é um exemplo do típico «estilo inglês», que se transforma num subtil fluído que domina o espectador. Finalmente, para a interpretação de «Les Noces» — coreografia de Nijinska sobre música de Stravinsky — ficaram reunidas quase duzentas pessoas, com um coro, cinco solistas, uma orquestra, magnífico agrupamento sinfónico do Teatro, o corpo de baile e os solistas, entre eles a célebre Beriosova. Não vimos, é certo, Nureyev, que se passeava por Paris em cuja ópera fora dançar, aproveitando para assistir à estreia da «Messa» de Béjart. Nem vimos, também, Marat Fonteyn que descançava das fadigas duma gloriosa carreira. Mas isso foi, certamente, para nos reservar o prazer de os ver de novo juntos, desta vez em Lisboa.

Estivemos também, levados pela audição de uma sobrinha, na escola de Maria Rambert.

De que gostaríamos de lhe falar, leitor, se já não fosse tão longa a série e a prosódia.

L. d'O. N.



Nureyev e Forsteyn, que Lisboa ainda há pouco viu na versão cinematográfica de «Romeu e Julieta», pelo Royal Ballet, retomam em Fevereiro, em Covent Garden, os seus papéis

A «LIBERTAÇÃO» DOS NAVIOS IMOBILIZADOS NO CANAL DE SUEZ

(Continuação da 12.ª página)

acordo com qualquer das partes e pensa que os contactos com o general Odd Bull apenas se destinam a informar que na região do cessar-fogo serão efectuadas operações de grande envergadura.

MAZUROV: A U. R. S. S. CONCEDERÁ UM AUXÍLIO EFICAZ

CAIRO, 8 — (A. N. I.) — A U. R. S. S. concede e concederá à R. A. U. e aos outros países árabes um auxílio eficaz na luta que travam para apagar os vestígios da agressão, a fim de que as forças israelitas se retirem para as posições que ocupavam antes de 5 de Junho — declarou, ontem, a noite, Cyrille Mazourov, primeiro-vice-presidente do Conselho de Ministros soviético, respondendo ao seu homólogo egípcio, Ali Sabri, no final de um banquete oferecido, no Cairo, em sua honra.

A concluir, Mazourov disse: «A questão do Médio Oriente continua a ser uma questão de interesse para a Comissão Central do Partido Comunista e para o Governo soviético. Estamos ligados à nossa política de apoio total à R. A. U. e aos outros países afectados pela

agressão, e estamos convencidos de que a vitória lhes pertencerá».

No seu discurso, Ali Sabri afirmou: «O mundo árabe enfrenta hoje uma forma de agressão sionista e de conspiração imperialistas que visam à destruição da revolução árabe e do movimento de libertação na região».

E mais adiante: «A vitória será conquistada, sejam quais forem os sacrifícios, por aqueles que defendem os seus direitos e as terras usurpadas».

TRES ARABES ALVEJADOS A TIRO

JERUSALÉM, 7 — (A. N. I.) — Uma patrulha do Exército israelita matou, ontem, três sabotadores árabes que a alvejaram a tiro, sete quilómetros a norte da ponte de Damia, sobre o rio Jordão. Um soldado israelita ficou ligeiramente ferido.

Navio a vapor denominado «São Simão» LEILÃO JUDICIAL

Dia 12, às 16 horas

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 2.ª Secção, será posto em praça, nos Estaleiros da firma ARGIBAY, em Alverca, o navio acima indicado, com a tonelagem bruta de 2466,25 e líquida de 1430,50 e o comprimento de 84,36 m. Tem de boca 13,22 m e pontal 7 m. Está registado na Capitania do Porto de Lisboa sob o n.º L2.894-TL, matriculado na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 1318 a fls. 55 do Livro D-4, abrangendo com o casco, todos os aparelhos, máquinas e demais acessórios.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Lisboa — Tel.: 4 59 34-4 62 59

Necrologia

FUNERAIS

Embaixador dr. Luís Norton de Matos

Ficou sepultado no cemitério da freguesia de Queijada (Ponte de Lima), onde fica o solar dos seus antepassados, o sr. embaixador Luís Norton de Matos, falecido, anteontem, subitamente.

Diplomata de assinalados méritos e operoso investigador histórico, salientam-se entre os seus valiosos trabalhos, «A Corte de Portugal no Brasil», livro do qual preparava 2.ª edição, e «A Dinastia dos Sás no Brasil»; além de outros, «Os Portugueses no Japão», «Doze cartas inéditas de Camilo Castelo Branco», «Alguns Apontamentos para o Perfil do Marquês de Pombal»; e, entre os trabalhos literários, «O Espiritualismo Oriental de Rabindranath Tagore». De referir, também, a colaboração em jornais e revistas no País e no estrangeiro. Culto e estudioso, o dr. Luís Norton de Matos, que se formou em Direito e em Ciências Histórico-Filosóficas, pela Universidade de Lisboa, exerceu a advocacia e o magistério secundário no Liceu Passos Manuel; ingressou, depois, na vida diplomática e desempenhou importantes funções.

Após ingressar nos quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 1926, foi prestar serviço na antiga Sociedade das Nações e foi, mais tarde, chefe das missões diplomáticas portuguesas, como ministro e embaixador, em diversos países. Desempenhou, também, as funções de director-geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna, e de 1959 a 1961, as de secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, presidindo, nessa qualidade, ao Conselho de Ministros.

Sócio da Academia Portuguesa de História, entre outras, possuía as seguintes condecorações: Legião de Honra, grã-cruz da Ordem do Mérito Civil de Espanha, grã-cruz da Ordem do Leão da Finlândia, grã-cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, grã-cruz da Ordem do Elefante Branco da Tailândia, grã-cruz da Ordem de Santo Olavo da Noruega, grande oficial da Ordem de Isabel a Católica, oficial da Ordem Militar de Cristo, Ordem da Águia Alemã, da Coroa da Roménia, etc.

O embaixador dr. Luís Norton de Matos era filho do conselheiro Norton de Matos, antigo reitor da Universidade de Coimbra e presidente do Supremo Tribunal de Justiça; e sobrinho do poeta Eugénio de Castro e do general Norton de Matos, eminente figura da República, como militar e estadista.

Contava 65 anos incompletos, era casado com a sr.ª D. Isolda Lino Norton de Matos; irmão da sr.ª D. Emília Norton de Matos Sampaio, casada com o sr. eng.º Carlos Sampaio; do sr. dr. juiz Arnaldo Norton de Matos, casado com a sr.ª D. Margarida Pereira Norton de Matos; da sr.ª D. Ermelinda Norton de Matos de Sousa Pires, casada com o sr. eng.º António de Sousa Pires, e da sr.ª D. Mariana Norton de Matos; genro do sr. arquitecto Raul Lino e da sr.ª D. Alda dos Santos Lino; cunhado da professora sr.ª D. Maria Cristina Lino Pimentel, casada com o sr. eng.º Vasco Pimentel.

Fora de perigo as siamesas separadas

JOHANNESBURG, 8. — (F. P.). — As irmãs siamesas separadas, Shirley e Catherine O'Hare, estão fora de perigo — anuncia o boletim hoje publicado pelo hospital «Transvaal Memorial», desta cidade.

O estado de saúde dos bebés melhora. O boletim acrescenta que as duas irmãs que agora podem mexer a cabeça, passaram uma boa noite, reagiram de «forma normal» e passaram a ser alimentadas normalmente.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE

Estabelecimento

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada
L I S B O A



Antiguidade
Rejuvenescimento
Experiência

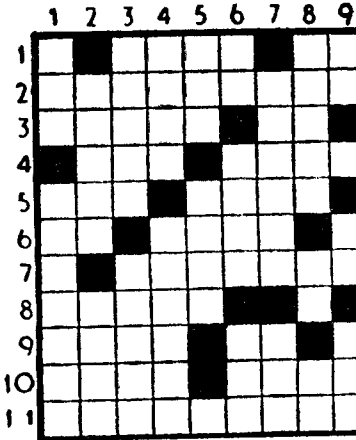
(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N. 4693

correria. 5 — Note. 6 — Removeras 7 —
Olas. Gás. Pl. 8 — SER. Dás. Mod 9 —
As. Lis. CEGO.

(Provérbio: O AMOR DEVE SER CEGO)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8537



HORIZONTAIS: 1 — Água congelada que cai das nuvens em flocos brancos e finos. Proposição. 2 — Um tanto maroto. 3 — Em cima de. Benito (s. q.). 4 — Baleia. Saciedade budista. 5 — Oferecer. L. da. 6 — Erbio (s. q.). Nome de mulher. 7 — Governadora de navio. 8 — Sem passagem. 9 — Rio do Egito. Pronome pessoal. 10 — Transmitem gratuitamente bens a outrem. Líquido composto de hidrogénio e oxigénio. 11 — Sofreara.

VERTICAIS: 1 — Cabelos brancos. Peleja. 2 — Branco. Mais mal. 3 — Pessoas estúpidas e ignorantes. Mole. 4 — Vaguela. Espécie de música cafre. 5 — Vá pelo ar com grande velocidade. Janota. 6 — Pronome pessoal (inv.). Perspicácia. Abreviatura de Madeira. 7 — Humilhava. Povoação do concelho de Condeixa. 8 — Infiltração de serosidade num órgão. Nota musical. Cidade do antigo Caldeia. 9 — Pedro de moínho. O mesmo que uma (ant. e pop.). Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah. Oh!

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4692

HORIZONTAIS: 1 — Ovar. Rosa. 2 — Cite. Eles. 3 — Arc. Mar. 4 — O. Aotás. 5 — Pa. Di. 6 — AMOR. Egos. 7 — Ene. Ras. 8 — Umas. 9 — Em. Aos. Me. 10 — Vão. Pag. 11 — Espremido.

VERTICAIS: 1 — Oc. Opa. DEVE. 2 — Via. Ame. 3 — Atra. ONU. Op. 4 — Re-

HORIZONTAIS: 1 — Estado da Europa setentrional, ao N. da Alemanha. 2 — A alma. 3 — Troça. Estime. Cobalto (s. q.). 4 — Em as. Forma apocópica e proclítica de vale. 5 — Leva á sirga. Pos-suída. 6 — Artigo definido (ant.). Samário (s. q.). 7 — Artigo definido. Magnete natural. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 8 — Farnapo. 9 — Harmoniza. Pronome demonstrativo. 10 — Mais mal. Livro da lei dos judeus portugueses. 11 — Artigo definido. Nome de mulher. Erbio (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Mulher gorda e baixa. Oculita. 2 — Pequenos barcos de recreio. Rio do Portugal. 3 — Em a. Nome de um astro. Irmão do pai. 4 — Governanta. Encolerizara. 5 — Sugo o leite materno. Artigo indefinido. 6 — Procede. Toca apito. 7 — Letra grega. Lês. Sufixo que designa abundância. 8 — Poema. Nome de um tecido antigo. 9 — Além. Levam á sirga.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8536

HORIZONTAIS: 1 — Nicarágua. 2 — Amora. 3 — Até. Si. 4 — Sim. Tal. 5 — Eras. Arca. 6 — Acordar. 7 — Coos. Riam. 8 — Sinos. 9 — Ru. Ais. Cr. 10 — Pré. Mac. 11 — Aaro. Riso.

VERTICAIS: 1 — Nu. Se. Corpo. 2 — Pirão. Ura. 3 — Ca. Moças. Er. 4 — Ama. Sósia. 5 — Rota. Nio. 6 — Are. Adros. 7 — Gá. Trais. Mi. 8 — Sacra. Cás. 9 — Avila. Merco.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 8 de Janeiro de 1938 publicava:

«LONDRES, 8. — Os telegramas da China anunciando que polícias britânicos foram molestados em Changai provocaram a recrudescência de indignação na imprensa inglesa, e a maior parte dos jornais informa que vai ser enviado a Tóquio um vigoroso protesto. A opinião pública está muito excitada e o jornal de grande tiragem «Daily Express» escreve no seu editorial: «Novo protesto vai ser enviado a Tóquio e, provavelmente, cruzar-se-á com as habituais desculpas japonesas. Um dia, porém, chegará em que um inglês, de resto muito cortez e pessoalmente estimado em Tóquio, deixará o litoral nipónico: será o embaixador da Grã-Bretanha.»

CURIOSIDADES

O Prémio Nobel para os cientistas

Uma recente estatística alemã informa que no domínio da Física, da Química e da Medicina o maior número de Prémios Nobel coube, até agora, aos Estados Unidos da América do Norte com um total de 71; em segundo lugar, a Grã-Bretanha e a Alemanha, com 45 prémios cada; e em terceiro, a França, com 20.

Foram, até agora, distinguidos com o Prémio Nobel de Física 26 americanos, 15 ingleses, 14 alemães, 8 franceses, com 6 de Química, 21 alemães, 15 americanos, 15 ingleses e 6 franceses; com o de Medicina, 30 americanos, 15 ingleses, 10 alemães e 6 franceses. Os restantes Prémios Nobel, nestes sectores, distribuem-se por 21 países, entre os quais a Rússia, com um total de seis prémios de Física.

Elas progridem

Nas Universidades e nos outros estabelecimentos de ensino superior na Rússia os rapazes mantêm ainda ligeira minoria, em número, quanto às raparigas, as quais, entretanto, vão aumentando consideravelmente.

Verifica-se, pelas estatísticas, que a percentagem de raparigas estudantes, passou de 43,1 em 1964-65, para 44,4 em 1965-66.

Uma antiga urbe romana

Foram descobertos, por acaso, restos de uma antiquíssima cidade do Lácio, perto de Aprilia, ao sul de Roma, que foi destruída pelos Romanos no século V antes de Cristo e cujas ruínas, nas quais se salientam colunas de mármore, se espalham por uma longa colina, entre Colli Albani e o mar.

Foi o arqueólogo Bernardino Tofani quem descobriu os vestígios da urbe durante um passeio pela região e, procedendo a escavações, logo encontrou belos vasos de cerâmica além de outro material. Parece tratar-se de Longula, assim chamada pelos Romanos por se estender ao longo de uma colina. Tito Livio foi um dos historiadores que falaram da sua existência, mas a localização nunca fora possível.

ANEDOTAS

■ Marta foi a casa da sua amiga Inês a um jantar muito elegante. Depois da refeição reuniram-se na sala onde conversaram e a certa altura uma delas perguntou:

— Queridas, alguma de vocês é capaz de me dizer qual é a coisa que as mulheres menos perdoam aos homens?

— São várias as opiniões.

— Olha, querida, — responde uma, eu o que mais detesto são os eternos negócios.

— A grosseria! — afirma outra.

— O ridículo! — declara uma terceira.

A quarta nada dizia.

— Então, e você, querida amiga? — perguntaram-lhe.

— Eu, eu... O sono. — respondeu ela timidamente.



— Devo confessar que, para um calista, você está a fazer-me um exame completo!

FACTOS REAIS

18 dias à deriva sobre um glaciar



Em 1871, o capitão Hall procura, com o seu «Polaris», uma passagem para o Pólo Norte. Chega a uma latitude nunca até aí atingida, mas morre durante um Inverno. A tripulação, para obedecer à última vontade do seu capitão, tentou prosseguir para o Norte. Mas viu-se forçada a derivar para o Sul, o que a não livrou de passar outro Inverno prisioneira dos gelos. O «Polaris» desapareceu durante um sismo glaciar. Dezanove pessoas viram-se, deste modo, isoladas sobre um glaciar à deriva. Começava, para eles, uma terrível tragédia.

1 — Depois de ter apelado para a piedade divina, o tenente Tyson resolveu fazer o reconhecimento do glaciar que o transportava, bem como aos seus companheiros. O enorme bloco de gelo media cerca de 6 quilómetros de perímetro, mas o tenente sabia muito bem que, como todos os glaciares a de-

rive para o Sul, iria diminuindo de dimensões, cada vez mais, até se afundar em breve.

O glaciar tinha montículos, alguns dos quais com 15 ou 20 metros de altura. A espessura do gelo que separava os naufragos do oceano era muito variável. Por baixo das colinas, a espessura deveria ser grande, mas nas zonas baixas e planas não ultrapassava três a quatro metros. Por baixo deles era o abismo. De tempos a tempos ouvia-se um estrondo sinistro: era um bocado da ilhota que se destacava e flutuava, solitária, ao largo.

2 — Regressado para junto dos seus companheiros de infortunio, Tyson tentou animá-los. Eram eles: Frédéric Meyer, o meteorologista; John Herren, criado de bordo; William Jackson, cozinheiro; e seis marinheiros: Kruger, Jamka, Lindermann, Anthing, Lindquist e Johnson. Havia ainda a família de dois esquimós, que serviam de guias à expedição: Joe

e Hans. Hannah, mulher do primeiro, tinha apenas uma filha, a pequena Punay. Mas Christiana, mulher do segundo, tinha vários, entre os quais o que nascera no navio e que fora baptizado com o nome de Charles Polaris.

Tyson esforçou-se por encorajá-los. Mas todos se encontravam mergulhados no maior desespero. Disse-lhes que prometera a Deus que, com a sua ajuda, os conduziria, sãos e salvos, à América. Os homens riram-se amargamente, trocando das suas palavras.

3 — Ou seria Tyson que trocava deles? — pensaram. O tenente, com efeito, não podia ter mais ilusões do que os outros! Encontram-se abandonados, perdidos, condenados a perecer — e a curto prazo — no Ártico gelado. Mesmo que pudessem resistir ao frio e à fome, um dia viria, inevitavelmente, em que essas montanhas se dissolveriam e a ilhota se desfaria aos bocados. Diante deles havia, ape-

nas, a morte. Sobre eles a terrível noite polar, que lhes serviria de mortalha. Desta vez, o pólo não lhes perdoaria.

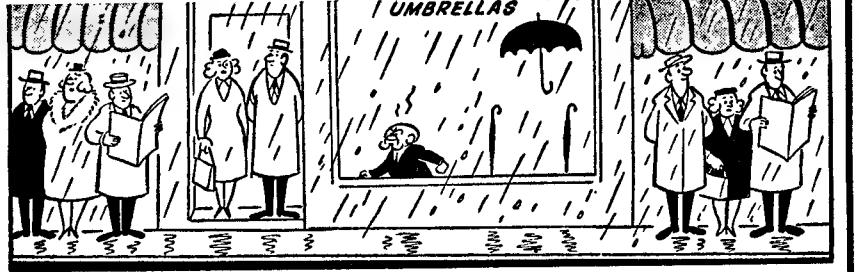
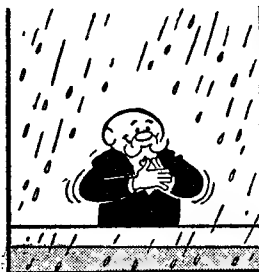
Que restava para os alimentar? A maior parte das provisões do «Polaris» desaparecera nas águas. Fazem algumas buscas no local do naufrágio e conseguem encontrar 14 caixas de carne seca, 11 sacos de pão e um saco de maçãs secas. Mas Tyson, que levou as suas buscas o mais longe possível, teve a sorte e a alegria de encontrar, numa anfractuosidade, 14 presuntos.

4 — Esta descoberta inesperada produziu o efeito de uma vitória sobre a adversidade. Mas, com as duas canoas, era esta toda a fortuna dos naufragos.

Molhados até aos ossos, meio gelados, arrasados de fadiga e de emoção, roídos de fome, entregam-se, então, a um verdadeiro banquete.

(Continua)

AVENTURAS DE TIO CARLOS



Histórias breves de segunda-feira

A neve ao microscópio



1 — Estamos no Inverno. Qualquer dia, pela manhã, ao olhar pela janela, apercebemo-nos de que tudo está branco. Como se a noite tivesse aproveitado o nosso sono para envolver o mundo com uma imensa capa imaculada. A neve. A sua presença parece-nos natural, e, contudo, é o resultado de um autêntico milagre da Natureza. Se a olhássemos atentamente, veríamos que não é tão simples como parecia á primeira vista. Para a maioria, a neve não evoca senão imagens de jogos... ou de desagrado: o esquí, o trenó, as longas noites á lareira... ou, ainda, a queda traçoira no passeio escorregadio.



2 — Mas observemos a neve um pouco mais de perto: é constituída por milhões de estrelas brilhantes, cintilantes, cinzeladas como pedras preciosas. A neve é constituída por pequenas gotas de água que formam as nuvens e que se condensam, lentamente, sob a influência de temperaturas negativas. É importante que a condensação se opere lentamente, porque, caso contrário, é a geada que se forma e cai sobre a terra em lençóis cerrados. A neve, formada lentamente, desce em direcção ao solo com preguiça, sob a forma de cristais minúsculos, que se juntam uns aos outros para criar o fofo tapete de que tanto gostamos.



3 — Há no Canadá um laboratório que apenas se ocupa do estudo dos cristais da neve. Ai se recolhem flocos, que se conservam preciosamente, para serem observados com o maior cuidado e classificados em diversas categorias. Se a neve cai em tempo calmo, os cristais apresentam-se sob a forma de estrelas regulares de seis pontas; se há vento, os flocos têm formas mais irregulares. Deste modo, um dos físicos do laboratório em questão afirma ter descoberto até agora cerca de cinco mil cristais diferentes.



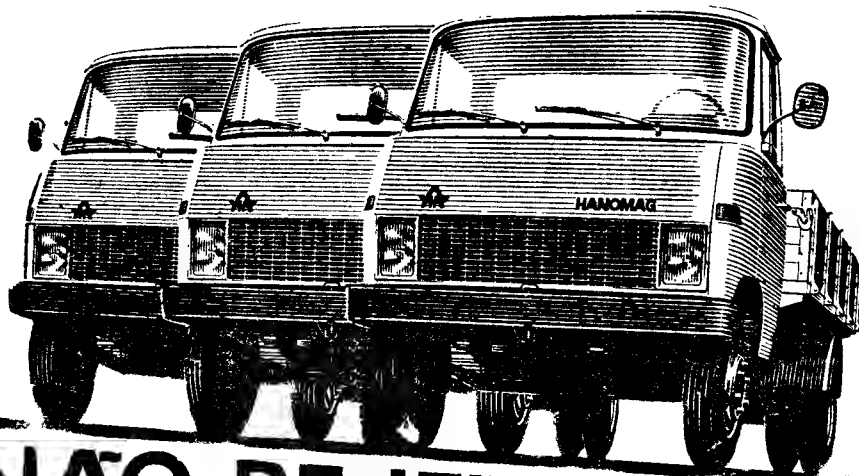
4 — Seria um erro pensar que este género de estudos não tem utilidade prática. O exame dos cristais permite, por exemplo, determinar os riscos de avalanches. Se se verifica que os cristais estão prestes a perder as pequenas agulhas que os ligam uns aos outros, sabe-se, então, que há riscos sérios de uma avalanche, contra a qual se podem tomar precauções. Não é impossível, por outro lado, que os cristais da neve participem na formação de auroras boreais: com pequenos bastões de seis cores fundamentais, alguns deles apresentam-se sob a forma de seis faces, através das quais a luz se decompõe para reconstituir as seis cores fundamentais.

POLICLINICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98 - 2.º - Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — às 18 horas
 Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas
 Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas
 Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 horas
 Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — às 14 horas
 Dr. A. de Barros Simão — Garganta nariz e ouvidos — às 16 horas
 Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e operações — às 18 horas
 Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas
 Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, protese — às 10 horas
 Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia, Electrocardiografia — às quintas-feiras, às 16 h.
 Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — às 16 horas
 Dr. Ana Brás Maria — Ginecologia — às terças e quintas-feiras, às 16 horas

HANOMAG

NÃO RECUSA CARGAS



NÃO REJEITA CAMINHOS

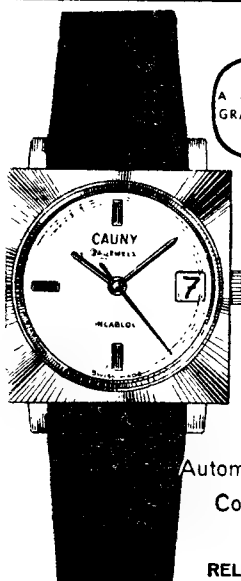
Além da tradicional qualidade o novo PROGRAMA HANOMAG oferece mais força, mais segurança e mais prazer na condução, aliados a uma Técnica Nova!...

Ainda mais seguros, mais potentes, mais confortáveis e ao mesmo tempo mais funcionais, são os novos camião rápidos HANOMAG.



REPRESENTANTE

IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.
 AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TELEFONE 728081 — LISBOA-1



Automático
 Con calendario
 RELOGIO SUIÇO

CAUNY

300 anos de experiência

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. **CASA LAIRES**, Rua da Prata, 291, 2.º Dt.º (junto P. Figueira) — Telefones 32 54 87 — 37 06 '8.



Camiões
 para todos
 os fins

3 500 e 15 000 KGS
 DE PESO BRUTO

SOREL

EXPOSIÇÃO E VENDA
 RUA TOMÁS RIBEIRO, 87-A - TELEF. PPCA 58111 (6 LINHAS)

ESTAÇÕES DE SERVIÇO-OPICINAS
 RUA FILIPE FOLQUE, 12 - TELEF. PPCA 58111 (6 LINHAS)
 RUA D. LUIS I, 28 - TELEF. PPC 66 27 55 - 66 58 49

L I S B O A

OPEL • CHEVROLET • BUICK • CADILLAC • OLDSMOBILE

CONCESSIONÁRIA DA

GM
 PORTUGAL

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º

TELEF. 369384

CARTAZ DOS CINEMAS

O «PORTEIRO» NO TIVOLI

ODEON As 15.15 e 18.15 (P. r.) e às 21.30
Permanente gargalhada com
Telef. 32 62 83
Floribela Queirós e João Lourenço
na história de um roubo de jóias
UM CAMPISTA EM APUROS
com Nicolau Breyner e Lígia Teles
Uma realização de Herlander Peyroteo
(Maiores 12 anos)

IMPERIO As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Telef. 55 51 34 O mais feliz dos filmes felizes
AS DONZELAS DE ROCHEFORD
com Catherine Deneuve — Françoise Dorléac — Danielle Darrieux
COLORIDO EM 70 m/m

estúdio As 15.30 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Telef. 55 51 34 A maravilhosa obra de
(M. 6 anos) **WALT DISNEY**
A GATA BORRALHEIRA

MUNDIAL As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
Telef. 53 87 43 Divertido e emotivo!
LADROES DE JOIAS
com Stephen Boyd, Yvette Mimieux e Giovanna Ralli
COLORIDO

AVIS As 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
4.ª SEMANA DE EXITO!
Telef. 471 63
MARISOL e JEAN-CLAUDE PASCAL numa encantadora comédia onde há intriga, amor, canções e bailes...
AS 4 BODAS DE MARISOL
(EASTMANCOLOR)
O grande brinde do Natal de 1967!

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
CAPITÓLIO — As 21 e 55 «Equilíbrio instável» (17 anos).
VARIADA — As 20 e 45 e às 23: «Pois, pois...» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A nossa cidade» (12 anos).
VILLARET — As 21 e 23: «Deliciosamente loucas» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «A esposa trocada» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Pão, pão... Queijo, queijo» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Mulheres à venda» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 25: «A Flor do Cacto» (17 anos).
CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «Flechas de fogo» (12 anos).
OLIMPIA — As 19: «Os três inventíveis» (17 anos).
PARIS — As 21: «Cortina rasgada» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Os turbulentos da montanha» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «Missão em Teerã» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Passos na noite» (17 anos).
ROYAL — As 21: «As 3 boas de Ringo» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Um Homem» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 9: «Assalto ao Forte» (12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Pistolas magníficas» (12 anos).
● **Unha de Sintra**
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Hércules contra Roma» (12 anos).
● **Cascais**
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O aventureiro de Thaila» (17 anos).
● **Almada** — INCRIVEL — As 21 e 15: «New York, chama super dragão» (12 anos); ACADEMIA — As 21 e 15: «O senhor da guerra» (17 anos).

DOURADOR E LACADOR
Transforma, restaura, todo o género, Igrejas, Antiguidades, etc. mesmo fora de Lisboa.
R. Gonçalves Crespo, 33-A
(ao Conde Redondo)
Telef. 46573

SÃO JORGE As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA (M. 12 anos)
Telef. 54 15 53
O maior êxito de Paris
A GRANDE PARÓDIA
com Bourvil — Louis de Funès
Mario Simões executa um programa de música variada, em órgão electrónico, durante o 1.º intervalo dos espectáculos nocturnos

POLITEAMA As 15.15 e 18.15 (P. r.) e às 21.30
3.ª SEMANA DE EXITO SENSACIONAL
Telef. 32 63 05 O arrebatador filme de espionagem
OS 7 HOMENS DE OURO ATACAM DE NOVO
com Rossana Podestá em temerárias e electrizantes aventuras
Technicolor (M. 12 anos)

SÃO LUIZ As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Um novo nome para perigo excitante e malicioso
ARABESCO
com Gregory Peck e Sophia Loren
TECHNICOLOR — PANAVISION

estúdio 444 As 15.30 18.30 e 21.45
2.ª Semana de lotações esgotadas (M. 12 anos)
Telef. 779095 Julie Christie e Oskar Werner no original e empolgante filme em technicolor
FAHRENHEIT 451
(GRAU DE DESTRUICÃO)
O mais discutido filme de François Truffaut

MONUMENTAL As 15 e 21.30 (M. 17 anos)
6.ª SEMANA
A mais bela história de amor de todos os tempos!
CAMELOT
com Richard Harris — Vanessa Redgrave
TECHNICOLOR — PANAVISION

ROMA As 15.30 e 21.45 (Adultos)
3.ª SEMANA
Balcão 72 91 92 ROCK HUDSON, LESLIE CARON e CHARLES BOYER
Platela 72 77 78 na mais maliciosa e divertida das comédias!
UM FAVOR MUITO ESPECIAL
Um filme de gargalhada em belíssimo eastmancolor

CONDES As 15.15 — 18.15 e 21.30 (12 anos)
3.ª SEMANA
Telef. 322523 O mais delirante e explosivo filme das Festas...
FANTOMAS CONTRA A SCOTLAND-YARD
Uma nova e excitante aventura do misterioso personagem
Jean Marais — Louis de Funès — Mylene Demongeot

EUROPA As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Telef. 66 10 16
CANTINFLAS o embalizador da República dos Coros mais condecorado do Mundo!
SUA EXCELENCIA
EASTMANCOLOR

CINE TEATRO As 21.30 (M. 17 anos)
LIDO Um êxito que não deverá deixar de ver!!
Telef. 93 75 95
AMADORA
BONNIE E CLYDE

IMPERIAL As 15 e às 21 h. (M. 17 anos)
Telef. 45933
ESTOCOLMO-BERLIM, 1942
COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

CINEMA IDEAL Telef. 32 41 94
As 21 horas (M. 17 anos)
INFERNO EM S. FRANCISCO
GOPE DE MESTRE À ITALIANA
7 PISTOLAS PARA OS MC GREGORS
UMA ENCANTADORA IDIOTA

TIVOLI As 3 da tarde (a p. red.) (M. 6 anos) e 9.30 da noite (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Telef. 5 05 95
Na tela gigante, um ÊXITO MONUMENTAL de 70 mm
O EXTRAVAGANTE DOUTOR DOLITTLE
com Rex Harrison

EDEN As 15.15, 18.30 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Telef. 32 07 68 O melhor filme de CANTINFLAS
SUA EXCELENCIA
EASTMANCOLOR

RESTELO Telef. 61 03 75
As 21.30 (M. 12 anos)
A AGONIA E O ÊXTASE
— MIGUEL ANGELO —
com Charles Heston e Rex Harrison

ALVALADE As 15.45 e 21.45 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Para si que gosta de um cinema excitante e malicioso
ARABESCO
com Gregory Peck e Sophia Loren
TECHNICOLOR — PANAVISION
ASSALTO AO COMBOIO CORREIO O ÚLTIMO ESPÍAO
As 15 e às 21 h. (M. 17 anos)
Telef. 42 04 04

SINTRA ESPERA-O
Para sua deslocação utilize os
NO DOMINGO
COMBOIOS ELÉCTRICOS



Jacinto Ramos e Augusto Figueiredo (no protagonista) numa cena da célebre peça de Harold Pinter «O Porteiro». Henrique Viana também interpreta esta peça, que o Tivoli apresentará, no dia 18, em estreia em Portugal. A encenação está a cargo de Jorge Listopad e os cenários são de João Vieira

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ O realizador checoslovaco Martin Fric marcou o seu octogésimo quinto aniversário com a conclusão de uma película policial, intitulada «Estreias estritamente secretas» e interpretada por Jiri Sovak e Jirina Bohdalova.
■ Jack Connell, antigo assistente do realizador Michelangelo Antonioni, propõe-se rodar um filme-documentário sobre os «hippies», no bairro de Haightashbury, onde mais abunda o movimento «hippy» de San Francisco.
■ Uma firma cinematográfica norte-americana contratou Pierre Schoendoerffer para escrever o argumento de uma nova película. Schoendoerffer calcula que necessitará de um ano para dar forma ao enredo com que sonha há muito tempo e escolher os locais da rotação.
■ Os principais sindicatos de Hollywood, agrupando actores, realizadores, escritores e técnicos em número superior a 30 mil, decidiram lutar em conjunto contra as produções «Runway», designação que se dá aos trabalhos cinematográficos que saem da Meca do cinema para serem feitos noutras cidades norte-americanas e no estrangeiro. Este esforço comum — afirmam os sindicatos — têm por fim evitar que a indústria do cinema abandone a sua tradicional capital, com graves consequências económicas e sociais. — ANI.
■ Paula Kelly, que contracenou em Londres (no teatro Príncipe de Galles), com Juliette Prowse na

comédia musical «Doce caridade», conservará o mesmo papel, desta vez ao lado de Shirley McLaine, na versão cinematográfica que Bob Fosse vai realizar.
■ O realizador Manuel Esteban Gallego está a rodar, perto de Llerda, os exteriores do filme «Ola... Senhor Deus», de que são principais intérpretes Maria Mahor e José Nieto.
■ «A toira de Pequim» e a nova coprodução franco-italiana, interpretada por Mireille Darc, Claudio Brook e Edward G. Ro-

binson que acaba de estreiar-se em cinco salas de cinema de Paris.
■ Ota Hofman, especialista em problemas de juventude, adaptou ao cinema um dos seus romances, «A fuga», com Yvonne Vyskocil e Roman Skamene nos protagonistas, segundo notícias de Praga.
■ A actriz polaca Krystyna Mikolajenska é a vedeta da película checa «Dita Saxova», que Antonin Moskalyk realizou, baseado num romance de Arnost Lustig.

HOTEL GARBE
ARMAÇÃO DE PÊRA — ALGARVE
PRECISA EMPREGADAS DE QUARTO

bom apetite

restaurante arameiro
PRÉMIO DO S. N. I.
TRAV. ST. ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Tel. 36 71 85

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 44
(Ao Campo Grande) — Telef. 79 02 11
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TONI DOS BIFES
RESTAURANTE
AMANHÃ
MOAMBA DE FRANGO
QUARTA-FEIRA
RANCHO À MODA DE VISEU
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 50-E
Junto ao Monumental) Tel. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADE DA ÉPOCA
O BOLO REI DA TARANTELA
Sala no 1.º andar para Banquetes e Lanches de Casamento

Restaurante MAIA • ALGÉS
AVISAM-SE OS EX.ªS CLIENTES E AMIGOS QUE REABRIU O SEU ESTABELECIMENTO S/ A SUA GERÊNCIA.
DEPOIS DE COMPLETAMENTE RESTAURADO DOS PREJUÍZOS CAUSADOS PELAS INUNDAÇÕES.
A Gerência, Maia
RUA DAMIÃO DE GÓIS, 32-B — ALGÉS

HOTEL BALTUM
ALBUFEIRA (Algarve)
Precisa:
CHEFE DE MESA
CHEFE DE TURNO
EMPREGADOS DE MESA
BARMANS
PORTEIROS
COZINHEIRO/A
MOÇOS COZINHA HABILITADOS
Os candidatos interessados deverão dirigir-se directamente ao Hotel ou aos Est. Teófilo Fontainhas Neto — Com. e Ind. SARI, Apartado 1, telef. 8 e 89 — S. B. Messines (Algarve).

O HOSPITAL DE CRIANÇAS de Maria Pia (no Porto) funcionará

como central no foro da pediatria

Foi hoje publicado na folha oficial um despacho que determina que o Hospital de Crianças de Maria Pia, no Porto, passe a funcionar como central no foro da pediatria, pois desempenha importante função assistencial, nesse sector, no Norte do País, e é levada em consideração a elevada qualificação técnica dos seus serviços.

Espectáculos para hoje à noite

TEATROS

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Duas pernas... Um milhão» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 2 e 30: «A grande paródia» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Dragão de fogo» (17 anos)
RIVOL — As 21: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Este difícil amor» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «Sua Excelência» (12 anos)
OLÍMPIA — As 21 e 30: «Os assassinos de Karate» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Sangue no deserto» e «Jerry 8 3/4» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Com os olhos vendados» (12 anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O último degrau» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Agente secreto FX-15» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Ao pôr do sol» (12 anos)

Para amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 5 e 30: «A grande paródia» (12 anos)
RIVOL — As 5: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «Este difícil amor» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «Sua Excelência» (12 anos)
OLÍMPIA — As 15 e 30: «Os assassinos de Karate» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «O falsário de Londres» e «O tesouro do Lago de Prato» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «Os sete homens de ouro atacam de novo» (12 anos)

Para o seu cabelo

Os Institutos Científicos Capilares «SAINT-ANTOINE», DE PARIS, especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da República, 2, 1.º andar (junto ao Saldanha), com o telefone 56 02 72, encontrando-se aberto ao público todos os dias úteis das 10.30 às 12.30 e das 15 às 19.30 horas.

Em 30 minutos de exame, sem nenhum compromisso, diremos se o nosso método pode ser eficaz no seu caso.

Para consulta sobre o método a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, estão montados de forma para que as senhoras e os senhores clientes não percam tempo.

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas.

Cientificamente os tratamentos dos Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, são os mais avançados para resolver o problema do cabelo no ramo da COSMETOLOGIA.

Na Península Ibérica:
LISBOA — Av.ª da República, 2, 1.º — Tel. 56 02 72 — Portugal
MADRID — Av. José António, 7 — Tel. 2214400 — Espanha
BARCELONA — Ronda San Pedro, n.º 8 — Tel. 2210108 — Espanha

Curso de Aperfeiçoamento em Psiquiatria

No Anfiteatro Norte da Faculdade de Medicina prossegue hoje, às 21 e 30, o Curso de Aperfeiçoamento em Psiquiatria, organizado pela Clínica Psiquiátrica daquela Faculdade.

O sr. dr. Walter Osswald, dará uma lição subordinada ao tema: «Farmacologia das catecolaminas e da 5-hidroxitriptamina (5-HT, serotonina) a nível do sistema nervoso central».

Ocorrências policiais

Dejois de partirem o vidro da mostra, os gatinhos penetraram num estabelecimento de artigos eléctricos na Rua de São Dinis, 210, pertencente ao sr. Miguel de Almeida, de onde levaram um aparelho de rádio, avaliado em mais de 1000\$00.

Chefe do distrito

Por motivo da passagem do 4.º aniversário da sua posse do cargo de governador civil, o sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, recebeu, hoje, cumprimentos de entidades oficiais, representantes de diversos organismos e outras individualidades de representação.

A VISITA DE ESHKOL AOS E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

ao Departamento de Estado afirma-se que Levi Eshkol ficará, sem dúvida, desiludido com a sua visita aos Estados Unidos. O primeiro-ministro queria receber do presidente Johnson a certeza de uma entrega imediata de caças-bombardeiros supersónicos «Phantom». Porém, o chefe da Casa Branca adiou a sua decisão a tal respeito.

A Administração americana não quer participar na corrida aos armamentos no Médio Oriente e pensa que as estatísticas fornecidas por Israel acerca do rearmamento egípcio não são de molde a justificar uma decisão imediata. Por outras palavras, não existe para Washington desequilíbrio grave entre as forças militares em presença no Médio Oriente.

PUBLICAÇÕES

ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA (Boletim n.º 3)

O n.º 3 do «Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa», com sede na Sociedade de Geografia, reúne algumas valiosas comunicações apresentadas àquela instituição, criada há tempos como elo de ligação entre todos os povos de língua e cultura portuguesas.

Entre outras, as comunicações dos profs. Hernâni Cidade, Agostinho da Silva e Júlio Gonçalves. A primeira, sobre a historiografia estrangeira e a expansão portuguesa; a segunda, sobre o culto popular do Espírito Santo; e a terceira sobre Gilberto Freyre.

Além destas comunicações, discursos e comunicações de personalidades como os dres. Adriano Moreira e Gilberto Freyre, Elaine Sanceau, Francis Rogers, Silva Rego, Martins de Carvalho, A. Gonçalves Pereira e Moniz Aragão.

O MÉDICO

Para assinalar o início do seu 19.º ano, o semanário «O Médico» publicou um número especial, com 200 páginas e valiosa colaboração, entre a qual 16 trabalhos subordinados ao tema «Balanço das aquisições recentes em Patologia e em Terapêutica», relativos a diversas especialidades de entre aquelas em que se acentuaram mais os progressos nos últimos anos. O número publica também outros interessantes artigos sobre vários assuntos e insere algumas das habituais secções.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Na Casa da Beira Alta tomam posse hoje, às 21 e 30, os componentes dos novos corpos gerentes, a cuja direcção preside o sr. dr. Amândio Marques.

— Ao princípio da madrugada, recolheu ao Hospital Escolar de São João o operário sr. João António Gonçalves, de 21 anos, casado, residente em Baguim, Alfena (Vale do Lobo), que apresenta uma ferida incisa na axila esquerda, pois, segundo declarou, fora agredido a navalhada, após uma discussão, por um indivíduo cuja identidade desconhece.

Nevoeiro sobre Pedras Rubras

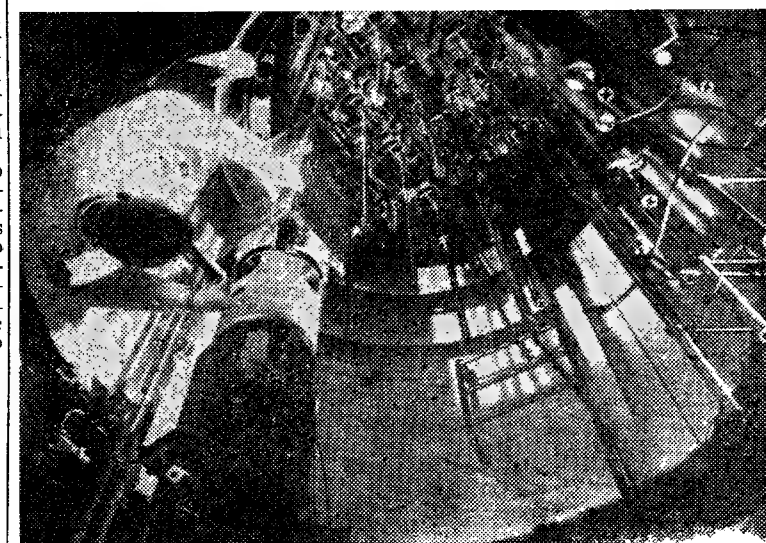
Esta manhã, em consequência de denso nevoeiro sobre Pedras Rubras, o avião da manhã, da carreira Lisboa-Porto, teve de retardar a viagem, e só aterrou naquele aeroporto cerca das 11 horas.

Em viagem

Partiu para Copenhague o sr. Eduardo Luís Bonneville de Oliveira.

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALÍRIO DE BARROS, SUCRS., Rua Costa Cabral, 240 (T. 40593) * BOAVISTA, Rua da Boavista, 501 (T. 2-5443) * BOATELHO, Rua da Alegria, 863 (T. 4-0069) * CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (T. 2-584) * CONTUMIL, Rua de Contumil, 540 (T. 45755) * CORUJEIRA, Rua de S. R. da Lameira, 1473 (T. 5-1928) * GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 696 (T. 2-4645) * LEMOS & FILHOS, Pr. de Carlos Alberto, 3 (T. 2-509) * MAIA, Rua do Campo Alegre, 192 (T. 6-4450) * PENINSULAR, Rua Chã, 100-02 (T. 2-0707) * PINHEIRO MAN. SO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (T. 6-0692) * SA, Rua Vale Formoso, 8 * FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (T. 68-0127) * SERPA PINTO, Rua de Serpa Pinto, 645 (T. 4-8697)



O «coração» do reactor nuclear do «Otto Hahn», o navio atómico alemão ocidental

Evocada a criação da Endarteriectomia pelo prof. Cid dos Santos que falou na abertura das comemorações

Na Aula Magna da Faculdade de Medicina principiaram esta manhã as comemorações do 20.º aniversário da criação, pelo prof. dr. João Cid dos Santos, da Endarteriectomia, que abriu novas possibilidades e horizontes à cirurgia arterial e tornou justamente conhecido à escala internacional, o nome daquele ilustre cirurgião e cientista, a quem também outros aspectos da medicina portuguesa muito deve.

As comemorações, organizadas pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, abriram, nesta primeira sessão, com uma introdução geral feita pelo próprio prof. Cid dos Santos, que agradeceu e saudou a presença de todos, em especial dos cientistas estrangeiros que se deslocaram a Lisboa para participar nas comemorações, cujo contributo para os seus trabalhos e para este domínio da ciência recordou. Além de outras considerações, o orador pôs também em relevo que a cirurgia arterial só foi em grande parte possível pela descoberta da arteriografia, método criado por seu pai, o prof. dr. Reinaldo dos Santos. E, depois, descreveu num estilo de orador fluente, diversas etapas por que passaram as suas experiências, os processos uti-

lizados, os fracassos e os êxitos, tudo que foi necessário para chegar a essa importante descoberta. Após essa parte histórica, o prof. dr. Cid dos Santos fez ainda uma importante dissertação de carácter científico sobre o tema em debate.



O prof. Cid dos Santos ao usar da palavra na sessão inaugural

Conferências

«Desequilíbrios alimentares em microelementos e seus riscos»

Amanhã, dia 9, pelas 21 e 30, o prof. dr. Mário Baptista Brás proferirá, na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, uma conferência sobre «Desequilíbrios alimentares em microelementos e seus riscos».

Em seguida, o prof. René Fontaine fez uma comunicação sobre «Indications respectives de l'endarterectomie et partages dans la chirurgie de l'artériosclérose», que foi seguida com muito interesse pela assistência que enchia aquela aula magna, e entre a qual se contava o director da Faculdade de Medicina, prof. Irigoyen de Moraes, professores catedráticos e outros membros do corpo docente, e muitos médicos e alunos.

A sessão presidiu o prof. eng.º Abreu e Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura, que se encontrava ladeado, à direita, pelo reitor da Universidade de Lisboa, prof. dr. José Sarmiento, profs. dres. Cid dos Santos Lima Bastos, Torres Pereira e dr. Alberto Gomes, da direcção da Sociedade de Ciências Médicas, e à esquerda pelo prof. dr. António Maria Godinho, vice-reitor da Universidade Técnica, Juvenal Esteves, director do Hospital de Santa Maria, e dr. Marques da Gama, secretário-geral da Sociedade.

PARA GRANDES ORGANIZAÇÕES PRÉDIO VENDE-SE OU ALUGA-SE

Com 15 anos de construção, completamente restaurado, cerca de 2500 m2 de área total, em 6 pisos, com 38 dependências utilizáveis, dispondo de 4 salas com cerca de 100 m2, 5 salas entre 40 e 50 m2, 3 salas entre 30 e 40 m2, 6 salas entre 20 e 30 m2, todas com possibilidade de subdivisão, e ainda último andar com 150 m2 livres.

ELEVADOR E AQUECIMENTO CENTRAL

Ver das 11 às 14 h.

R. de Santa Marta, 32

OCUPAÇÃO IMEDIATA

Trata no Hotel Embaixador, todos os dias úteis, das 19 às 20 h.

Indiferentes à grandiosidade do pano de fundo formado pela multidão, Valdemar e Eusébio perseguem a bola fugidia. Nas suas atitudes e expressões lê-se o esforço, a ansiedade, toda a riqueza competitiva deste sensacional Benfica-Porto

A EMOÇÃO MOROU NA LUZ



A BELEZA DO FRENÉTICO

O «jogo do ano», logo no primeiro domingo de 68...

Outros virão. Outros jogos de emoção, de riqueza técnica, do colorido de festa que vai do relvado á multidão imensa, que vibra, que sofre, que protesta e aplaude. Mas será difícil superar, em motivos de agrado para o adepto, em espírito competitivo levado às fronteiras

MÁRIO ZAMBUJAL
comenta

ras do frenético, esse choro que empolgante entre as

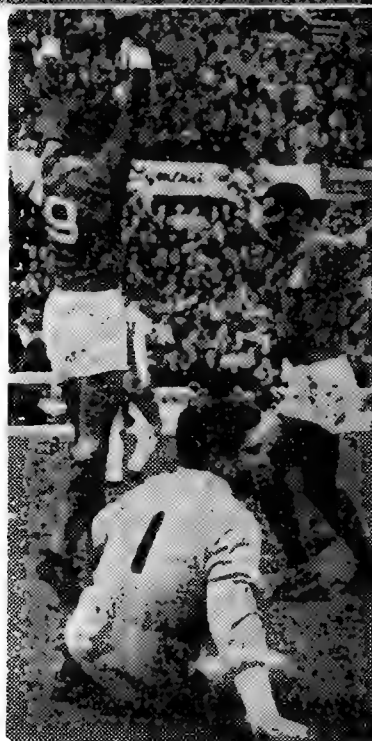
O «jogo do ano»? Prematuro será considerá-lo assim. Mas não são de todos os domingos os jogos como este Benfica - Porto, legenda do tal «futebol de campeonato», que se escreve com o saber, o esforço, o ânimo, a vontade indómita na pesquisa do êxito.

Começou na brecha, veloz e entusiasmado, um Benfica espicaçado

nos seus bríos pelo fracasso do domingo anterior. Ter-se-á pensado, então, que a turma do Porto cedo iria naufragar nesse vendaval desencadeado sobre a sua área, logo no alvorecer do jogo. Errado. Não tardou a apreender-se que o grupo nortenho seria digno adversário do seu antagonista. Acautelando-se na defesa, guardando o meio-campo com a chamada de Gomes para a linha de Pavão e Pinto, os portueses mostravam-se rápidos, codiciosos e ameaçadores nos golpes de resposta. E estes contra-ataques começaram a tornar-se mais frequentes, a dar ao jogo um emocionante pingue-pongue de ofensivas, sempre com o rótulo da decisão e do destino, muitas vezes desenhadas com maestria.

Foi assim até ao primeiro golo, por Eusébio, de «penalty», lance que adiante se analisa. Não tardou mais que três minutos o segundo tento benfiquista, em jogada perfurante de Torres, que bateu toda a defesa portista e fuzilou, de perto, a baliza de Américo. Golpe final nas ambições e no ânimo dos nortenhos? Ainda aqui erraram os que

(Continua na página central)



Torres acabara de marcar o 3.º golo do Benfica. E a alegria de Eusébio não é menor que a do marcador



SETÚBAL: passo em frente para o SPORTING

UM GOLO «ESQUISITO» NUMA VITÓRIA AFORTUNADA

FUTEBOL, sempre futebol. O Vitória de Setúbal, que jogou durante 46 minutos com menos uma unidade e que, apesar disso, não se inferiorizou perante os adversários, não merecia sair derrotado deste encontro com o Sporting. Mas perdeu. E, para maior desgosto seu, mercê de um golo extremamente feliz por parte do autor — Figueiredo, o esforçado dianteiro «leonino». Surgido, para mais, quando distavam apenas três minutos do termo da partida. É futebol!

O golo do Sporting em duas imagens: o remate de Figueiredo e a alegria do marcador e dos seus companheiros

O desafio, para uma mais correcta apreciação, deve dividir-se em dois períodos distintos

(Continua na página central)

BOA RÉPLICA DOS ESPINHENSES EM TORRES

No seu campo, o «leader», de momento em forma apurada, teve no Sporting de Espinho adversário valoroso. Os unionistas de Tomar desfrutaram de domínio mais ou menos amplo, mas os visitantes replicaram sempre com energia e entusiasmo, principalmente no segundo tempo, no decorrer do qual se averbou um golo para cada lado. É certo que os tomarenses pareceram descansar um pouco devido ao facto de haverem conquistado 2-0 na primeira parte; todavia, nem tal pormenor chegará para desme-

recer da esforçada réplica oferecida pelos espinhenses.

EMPATE DO LEÇA EM AVEIRO

O Beira-Mar, mesmo no seu campo, teve de novo um ar de desfortuna, desta vez diante do Leça, que se bateu, aliás, sempre com indomável energia. De nada valeram aos aveirenses o domínio e as melhores situações de golo feito de que desfrutaram. Não foram além de 1-0 no período inicial e, no segundo, não puderam evitar que os leceiros houvessem alcançado o empate. Assim, o Beira-Mar viu-se um pouco mais afastado do «lea-

der». A perda de pontos em campo próprio representará sempre contrariedade de vulto para as equipas que alimentam maiores aspirações.

BOA VITÓRIA DO FAMILICÃO

Em Vizela, defrontaram-se duas equipas que exibem modesta classificação. E aconteceu que os famalicenses triunfaram, e bem, por 3-2, tendo os seus golos sido obtidos por Aurélio. Dentro da mediocridade técnica em que decorreu o despique, com a bola sempre no ar, os rapazes de Famalicão foram sempre mais ameaçadores no ataque, precisamente o compartimen-

to mais frágil da equipa adversária, por carência de rematadores á altura da situação.

A PRIMEIRA VITÓRIA DO UNIÃO DE LAMAS

No seu campo, o União, de Santa Maria de Lamas, conseguiu, afinal, o seu primeiro triunfo, a despeito de haverem defrontado uma equipa que tem desfrutado de certa evidência — a do Tramagal. A verdade, porém, é que os unionistas continuam ainda tremendamente desamparados no último lugar, embora possam contar com um conjunto promissor, conforme ainda ontem ficou exuberantemente demonstrado. Venceu por 2-0 — e

o êxito poderia ter sido ainda mais nítido, se a defesa tramagalense não tivesse agido com acerto, umas vezes, e com alguma sorte noutras. Triunfo, portanto, da melhor equipa.

SURPREENDENTE RESULTADO EM COUVEIA

O conjunto gouveense defrontou, no seu terreno, o do Académico de Viseu, precisamente um dos mais conceituados da Zona Norte. E triunfou, com toda a clareza, por 3-0, resultado que surpreende, até porque foi construído na segunda parte do encontro. Mas ajusta-se ao desenrolar da partida, que se caracterizou pelo equilíbrio, no primeiro tempo, e pelo domínio dos locais, no segundo.

Os viseienses, desta vez, não puderam fazer gala de boa organização defensiva, ainda que no ataque os gouveenses se houvessem mostrado empreendedores e expeditos no capítulo do remate.

O SALGUEIROS VENCEU O COVILHÃ

Os salgueiristas receberam uma das mais fortes equipas do torneio — a do Sporting da Covilhã — e ganharam, por 2-0, com 0-0 ao intervalo. O seu êxito, porém, revestiu-se de grande dificuldade, porque os «leões» da serra retorquiram sempre com extraordinária determinação. Pode dizer-se, no entanto, que o êxito se inclinou para a equipa que manifestou propósitos mais ofensivos, a que, portanto, buscou o golo com mais pertinácia.

A organização defensiva dos covilhanenses portou-se, no entanto, á altura das circunstâncias. E das melhores do torneio, sem dúvida alguma.

Vistas as coisas á luz crua dos factos, o triunfo salgueirista foi, porém, a todos os títulos, merecido. O triunfo da equipa que mais atacou. E, nos tempos decorrentes, nem sempre isso acontece...

O TORRES NOVAS EM PENAFIEL

A equipa torrejana, que tem conhecido, desta vez, aura de certa evidência, deslocou-se a Penafiel, cuja equipa, ao invés, atravessa um período inquietante. Sucedeu, no entanto, que os penafidenses alcançaram um golo na primeira parte da contenda — e tal feito chegou para averbarem triunfo precioso.

(Continua na 6.ª página)

ZONA NORTE

Resultados

Vizela-Famalicão	2-3
Salgueiros-Covilhã	2-0
Penafiel-T. Novas	1-0
U. Lamas-Tramagal	2-0
U. Tomar-Espinho	3-1
Gouveia-A. Viseu	3-0
B. Mar-Leça	1-1

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
U. TOMAR	12	8	2	2	25-14	18
Salgueiros	12	5	5	2	18-11	15
A. Viseu	12	5	4	3	15-15	14
Beira-Mar	12	5	4	3	17-9	14
Sp. Covilhã	12	5	3	4	14-11	13
T. Novas	12	5	3	4	26-22	13
Tramagal	12	3	6	3	16-13	12
Sp. Espinho	12	5	2	5	18-21	12
Leça	12	4	4	4	16-13	12
Gouveia	12	4	3	5	18-21	11
Vizela	12	5	—	7	21-28	10
Penafiel	12	4	2	6	14-23	10
Famalicão	12	2	5	5	11-19	9
U. Lamas	12	1	3	8	18-27	5

Factos salientes

Primeira vitória do União de Lamas e primeiro êxito do Famalicão em terreno alheio.

Surpreendente empate do Leça em Aveiro e expressiva derrota do Académico de Viseu em Gouveia.

Maior avanço para o União de Tomar, agora com a vantagem de três pontos.

A próxima jornada

No próximo domingo realiza-se a 13.ª jornada, para encerramento da 1.ª volta com os seguintes jogos:

Famalicão - Gouveia; A. Viseu-B. Mar; Leça-U. Lamas; Tramagal-U. Tomar; Sp. Espinho-Salgueiros; Sp. Covilhã-Penafiel; T. Novas-Vizela.

novas instalações



A partir de 8 de Janeiro de 1968
a Dependência Urbana de
S.ª MARTA

agora na

**R. RODRIGUES SAMPAIO, 18 A e
R. S.ª MARTA, 7 A**

Tels. 59295-537405
LISBOA



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Trabalhamos mais para servir melhor.

SANTO TIRSO: DÃO ALVÍSSARAS A QUEM MARCAR GOLOS

Neste jogo disputado entre o Tirsense e a C. U. F., apenas a vitória interessava aos locais em virtude da sua posição na tabela classificativa que é na verdade crítica. Por isso mesmo, mal o árbitro apitou para dar início ao jogo, o Tirsense lançou-se deliberadamente ao ataque pondo a defesa cufista em apuros por diversas vezes e criando algumas oportunidades de marcar, falhas apenas por precipitação dos seus avançados, no momento do remate final.

Toda essa avalanche de ataques era feita mais à base de força do que de jeito e, quando assim sucedeu, apenas por uma questão de sorte é que se conseguem marcar golos a uma defesa como a da C. U. F., que joga com muita genica e à base da antecipação.

Crear oportunidades e concretizá-las em golos é uma virtude de todo o ataque mas criá-las e perdê-las, por lentidão ou precipitação é um defeito desse mesmo ataque. Está neste caso a linha avançada do Tirsense que em todos os jogos tem perdido golos, a maior parte das vezes por sua culpa do que por mérito das defesas adversárias.

Por tudo aquilo que deixamos dito atrás somos obrigados a concordar que o resultado de 0-0 verificado no fim dos 90 minutos deste Tirsense-C. U. F. está certo porque, se por

um lado premia a defesa cufista, por outro castiga a linha avançada local pela sua falta de talento em rematar à baliza adversária.

O guarda-redes da C. U. F., Vítor Cabral, foi o guardião que mais vezes esteve em acção, mas viu a sua tarefa algo facilitada pelos erros cometidos pelo ataque contrário.

Se as oportunidades de golo criadas durante todo o jogo pelos avançados das duas equipas se pudessem contar por golos, o Tirsense teria sido o vencedor, com toda a justiça, mas como tal não sucedeu, o resultado é perfeitamente justo.

No Tirsense notou-se a falta de Ernesto, que a meio do campo tem sido o melhor elemento da sua equipa e que não jogou por se encontrar

lesionado, segundo nos foi informado.

A sua defesa, com excepção de Virgílio, jogou muitíssimo bem, com um espírito de entre-ajuda que só beneficia o trabalho de todos.

Na linha média e no ataque, destacamos as exibições de Carlos Manuel, Silva Amândio e por vezes Mendes.

A equipa da C. U. F. mostrou-se bem constituída fisicamente e com uma linha média razoável, mas o seu ataque foi anulado devido à boa actuação da defesa tirsense. A defesa cufista não mostrou grande categoria mas também não foi obrigada a mais devido aos erros do ataque local conforme referimos já.

Os seus melhores elementos foram: Medeiros, Vieira Dias, Espírito Santo e Rogério.

Quanto à arbitragem consideramo-la razoável e sem qualquer interferência no resultado final.

JOSÉ DIAS DE CAMPOS

CINZENTA (COMO A TARDE)

A PARTIDA DE MATOSINHOS

O encontro disputado no Estádio do Mar, entre leixonenses e sanjoanenses, constituiu um magnífico exemplo da actuação de duas tur-

mas em tarde de deficiente inspiração...

Realmente, e para não destoar do cariz cinzento do dia, ambas as equipas apostaram em oferecer um jogo mediocre, pouco característico, assinalado unicamente pelos golos aparecidos, mais por mercê do acaso — ou seja com princípio em «brindes» dos defesas — que por mérito próprio.

Correu-se muito, quase sempre à sorte, sem ritmo nem coordenação, jogou-se, de princípio a fim, atabalhoadamente e sem o mínimo de sincronização, de estratégia. O esférico andou numa roda-viva, aos repêlões, e a manobra táctica de cada turma limitou-se a aceitar as coisas como elas se apresentavam, sem a preocupação de fazer bem ou pelo menos um pouco melhor que aquilo a que se assistiu.

O primeiro tempo revelou uma Sanjoanense mais pujante, mais experiente, muito sabida, frente a um Leixões que ainda acusa, flagrantemente, a «verdura» dos seus dianteiros. As defesas dos dois lados, para contrabalançar a impotência, o nervosismo e a precipitação dos quadros ofensivos, resolveram facilitar-lhes a tarefa e os golos aparecidos nada mais foram que generosas ofertas suas.

O Leixões efectuou, talvez, o seu pior jogo em casa. Bené e Júlio Teixeira passaram despercebidos no meio-campo e, assim, o desenvolvimento táctico da turma ressentiu-se bastante e de tal forma que o «onze» não mais acertou no carrilamento dos lances ofensivos. A retaguarda esteve insegura e só Raul manteve o habitual índice de rendimento.

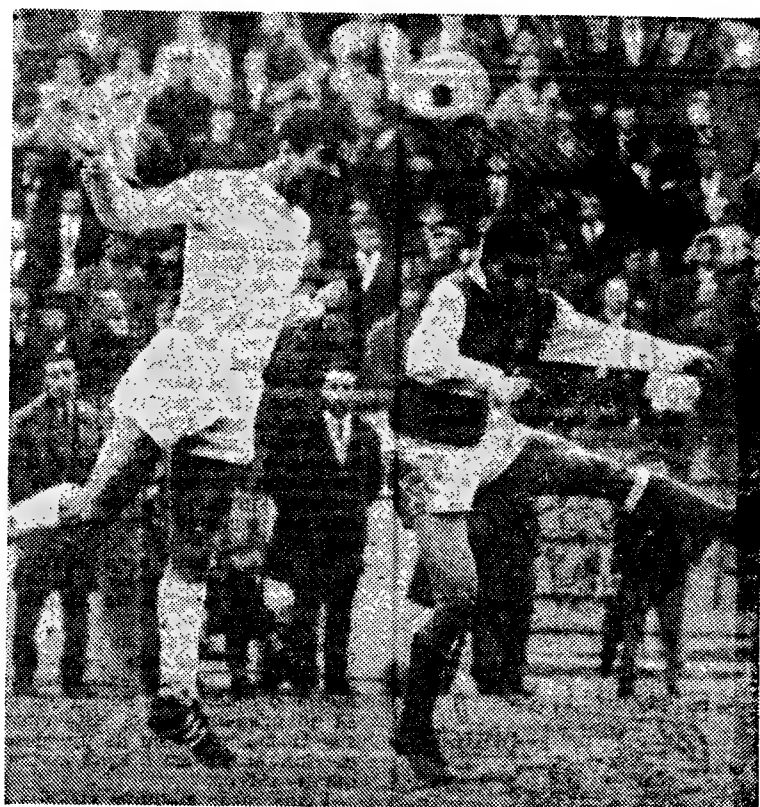
A Sanjoanense, para além de revelar uma cuidada preparação física e uma força atlética digna de registo, por aqui se ficou, denunciando um ataque pouco ousado e sem imaginação. Valtar não soube aproveitar devidamente os ensejos que lhe foram propiciados e os demais companheiros cotaram-se igualmente com modéstia.

A arbitragem do bracarense Diogo Manso pode ser rotulada de excelente e de segura.

ERCÍLIO DE AZEVEDO

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da direcção da Associação de Xadrez do Sul, recentemente eleita, recebemos um cativante ofício a agradecer todas as atenções que dispensamos à modalidade durante o ano findo.



Manuel Pinto, o excelente defesa do Vitória de Guimarães, antecipa-se ao bracarense Adão, afastando a bola da sua área

Braga: o nervosismo de uma equipa atormentada

Baseando o seu jogo num sistema táctico correctamente executado, o Guimarães soube aproveitar-se do evidente nervosismo dos bom triunfo.

Não vá, entretanto, supor-se que aos vimaranenses foi dado beneficiarem de facilidades, pois o jogo foi ardorosamente disputado, revestindo-se de características dignas do «derby» minhoto. Simplesmente, os visitantes acreditaram em si próprios e actuaram descontraídos, enquanto que os «arsenalistas», à medida que o tempo passava, se mostravam mais nervosos, menos lúcidos e também infelizes.

Em oportunidades de golo, as equipas igualaram-se, talvez com alguma vantagem até para a de Braga. Mas em futebol praticado e equilíbrio global não há dúvida que foram os de Guimarães que melhor se comportaram.

Portanto, a vitória dos forasteiros não pode sofrer contestações, embora se reconheça que os visitantes poderiam ter chegado ao empate.

Do Braga, Armando, Juvenal, Ri-

beiro, Arlindo e Estêvão estiveram menos mal do que os seus companheiros, tendo o primeiro executado um bom punhado de defesas difíceis.

No Guimarães, Roldão foi o grande obstáculo para os avançados locais. Gualter, em boa forma física, esteve excelente na defesa e entregou-se, com a-propósito, no ataque. Peres, Augusto e Lázaro também sobressaíram, embora a equipa, toda ela, nos deixasse boa impressão.

Caetano Nogueira não esteve bem. Apitou demasiado para errar na maior parte das vezes. No lance de hipotética falta sobre Estêvão, em que castigou Gualter com um «llvre» fora da área, só deveria ter assumido uma atitude: mandar marcar grande penalidade, pois a falta, a existir, verificou-se dentro da área de rigor.

ANGELO MOREIRA

A MARCA DO CAMPEONATO

Jornada n.º 12. Maioria de vitórias dos visitados (4), contra um empate e dois triunfos fora. 20 golos marcados — uma dúzia para os que jogaram em casa e 8 para os que se deslocaram.

Os resultados:

Braga, 0-Guimarães, 1
Barreirense, 4-Varzim, 1
Benfica, 3-Porto, 2
Setúbal, 0-Sporting, 1
Belenenses, 3-Académica, 2
Leixões, 2-Sanjoanense, 1
Tirsense, 0-C. U. F., 0

Factos salientes

As vitórias do Sporting, em Setúbal, e do Guimarães, em Braga, justificam a primazia, particularmente no que se refere aos «leões», visto o seu êxito ter sido alcançado em casa de um competidor tão categorizado como o sadino.

O jogo mais importante disputou-se na Luz e o triunfo «encarnado» isolou a equipa no alto da tabela.

A C. U. F., ao ir empatar a Santo Tirso, deu um passo para fora da zona perigosa.

Consequência imediata dos acontecimentos de ontem: formação do «trio» Benfica-Sporting-Porto, todos separados por um ponto, candidatos ao título em detrimento do V. de Setúbal e da Académica, que se atrasaram.

Belenenses, Leixões e V. Guimarães situaram-se na chamada zona tranquila, de onde se aproximam a Sanjoanense e a C. U. F.

No sector perigoso — quatro concorrentes: Tirsense, Varzim, Braga e Barreirense, o último em nítida subida.

As nossas estrelas



Simões (Benfica), Valdemar (F. C. Porto), Toné (V. Setúbal), Cristóvão e Sebastião (Tirsense).



Torres, Eusébio, Jacinto e Adolfo (Benfica), Pinto, Rolando, Atraca e Valdír (F. C. Porto), Conceição, Herculano e Pedras (V. Setúbal), Armando, Barão e Gonçalves (Sporting), Carlos Manuel e Amândio (Tirsense), Vieira Dias, Espírito Santo e Rogério (C. U. F.), Armando (Braga), Roldão e Gualter (Guimarães).



Raul e Jaime Graça (Benfica), Nóbrega e Gomes (F. C. Porto), Vital, Guerreiro e Petita (V. Setúbal), Carvalho, Alexandre Baptista, Figueiredo e Márlinho (Sporting), Silva e Mendes (Tirsense), Medeiros e Vítor Cabral (C. U. F.), Faneça, José Carlos e Mira (Barreirense), Justino (Varzim), Juvenal, Ribeiro, Arlindo e Estêves (Braga), Peres, Augusto, Mendes e Lázaro (Guimarães), Raul (Leixões).

FUTEBOL NAS ILHAS

FUNCHAL, 8 — (A. N. 1.) — O Marítimo do Funchal conquistou a «Taça Junta Geral» (Taça de Honra) em futebol, embora o resultado da jornada de hoje, que foi a última, não lhe tenha sido favorável: Nacional-Santa Cruzense, 1-0, e Marítimo-União, 1-2.

HOJE, À NOITE

TÊNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, de juniores, começa da 2.ª volta: série A — Bela Vista-Sporting A e Ateneu-Benfica B; série B — Sporting B-Belenenses e Azambuja-S. L. Aguias A; série C — C. Católico-Benfica A, Lusitano Clube-S. L. Aguias B e C. D. Graça-Casa Pia A. C.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 1.ª jornada: Técnico-Benfica, no ginásio do Técnico, às 21 e 30 (honra) e 22 e 30 (reserva).

Classificação do «Nacional» da 1.ª Divisão

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	6	6	—	—	19-6	12	6	3	2	1	9-4	8	12	9	2	1	28-10	20
Sporting	6	4	2	—	14-3	10	6	4	1	1	7-5	9	12	8	3	1	21-8	19
F. C. Porto...	6	6	—	—	16-4	12	6	2	2	2	9-7	6	12	8	2	2	25-11	18
Vit. Setúbal...	6	4	1	1	12-2	9	6	3	1	2	8-7	7	12	7	2	3	20-9	16
Académica...	6	6	—	—	18-1	12	6	1	1	4	7-9	3	12	7	1	4	25-10	15
Belenenses...	6	4	1	1	10-8	9	6	1	2	3	9-8	4	12	5	3	4	19-16	13
Leixões	6	4	—	2	11-4	8	6	1	2	3	4-11	4	12	5	2	5	15-15	12
V. Guimarães	5	2	1	2	7-7	5	7	3	1	3	8-8	7	12	5	2	5	15-15	12
Sanjoanense	6	1	4	1	6-6	6	6	1	1	4	5-9	3	12	2	5	5	11-15	9
C. U. F.	6	2	2	2	7-7	6	6	1	1	4	5-12	3	12	3	3	6	12-19	9
Tirsense	6	2	2	2	4-10	4	6	1	1	4	1-7	3	12	3	3	6	5-17	7
Varzim	6	2	1	3	6-5	5	6	1	—	5	3-17	2	12	3	1	8	9-22	7
Sp. Braga	7	3	—	4	9-9	6	5	—	—	5	4-20	0	12	3	—	9	13-29	6
Barreirense...	6	2	1	3	6-12	5	6	—	—	6	5-21	0	12	2	1	9	11-33	5



Belenenses «à antiga» Académica... sem guarda-redes

O Belenenses, que se revê nas suas belas tradições, se firma para resistir às vicissitudes do presente e para se inspirar e projectar no futuro, voltou ontem a um equipamento igual ao utilizado em 1919. É para que o facto tivesse maior significado, os «azuis» não se ficaram por aí, antes completaram a invocação com uma acção como as de antigamente, quando o entusiasmo e o gosto pelo jogo transformavam encontros perdidos em vitórias, quando o amor pela camisola não era uma frase vaga e sem sentido.

De outra maneira, a equipa de Belém não teria ganho a Académica. Diremos porque na apreciação que se segue.

Na intenção de surpreender o adversário, antes que os escolares assentassem a sua excelente manobra, o Belenenses partiu em busca do primeiro tento. Este chegou aos 11 m., mas saiu de um deslize de Brassard, e em manhã invulgarmente infeliz.

Tinha razão a equipa visitada em dar-se pressa na concretização dos seus anseios. É que, logo a seguir, Quaresma entrou a coxear, trocou com Freitas e isto quando os estudantes melhoraram a olhos vistos.

Reparou-se então que, mesmo sem atingir o nível quase deslumbrante de exhibições mais afortunadas, os académicos iam passando a mó de cima, agarrando e comandando o jogo. O golo negou-se, porém, aos intentos da turma de Coimbra, com evidente desfortuna num remate de Artur Jorge, defendido pela base de um poste.

Frente ao convincente explanar da tese coimbrã, o Belenenses teve o mérito de se não desunir. Havia muito que fazer para não consentir o ascendente da Académica mas não apareceu quem se furtasse ao trabalho. Só assim se aguentou o 1-0 até ao intervalo.

Na segunda parte, os estudantes voltaram à carga. Agora com outras perspectivas, visto que igualaram e passaram para a frente dentro do quarto de hora inicial.

A Académica não gozou porém, durante largo período, dessa situação de destaque. Equipa sem guarda-redes é como um cesto roto e, embora não pretendendo desmoralizar o substituto de Maló, a verdade não pode deixar de dizer-se: Um «livre» defensável levou o esférico às mãos de Brassard, mas este largou-o em condições de proporcionar a recarga oportuna de Ernesto.

Os visitantes tentaram remediar o mal e fizeram sair o «keeper» para entrar Viegas, tão desafortunado também que foi batido na primeira intervenção. O Belenenses, que nunca descrevera de si próprio, tornara a situação de vencedor.

O resto do tempo gastou-se sem pena nem glória. Houve «lesões» a mais, das autênticas e das fingidas...

Enquanto o Belenenses crescia, «esquecido» da lesão de Quaresma,

e aconria a todos os lados, a Académica perturbava-se cada vez mais, acabando visivelmente distante de si própria.

O êxito «azul» não resultou, como se verifica pelo relato, da sua superioridade, em jogo jogado, em relação ao adversário. Contudo, a representação de Belém deve atribuir-se o mérito de saber substituir pela garra e pelo querer a desvantagem numérica e técnica em que se viu colocado.

E a Académica? A explicação do seu inêxito reside, em primeiro lugar, como é ineludível, na actuação sombria dos seus «keepers». Não há nada, em futebol, que resista a tamanho azar. Mais explícita do que qualquer razão de ordem tática, e todas as justificações de outro jaez. Para mais, ao ataque de Coimbra faltou, em ocasiões propícias, o grau de sorte que leva ao êxito.

Contudo, e apesar de ter jogado bem em dilatados períodos, a Académica não suportou a continuidade de acção que talvez a conduziria a desfecho diferente da derrota.

Ernesto e Artur Jorge salientaram-se como rematadores e jogadores. O belenense impressiona pelo conjunto de qualidades que alardeia. Não são vulgares os elementos com o seu poder e o seu sentido de oportunidade.

O sr. Manuel Fortunato, de Évora, cronometrou mal o jogo. Na primeira parte, «deu» mais alguns minutos por causa de interrupções havidas mas no segundo, com mais havidas, mas no segundo, com maiores motivos para isso, mostrou-se «avarento» nesse pormenor.

FRANCISCO CAMILO

BARREIRENSE

— ESPERANÇAS PARA O NOVO ANO

Na corrida para a fuga aos últimos lugares da classificação, o Barreirense conquistou, ontem, preciosa vitória sobre um competidor que anseia, também, ver-se livre de compromissos e apreensões.

MARCADORES

O benfiquista Eusébio, ao marcar um golo ao F. C. Porto, voltou a comandar a lista dos melhores marcadores do «Nacional» da 1.ª Divisão, igualando «estudante» Ernesto, que ontem ficou «em branco» no encontro do Restelo. Ambos contam 12 golos.

A posição dos principais marcadores é agora a seguinte:

EUSÉBIO (Benfica), 12 golos; Ernesto (Académica), 12; Horácio (Leixões), 10; Artur Jorge (Académica), 9; Djalma (F. C. Porto), 8; Torres (Benfica), 7; Manuel António (F. C. Porto), 7; Ernesto (Belenenses), 7; Márinho (Sporting) e Sérgio (Belenenses), 6; Lourenço (Sporting) e Monteiro (C. U. F.), 5; Ric (Varzim) e Manuel (Guimarães), 4; Alvarez (Sanjoanense), Baptista e Estêvão (Sp. Braga), Fernando (C. U. F.), Leitão e Peres (Sporting), José Maria e Pedras (V. Setúbal), Mendes (V. Guimarães), Pinto (F. C. Porto), Praia (Leixões) e José Carlos (Barreirense), todos com 3 golos.

O Varzim, porém, não deu, ou melhor, não pôde dar, a ideia de lhe ser possível sair-se airoso do acolhedor campo de D. Manuel de Melo, porque encontrou no adversário propósitos firmes e evidentes de vontades que vieram ao de cima em larga percentagem, afligindo em muitos momentos os visitantes, mormente a sua defensiva, em apuros frequentemente.

A robusta e justificada vitória do Barreirense, por 4-1, traduz, sem grandes alardes técnicos, uma superioridade incontestável, que foi o retrato fiel dos acontecimentos em campo.

Assim é que os campeões da 11.ª Divisão Nacional principiam o ano de 1968 prometedoramente. Pelo resultado e por uma confiança que se antevê venha a ser assaz compensada, numa recuperação legítima da equipa, que já nos últimos encontros do ano findo dera sinais evidentes de melhoria na sua estrutura e capacidade.

Os barreirenses começaram por desenhar algumas jogadas merecedoras de golo, mas os varzimistas, aproveitando a insegurança da defesa contrária, que mais tarde havia de recompor-se, impondo nitidamente a sua autoridade, abriram primeiro o activo, aliás com excelente remate, mas, dois minutos decorridos, o empate voltava (1-1).

Foi na primeira metade que os visitantes, embora menos activos e empreendedores na ofensiva que o Barreirense, puderam replicar de maneira que o intervalo chegasse sem a nítida vantagem de tentos

(Continua na 6.ª página)

UM JOGADOR Q



...E OUTRO QUE NÃO



ABAIXO OS «LEÕES»

(Continuação da 1.ª página)

tos: o primeiro e segundo tempo. Na fase inicial, onze contra onze, os setubalenses foram quase sempre a equipa mais equili-



Um «livre» contra o Belenenses. Marca-o Celestino, enquanto os jogadores «azuis» tentam barrar os caminhos para a sua baliza

SE PERDE...

O SENSACIONAL EMBATE NO ESTÁDIO DA LUZ

UM BENFICA FULGURANTE

QUANTAS VEZES ENCONTROU OPOSIÇÃO ASSIM?

(Continuação da 1.ª página)

assim tenham pensado. Porque o Porto suportou o amargor da desvantagem, como suportou o continuar da gana atacante dos campeões, que persistiam no assalto. A defesa «azul-branca», notável de estoicismo, de sentido de antecipação, de sentido de entreaajuda, aguentou firme. E a borrasca começou a amainar. E o Porto, indómito, tenaz, recusando-se a dobrar a cerviz numa aceitação de derrota, aí estava outra vez a fustigar o terreno benfiquista em chicotadas de rápidos e harmoniosos avanços. Agora com Gomes na extrema-direita, transvertido em 4-2-4 o 4-3-3 de início.

Com dois golos de diferença, mantinha-se o clima febril do desquite, persistiam a emoção, o entusiasmo, a beleza de uma luta sem quartel. Seria sempre assim. Até ao derradeiro apito do árbitro. Sobre tudo a partir do momento em que a numerosa falange de apoio da turma nortenha saudou com júbilo o primeiro golo azul-branco, a batalha passou a desenrolar-se a um ritmo alucinante. Quando chegou o intervalo, muitos se terão surpreendido de que tivessem já passado três quartos de hora do grande espectáculo. Mas o próprio público estava fatigado. Fatigado de emoções.

Antes e depois do intervalo, não faltaram os «casos». «Casos», no futebol, são dúvidas, são polémicas, são pontos de interrogação. E quanto «maiores» são os jogos, mais numerosos são os «casos». A primeira dessas situações de incerteza, de desacordo e de protestos estaria com o primeiro golo do Benfica. Outras se seguiriam, destinadas a ser comentadas, por diferentes ângulos, ao longo da semana. Pois adiantemo-nos, desde já, à análise dos «casos». Todo um capítulo do jogo...

1.º GOLO DO BENFICA — De «penalty», que Eusébio transformou bem, sem possibilidade de defesa para Américo. A dú-

vida está em se o árbitro o assinalou bem. A bola foi realmente desviada, na área dos portuenses, pelo braço de um defensor. Intencionalmente? De longe, da bancada, não deu essa sensação. Mas só o árbitro pode julgar da intencionalidade — já que não «faz fé» o depoimento mais elucidativo: o do acusado.

O «CANTO» DIRECTO — Não chega a ser um «caso». Porque a decisão do árbitro é, legalmente, inatacável. Eusébio marcou um «canto», Américo lançou-se, mas a bola entrou directamente na baliza. Mas o árbitro apitou uma fracção de segundo antes. Quando a bola ia no ar. Apitou para assinalar o fim da primeira parte, e ele é o único cronometrista...

GOLO ANULADO — Aos 7 minutos do segundo tempo, os portuenses introduziram, pela segunda vez, a bola na baliza do Benfica, em golo que seria o da igualdade. Seria... mas não foi. Ao que parece por carga sobre José Henrique (esponâneo e exuberante na reclamação), o árbitro anulou o tento. Confessamos não ter visto a infracção, atentos ao viajar presunçoso da

culidades, uma e outra vez; e os «casos» de que já falámos; e outros «casos» de menos realce...

Este, o «tom» épico do jogo. Talvez o «jogo do ano», no primeiro domingo do ano. Choque entre duas denodadas equipas, que não apenas lutaram, também acompanharam esse esforço de uma convincente demonstração de virtudes técnicas.

O Porto, vencido, teve uma jornada prestigiosa. Só um grupo de firme personalidade e de boa capacidade poderia discutir assim, tu cá, tu lá, com um Benfica impetuoso, pleno de querer, servido por jogadores de excepção. Ao contrário do que se poderia esperar, Américo não foi figura grada da turma portuense. Mal batido no segundo golo, viu-se também desfeiteado em ocasiões em que Valdemar lhe serviu de guarda-costas. Excelente, este Valdemar. Tal como Rolando, o ardoroso Atraca, o jovem e esperançoso Sucena. A defesa foi vedeta, no grupo

lo, para avultar, no segundo tempo, em lances de grande categoria. Três actuações bem positivas no ataque: as de Simões, incansável e arguto na criação de lances ofensivos, Torres, dois golos e uma actividade profícua por todo o campo, e Eusébio, sem o fulgor de outras ocasiões, mas sempre um fora-de-série.

O Benfica reafirmou os seus méritos, neste jogo em que passou a ser «leader» isolado. Mas a fina qualidade do grupo de Pedrito não foi uma ameaça apenas nestes noventa minutos. Na grande luta pelo título, o Porto, este Porto enérgico e valioso, que ontem fez «tremar» a Luz, é uma ameaça para o campeão e favorito.

O árbitro...
Difícil. Reconhecemos que era difícil. E, além dos «casos» já enunciados, houve outros lances do jogo em que o árbitro esteve em foco. Vários erros, por querer «segurar o jogo», apitando muito, fazendo tábua-rasa da

PODE PERDER-SE

Duas ocorrências, para além da linha lateral do Estádio do Benfica. Em cima «um jogador que se perde»: o setubalense José Maria acabou de receber do árbitro a inexorável ordem de expulsão enquanto Fernando Vaz tem a atenção presa no que se passa no rectângulo. Na gravura de baixo vê-se o «capitão» da equipa do Sporting a ser assistido pelo massagista Manuel Marques. Após alguns minutos, depois de devidamente tratado, José Carlos regressou ao jogo. E o jogador não se «perdeu»...

DO SEU NORMAL E OS SETUBALENSES

brada. Embora dispondo os seus homens num esquema idêntico ao dos «leões», 4x3x3, os vitorianos exibiram maior arreganhado em busca da baliza contrária. Criaram vários lances de

perigo para os visitantes mas, por isto e mais aquilo, do que não se exclui a boa qualidade da defensiva «leonina», diga-se desde já, o golo sadino negou-se sempre. Carlos Manuel, por mais de uma vez, e Petita, este em jogada de sua iniciativa que geraria, na sequência, mais duas oportunidades, estiveram especialmente em foco nas «perdiças» do Vitória.

O Sporting, no entanto, embora a princípio se esmerasse em cuidados tendentes à neutralização do fulgor dos setubalenses, pôde, depois, dar mais luta à defesa sadina. E, em lances de feição adequada às características do dianteiro de Alvalade Lourenço, desfrutou até de duas ocasiões em que podia ter feito funcionar o marcador.

O futebol praticado pelos dois grupos esteve, porém, longe daquilo que ambos são capazes de produzir. Nem o Vitória foi capaz de impor o habitual ritmo tecnicista, que cada vez mais se afirma como padrão da equipa, nem o Sporting conseguiu dar uma amostra do estilo que utilizara com tão largo proveito oito dias antes contra os campeões nacionais.

Faltava um escasso minuto para o intervalo quando, de um lance de choque com Peres, resultou a expulsão do setubalense José Maria.

(Continua na 7.ª página)



O bañado do esforço. A bola está sob a bota de Valde mar, enquanto Torres e José Augusto, lançados na corrida, parecem afastar-se do objectivo

bola, dos pés de Nóbrega para o poste e depois para as redes em recarga certeira.

«LIVRE» INDIRECTO — Foi na grande área portuense. Sucena derrubou Eusébio e o árbitro decidiu-se pela comodidade do «livre» indirecto. Errou. Não se tratou de «carga» fora de tempo, mas sim de um empurrão, com o auxílio dos braços. «Falta» para «penalty». Mais claro que o do lance do primeiro golo — e primeiros protestos.

Muitas vezes, no futebol, o intervalo fica como muro entre duas expressões do jogo. Do brilho passa-se às sombras, e ao contrário. Não foi assim no Benfica-Porto. Porque o segundo tempo foi bem a continuação digna do primeiro, quicá mais emotivo. E justificadamente. O tempo escoava-se. E não mais haveria uma vantagem de dois golos, tudo estaria, sempre, ao alcance de um só golpe. Do 2-1 passar-se-ia ao empate, só depois o terceiro golo do Benfica, que esteve longe de matar a incerteza.

E foi todo um rosário de lances espectaculares que prendem ao relvado os olhos de uma multidão fascinada. Manuel António e Torres têm «perdiças» daquelas que se apelidam de «escandalosas»; Valdemar, por duas vezes, substitui entre os postes um Américo já vencido; Henrique vê-se em difi-

nortinho. Mas também labutaram sem os do meio-campo, apesar da quebra de Pavão na segunda parte. No ataque, lesto e acutilante, evidência para Valdir, substituto digno do seu compatriota Djalmá.

Na actuação da turma benfiquista, avultou a deliberação de uma ofensiva a todo o transe. O que terá estado na base de algumas atrapalhadas defensivas, pois o adiantamento de jogadores da retaguarda tornou-se, aqui e além, temerário. Porque o ataque do Porto encontrava-se convincente sobre a sua decisão e eficácia. Mas teve períodos de verdadeiro brilho a actuação dos campeões, que campeões tiveram de ser para levar de vencida um adversário surpreendente, por muito que dele se esperasse. Henrique, inocente nos golos, teve defesas de mérito. Dos defensores, cabe um elogio especial a Adolfo, por ser «reserva» e por ter mostrado que está no caminho de se firmar no grupo principal. Mas Jacinto foi, uma vez mais, a figura grada do sector. Enquanto, na linha medular, Graça pareceu, na primeira parte, ultrapassado pela vivacidade do due-

«lei da vantagem». Dois casos de «fora-de-jogo», assinalados contra os dianteiros do Norte, constituíram injustiça gritante. Sinal de que nem sempre foi, também, auxiliado da forma mais desejável. Enfim, o sr. Porfírio Silva e seus companheiros, frequentemente apupados por ambas as «claques» (cada uma de sua vez, claro...), não tiveram uma actuação de harmonia com a excelência do jogo.

DI STEFANO SAI DO ELCHE

ELCHE (Espanha), 8 — (A. N. I.) — Alfredo Di Stefano, o futebolista argentino que ganhou fama internacional no Real Madrid, e que actualmente é treinador do Elche, anunciou hoje, depois da derrota da sua equipa frente ao Saragosa, por 1-0, que se vai demitir.

Depois de dois anos no Espanhol de Barcelona, Di Stefano assumiu esta época as funções de treinador do Elche, que, ao fim de quinze jogos, se encontra no último lugar da tabela.

Di Stefano afirmou aos jornalistas locais que apresentará amanhã a sua demissão, solidarizando-se com os dirigentes do Elche, que se demitiram no fim do encontro de hoje.

ZONA SUL

O PENICHE, NO BARREIRO, DEU UM BOM PASSO EM FRENTE

Em terreno adverso e perante o Luso, outro guia da classificação, o Peniche alcançou uma vitória que lhe oferece notáveis possibilidades de singrar na sua carreira.

Os penichenses, tirando partido da sua boa compleição física e de um conjunto bem apetrechado, exibiram-se de modo que deixaram boa impressão, valorizando o triunfo ainda que se possa anotar certa dose de felicidade do guarda-vista, quando, por duas vezes, e ao findar da primeira parte, obteve que as equipas fossem para o descanso empatadas, pelo menos a uma bola.

Ao Luso, que reatou a partida com a desvantagem de um solitário gol, faltou sentido tático e técnico para contrariar o sistema 4x3x3 imposto pelo adversário. Quaresma e Salvador, no meio campo, conheceram, sempre, mui-

tas dificuldades para se livrarem da oposição constituída por 3 e às vezes 4 elementos do Peniche, os quais, no centro do terreno, destruíam as tentativas lusistas e alimentavam com eficácia os ataques dos visitantes, de tal sorte que nos derradeiros minutos o Peniche logrou fixar o resultado em 2-0, ambos da autoria de Norberto, alcançando, assim, um justo e saboroso triunfo.

Nos vencedores toda a defesa se houve bem. De resto, não é de atribuir nota negativa a qualquer elemento, devendo, no entanto, citar-se as atuações de Jôia, Carapinha, Norberto e Mascarenhas.

Nos vencidos, distinguiram-se Guimarães (sem culpas nos golos sofridos), Torrá, António Francisco, Vasconcelos e Brinca.

A arbitragem do sr. Aníbal de Oliveira, de Lisboa, embora com uma ou outra falta de somenos importância, esteve bem.

VITÓRIA DO ATLÉTICO EM ALMADA

A partida Almada-Atlético, realizada no campo do Pragal, terminou com a vitória da equipa de Alcântara-Sto Amaro, por 2-1, resultado um tanto lisonjeiro para os lisboetas.

O encontro foi pobre de futebol, pois ambas as equipas praticaram, no confusamente, de bola pelo ar, algumas «picardias» de mistura, salvando-se simplesmente em emoção, os últimos vinte minutos.

O primeiro tempo terminou com o resultado em branco, que castigava de certo modo o mau jogo praticado pelas duas equipas; todavia, os almadenses tiveram aos 30 minutos um belo remate, desferido por José Luís, que levou a bola a embater estrondosamente na trave, única coisa digna de registar neste primeiro tempo.

No reatamento da partida, o Almada imprimiu certa velocidade ao jogo, aparecendo os seus avançados a rematar à baliza de Botelho com frequência, e a premiar o seu domínio obtiveram aos 9 minutos o seu gol, em jogada individual de Nunes.

A passagem dos 25 minutos, a equipa do Atlético, denotando melhor preparação física e agora mais bem ligada nos seus sectores, foi-se impondo ao adversário, tomando até as «rédeas» do jogo e Tito teve duas jogadas que galvanizaram toda a equipa, balanceando-se esta para o ataque. E, assim, aos 32 e 36 minutos, Tito e Raul obtiveram os golos que cimentaram as suas legítimas aspirações. Se bem que o Atlético tenha certo mérito na vitória, o empate seria talvez o resultado mais certo.

Jogadores em evidência: no Almada, Leal, José Luís, Nunes e Eduardo Alves; no Atlético, João Carlos, Fagundes, João Pereira e Tito.

A arbitragem do funchalense Roldão Ferreira, situou-se em bom plano.

POUCA VELOCIDADE, NOTA DOMINANTE NO JOGO DE TORRES VEDRAS

O jogo disputado ontem em Torres Vedras poucos atractivos teve senão as duas exibições dos dois guarda-redes, mormente a do algarvio Rodrigues, que teve um punhado de defesas de grande categoria. As equipas pareceram que entraram para o campo convencidas da sua sorte no final do prélio. Os visitantes fizeram recuar o seu extremo esquerdo para defesa do mesmo lado, deixando o Reino como «ferrolho», aceitando o domínio dos locais que, actuando com relativa lentidão, demonstraram o seu convencimento que mais cedo ou mais tarde e com o domínio exercido, o gol surgiria.

A equipa algarvia procurava contra-atacar, com lançamentos por Pelezzinho que, embora lento, dominava bem a bola no meio campo e a colocava bem nos seus avançados, que em numero menor que os defesas locais, poucas possibilidades de êxito tinham.

No início do segundo tempo, com o resultado desfavorável, a turma visitante procurou abrir mais o jogo, mas nunca colocou o resultado nem a supremacia dos locais em dúvida. O extremo es-

querdo da equipa de Oihão foi expulso, por ter discutido uma decisão do árbitro, e os locais vieram a confirmar a sua vitória com um gol de «penalty» por falta sobre Serafim.

Nos locais, Pinheiro, Hermínio e Serafim (sempre muito marcado), os melhores.

Nos vencidos, Rodrigues, o melhor em campo, Madeira e Pelezzinho, sobressaíram.

O árbitro, sr. Virgílio Baptista, não esteve brilhante, mas não teve erros de vulto com influência no resultado.

EM MARVILA, O ALHANDRA FOI MAIS ESCLARECIDO

Conjunto, sentido prático e lucidez, atributos fundamentais que levaram o Alhandra a vencer o descrente Oriental, na partida disputada ontem no campo «Eng. Carlos Salema».

Distanciados apenas por um escasso ponto na tabela classificativa, pela rivalidade existente entre os dois clubes e ainda pela dificuldade que o Oriental encontra, sempre que defronta os alhandrenses, a expectativa que rodeou esta partida justificava-se plenamente.

Logo de início, e muito a seu jeito, o Oriental lançou-se ao ataque, obrigando os seus opositores a uma cuidada defesa, mas era notória a desvantagem que os dianteiros lisboetas tiveram em confronto com adversários mais robustos e mais esclarecidos. Assim, sem motivos para surpresas, o jogo começou a pender mais para o campo dos donos do terreno em jogadas de passes ao primeiro toque, com os dianteiros em constante movimentação.

Muito se esforçaram os rapazes de Marvila para modificar o resultado, tentando romper de qualquer forma a reforçada defesa contrária, sem o conseguirem, mais por sofreguidão e morosidade, perdendo várias oportunidades de êxito.

Vitória justíssima do Alhandra, que teve no conjunto a sua melhor arma, ao contrário do Oriental, que esteve muito longe do que pode e sabe, perdendo pontos preciosos para as suas aspirações.

Fernando Campos, de Lisboa, arbitrou a contento, se excluirmos o lance ocorrido aos 34 minutos do segundo tempo, deixando passar uma grande penalidade, por mão de um defensor do Alhandra.

MUITAS DIFICULDADES PARA OS SESIMBRENSES

Os sesimbrenses tiveram ontem grandes dificuldades para obter o almejado triunfo, por se terem mostrado mais complicativos e pouco esclarecidos no desenvolvimento dos lances ofensivos.

Todavia, para a exibição menos ajustada dos locais muito contribuiu a boa organização dos sintenses, os quais se mostraram mais técnicos do que os antagonistas.

A vitória tangencial do Sesimbra é, no entanto, excelente prêmio para o espírito dos seus jogadores que, por duas vezes na posição de derrotados (0-1 e 1-2), lograram alcançar o apetecido êxito. Registe-se que o tento do triunfo foi amplamente contestado pelos homens de Sintra, por entenderem que, tendo o árbitro as-

ZONA SUL

Resultados

Portimonense-Lusitano	4-0
Torriense-Olhansense	2-0
Sesimbra-Sintense	3-2
Montijo-C. Piedade	0-0
Oriental-Alhandra	0-2
Luso-Peniche	0-2
Almada-Atlético	1-2

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
PENICHE	11	5	5	1	17	8
Atlético	12	7	1	4	27	15
Torriense	12	7	—	5	23	13
Luso	12	4	5	3	13	13
Alhandra	11	5	3	3	15	13
Sesimbra	12	5	3	4	18	13
Lusitano	12	6	—	6	10	12
Montijo	12	4	4	4	12	12
Oriental	12	3	5	4	8	14
Portimonense	11	3	4	4	16	17
C. Piedade	12	2	6	4	8	18
Almada	12	3	3	6	16	19
Olhansense	11	3	3	5	10	19
Sintense	12	2	4	6	10	19

Factos salientes

Primeira derrota do Luso do Barreiro, em «casa», que o fez perder a companhia do Peniche (primeira vitória «fora») e do Atlético, no comando da classificação.

Três êxitos em terreno alheio — Alhandra, Peniche e Atlético — e um empate — no Montijo.

O melhor resultado para o Portimonense (4-0) e dificuldades para o Sesimbra.

A próxima jornada

Completa-se, no domingo, a 1.ª volta do campeonato, através dos encontros da 13.ª jornada, que são os seguintes:

Sintense-Oriental; Alhandra-Montijo; C. Piedade-Torriense; Olhansense-Portimonense; Lusitano-Almada; Atlético-Luso; Peniche-Sesimbra.

sinaiado livre indirecto, a bola entrou nas redes sem ter tocado noutro jogador.

O árbitro, porém, bem colocado para decidir, não atendeu os protestos dos sintenses.

No Sesimbra salientaram-se Dias, Vítor Baptista, Eduardo e Carda. No Sintense, os melhores foram Vítor Valente, Marques, Gomes Ferreira e Higino.

A arbitragem de José Barreira foi regular.

O LUSITANO FOI DEMASIADAMENTE FRÁGIL

A fragilidade da equipa alentejana não resistiu à actuação dos portimonenses que, com a reaparição do «jovem» Alexandrino, bem secundado por Ramos e com a esperançosa habilidade do Junior David, chegaram para dispor de um Lusitano ingénuo e demasiado frágil.

A defesa de Évora e o guarda-linha, fizeram tudo quanto estava ao seu alcance, e pouco mais nos deu este Lusitano.

Os portimonenses ganharam mais alegria e agressividade com a inclusão de Alexandrino, o sempre «jovem» e irrequieto extremo esquerdo algarvio.

A arbitragem muito irregular.

A SORTE PROTEGEU O COVA DA PIEDADE

Após uma primeira parte equilibrada, em que apenas aos 6 minutos Serra perdeu uma oportunidade flagrante de marcar, assistiu-se a uma segunda parte de intenso domínio da equipa local que, regida pela sábia batuta de Neto, carregou no acelerador, dominando intensamente, sem que, todavia, lograsse marcar o gol que lhe daria a vitória, umas vezes por ineficácia dos seus avançados, outras pelo total desprezo da «deusa sorte».

Destacamos no Montijo, Neto, Luís Pinto e José António; nos visitantes, salientaram-se Pimenta, J. Ferreira e Castro.

A arbitragem do sr. Ilídio Cacho podemos cotá-la de muito boa.

ZONA NORTE

(Continuação da 2.ª página)

Os visitantes nunca se inferiorizaram, nunca se deram por vencidos. Tiveram, até, lances de melhor urdidura, principalmente no que respecta ao desdobrar dos contra-ataques. Mas a defesa contrária

A partida do Barreiro



José Carlos, o avançado do Barreirense mais em evidência no jogo contra o Varzim. El-lo a obter o último dos três golos que marcou

(Continuação da página central)

que o tempo complementar trouxe.

Efectivamente, o desnível de jogo produzido pelas duas equipas não podia traduzir outro resultado, se dissermos que na segunda parte os visitantes apenas uma vez, deram trabalho ao guarda-redes suplente (Bento), que substituiu o titular (Edmundo), lesionado.

Os atacantes do Varzim eclipsaram-se rotundamente ante a boa presença da defesa local e muito por falta de iniciativa e conjugação de esforços para visar a baliza, enquanto que o Barreirense criava

lances após lances, na sequência dos quais o gol era muitíssimo natural. E foi! Com três tentos, todos de José Carlos, a tirar partido da ascendência global do «team» e da notória descrença nas intervenções dos defensores poveiros, onde somente o guarda-redes se revelou figura capaz de se opor firmemente às arremetidas decididas e vigorosas dos avançados barreirense, que receberam acertado apoio e encorajamento dos sectores recuados.

Em suma, uma vitória merecida do Barreirense, que terá por ventura o caminho aberto para a desejada recuperação.

Nos vencedores, Edmundo, enquanto esteve na baliza (1.ª parte), foi elemento que incutiu confiança, distinguindo-se em duas boas intervenções, assim como o seu colega Justino.

Faneca, Mira, Testas, Ludovico, Bandeira, José Carlos (autor de 3 golos) e Rogério, são de citar num todo que deu tudo quanto pôde para alcançar o apetecido triunfo.

Nos vencidos, para além de Justino, torna-se difícil qualquer referência, porquanto a frente e atrás a equipa esteve descrente e sem algo que a notabilizasse, sobretudo no período complementar.

Ao árbitro, sr. Salvador Garcia, de Lisboa, não surgiu qualquer problema. Esteve certo e consciante.

JOÃO DIAS

O Campeonato de Espanha

Resultados no campeonato espanhol:

Elche-Saragoça, 0-1; Pontevedra-Sevilha, 4-1; Betis-Atlético de Madrid, 0-2; Real Madrid-Málaga, 3-0; Barcelona-Real Sociedad, 0-0; Sabadell-Atlético de Bilbao, 1-2; Valência-Las Palmas, 2-2; Córdova-Espanhol 1-0.

Classificação geral: 1.º, Atlético de Madrid, 21 pontos; 2.º, Real Madrid, 20; 3.º, Barcelona, 19; 4.º, Las Palmas, 19; 5.º, Atlético de Bilbao, 18.

PROVAS DA A. F. L.

BOA VITÓRIA

DO CASA PIA EM PALMA DE BAIXO

Através da 15.ª jornada, prosseguiu o campeonato da I Divisão da Associação de Futebol de Lisboa.

Jornada de muito interesse e de resultados espectaculares, pois o comandante perdeu — é certo que com um dos melhores — e o «lanterna vermelha» — um adversário bastante melhor classificado.

Entretanto, assimila-se a preciosa vitória do Casa Pia, em Palma de Baixo, sinal de que os «gansos» estão atentos à recuperação, com vista a discutirem os primeiros lugares, como o seu verdadeiro valor faz entender.

Os resultados foram os seguintes («reservas» entre parêntesis):

Vilafranquense-Vitória	2-0 (2-2)
D. Olivais-U. Algés	1-2 (3-0)
Odivelas-Sacavenense	1-0 (0-2)
Palmeirense-Casa Pia	1-2 (2-9)
E. Amadora-Bucelenses	3-0 (v.f.c.)
Loures-Vialonga	1-3 (2-3)
Estoril-S. L. Olivais	1-2 (1-2)

CLASSIFICAÇÃO: 1.º Sacavenense (25-13), 37 pontos; 2.º Odivelas (31-22), 36; 3.º U. Algés (39-23), 35; 4.º Vilafranquense (26-19), 33; 5.º E. Amadora (25-21), 32; 6.º, Vitória

(15-14), D. Olivais (23-21), Bucelenses (22-26) e Casa Pia (20-16), 31; 10.º, Estoril (23-29), 27; 11.º, Palmeirense (28-30) e Vialonga (23-34), 25; 13.º, Loures (21-30) e S. L. Olivais (15-38), 23

Só um vencedor «fora» na II Divisão

Reduzida discussão nos desafios do campeonato lisboeta da II Divisão.

Apenas um grupo conseguiu ganhar em terreno alheio (Arroios) e nenhum dos outros vencedores sentiu dificuldades para bater o respectivo antagonista, como a seguir se pode ver pelos resultados:

S. Iria-Livramento	3-1
F. Benfca-L. Velha	4-1
Tojal-Zambujalense	3-0
Ericeirense-Oeiras	2-0
Cascais-Lourel	5-1
Alverca-Charneca	3-0
I. Cruzeiro-Arroios	2-3

Juniões e Juvenis

Para o campeonato de juniores da I Divisão, o Casa Pia e o Atlético ganharam em campo alheio, na série A, bem como o S. L. Olivais, Alhandra e Sporting, na série B.

Quanto aos juvenis, o Sporting obteve o resultado mais expressivo (16-0 ao D. Graça), destacando-se também o êxito do Atlético (9-0, ao S. Vicente da Beira).

Para o campeonato de juniores da II Divisão, o equilíbrio foi manifesto, tendo como vencedores por mais de um gol apenas o Liberdade, F. Benfca, Unidos, Porto Salvo, Tires e Carcavelos

OS JUNIORES DO BENFICA

ALCANÇARAM EM CAGLIARI UM BRILHANTE 2.º LUGAR

CAGLIARI, 8 — O futebol português saiu, mais uma vez, prestigiado além fronteiras, com o brilhante comportamento da equipa de juniores do Benfica, no Torneio Internacional «Cidade de Cagliari».

Depois de terem saído vencedores da sua série, com um empate frente ao Nápoles, e com duas vitórias, sobre o Cagliari e Mantua, os benfiquistas defrontaram na final o Juventus, vencedor da série B, igualmente com um empate e duas vitórias.

Uma assistência apreciável assistiu a este jogo, que constituiu um bom espectáculo, não só pela qualidade do futebol produzido, como também pelo comportamento correcto de ambas as equipas.

Actuando contra o vento, na primeira parte, o Benfica conseguiu equilibrar as operações. Mas aos 15 minutos, surgiu o golo que viria a ditar a derrota dos jovens portugueses. Um lançamento lateral de Boncio Fabio, foi bem aproveitado por Ferroglio que, elevando-se fez o golo, de cabeça.

Os «encarnados» dominaram o resto da primeira parte, sem êxito, e no segundo tempo bateram-se bem, embora o Juventus jamais abandonasse o reforço da sua defesa.

As equipas alinharam: BENFICA — Nobre; Armando, Humberto, Tomás e Artur; Oliveira e Julio; Olegário, Carlos Pereira, Raul Aguiar e «Nenê».

JUVENTUS — Santarelli; Viganò, Maggioni e Spataro; Avere e Jacolino; Ferroglio, Zanotto, Bonci, Casio e Amadori.

Após o jogo procedeu-se à distribuição dos prémios e, à noite, realizou-se um banquete de confraternização entre todas as equipas que ainda se encontravam em Cagliari.

OS JOGOS DE CAGLIARI

Eis os resultados de todos os jogos do Torneio Internacional da Cidade de Cagliari:

SÉRIE A:	
Benfica-Nápoles	1-1
Mantua-Cagliari	1-0
Benfica-Cagliari	3-2
Nápoles-Mantua	0-0
Benfica-Mantua	2-1
Nápoles-Cagliari	2-1
J. V. E. D. B. P.	
BENFICA ... 3 2 1 —	6-4 5
Nápoles ... 3 1 2 —	3-2 4
Mantua ... 3 1 1 1	2-2 3
Cagliari ... 3 — —	3 3-6 0

Campeonatos da A. F. Setúbal

Nos jogos a contar para a 16.ª jornada do Campeonato Regional da Associação de Futebol de Setúbal, apuraram-se os seguintes resultados: Moitense-Quintajense

De registar, também, a dificuldade do Sarilhense em vencer um dos últimos da tabela.

Os restantes resultados decorreram dentro da normalidade.

CLASSIFICAÇÃO — 1.º, Desp. Grandolense, 43 pontos; 2.º, Sarilhense, 41; 3.º, Seixal, 40; 4.º, Spt. Grandola, 36; 5.º, Amora, 35; 6.º, Vasco Gama, 35; 7.º, Moitense, 33; 8.º, C. Caparica, 32; 9.º, Alcochetense, 29; 10.º, Paio Pires, 28; 11.º, Trafaria, 27; 12.º, M. Caparica, 26; 13.º, Arentela, 25; 14.º, Quintajense, 17.

O Alcochetense tem uma falta de comparência.

Campeonato de Reservas

Nos jogos disputados a contar para o Campeonato de Reservas da A. F. Setúbal, os resultados foram os seguintes: Trafaria-Sarilhense, 2-1; Seixal-Desp. Grandolense, 0-1.

SÉRIE B:

Juventus-Roma	1-0
Inter-Arsenal	0-0
Roma-Inter	2-0
Arsenal-Juventus	0-0
Juventus-Inter	1-0
Arsenal-Roma	0-0

J. V. E. D. B. P.

JUVENTUS 3 2 1 —	2-0 5
Roma	3 1 1 1
Arsenal	3 — 3 —
Inter	3 — 1 2 0-3 1

FASE FINAL

Juventus-Benfica	1-0
Nápoles-Roma	1-0

1.º Juventus
2.º Benfica
3.º Nápoles
4.º Roma

O TRIUNFO DO SPORTING

(Continuação da página central)

Com menos uma unidade, e porque as condições em que a expulsão de José Maria se verificou geraram um estado de nervosismo que só poderia ser prejudicial aos jogadores de Setúbal, esperar-se-ia, naturalmente, que o Vitória socobrasse na segunda parte. Não aconteceu assim. Os setubalenses reentraram no rectângulo realmente superexcitados, mas breve assentaram ideias. Aquil cabem virtudes ao árbitro, que soube intervir com a-proposito nos lances mais ríspidos, especialmente numa entrada, «às ce-gas», de Tomé, fazendo assim regressar o jogo ao bom clima disciplinar.

E o certo é que o Vitória — dez a valerem por onze — á custa de aplicação e energia indómitas, não só equilibrou o jogo, como ainda conseguiu criar muitos problemas ao adversário, que só em lampejos pôde tirar algum partido da sua vantagem numérica. Esta vantagem, que tem de ser sempre real, ainda que as aparências indiquem o contrário, esteve bem patente na facilidade (que não exclui inteligência) com que a defesa sportinguista anulou muitos contra-ataques do Vitória, colocando subtilmente os seus dianteiros em constantes foras-de-jogo. Petita (o mais inexpressivo) e Guerreiro foram, naquele aspecto, autênticas vítimas da subtil tática sportinguista. Por aqui se quedou, aliás, a equipa «leonina», pois nas reduzidas ofensivas que lograram levar a cabo não conseguiram fazer perigar a baliza de Vital. A não ser naquela defesa do guarda-redes setubalense aos pés de Marinho e que Lourenço acabou por rematar, no ressaltito, sobre a barra.

Quanto aos sadinos, precipitados ou estorvados pelos defesas contrários, desperdiçaram todos os remates. E foram bastantes.

Mas o empate a zero que, estamos em crer, todos já admitiam como resultado final, acabou por ser desfeito. Contemplado: o Sporting. Um remate de Figueiredo, desferido de longe e do flanco esquerdo, o esférico ganhou efeito caprichoso, passou perto de Vital, em posição adiantada, e, em arco, foi entrar caprichosamente na baliza deserta. Estava consumada a derrota, imerecida, dos verde-brancos de Setúbal, ontem de branco equipados.

É futebol.

As dificuldades do Sporting neste jogo contra uma equipa que já é considerada uma realidade do futebol português eram previstas. Pois, mesmo assim, há que dizer que a equipa lisboeta tinha obrigação de produzir mais do que aquilo que ontem mostrou no Bonfim. Sem nunca se terem imposto aos adversários com aquela personalidade que deve ser exigida a um candidato ao título, os sportinguitas acusaram demasiado o es-

tilo entusiástico dos setubalenses, que não lograram levar de vencida mesmo desfrutando de vantagem numérica.

No sector dianteiro residiram as falhas principais. Lourenço, por exemplo, voltou a ser inefi-

velmente. Os companheiros chegaram bem para a dianteira «leonina». Vital, sem aquele erro de cálculo na jogada do golo, teria assinado uma boa exibição. José Maria estava a desempenhar bom papel a meio do campo.

O sr. João Calado arbitrou criteriosamente. Actuou sempre de forma a manter o jogo dentro das boas normas. No lance que culminou com a expulsão de José Maria, considerou culpado o jogador sportinguista, conforme se depreende pela forma de reatamento do jogo: «livre» contra o Sporting. José Maria, no chão, teria «respondido» á carga do adversário? Ou foi proferida qualquer frase incorrecta? O árbitro não deu explicações.

JUSTINO CORREIA

HILÁRIO «CAPITÃO» À FORÇA...

Aconteceu ontem no Estádio do Bonfim. José Carlos, em consequência de um choque com o setubalense Herculano, lesionou-se a certa altura, quando se jogava há 20 minutos, na segunda parte. Como a recuperação se atardava (o defesa «leonino» esteve fora do terreno 4 minutos), o árbitro não esteve com meias medidas. Tratou logo de substituí-lo no seu cargo de «capitão» da equipa. Assim, antes de reatar o jogo, viu-se o sr. João Calado atravessar o campo e dirigir-se a Hilário para lhe entregar a braçadeira — símbolo do cargo até ali desempenhado por José Carlos.

Hilário, que declarou em recente entrevista não simpatizar nada com a função, foi, assim, investido á força — passe a expressão —, o que não deixou de constituir caso pouco vulgar...

cas na conclusão de alguns lances bem concebidos por Marinho, que, a extremo, deu seguimento a muito jogo e, também, de Peres, Gonçalves, assim como Barão, tiveram bons apontamentos, mas essencialmente a evitar a desbobinação do habitual sistema setubalense. A defesa, sim, jogou com relativo acerto. O melhor: Armando, um possante «stopper», difícil de ultrapassar. Carvalho jogou sem deslizes e José Carlos soube não ter desmerecido no seu novo posto de defesa direito, foi ainda o autor de uma descida culminada com o centro que daria o unico golo da partida, marcado por Figueiredo, que ontem não foi o habitual homem de choque, preferindo actuar em posição mais recuada. Foi ele, no entanto, e mais uma vez, o homem da vitória da equipa.

O Vitória, para além de ter sofrido uma derrota imerecida, também não se exibiu como pode e sabe. Foi o ataque quem mais dificuldades sentiu perante a excelente defesa «leonina». Carlos Manuel equivaleu-se a Lourenço, em falhas imperdoáveis. Guerreiro, confuso, esteve muito abaixo do nível que vinha patenteando e Petita foi apenas aplicado e batalhador. Em boa condição, Jacinto João, com o seu jogo desconcertante, talvez resolvesse os problemas que ficaram insolúveis. Tomé e Pedras, cada um em sua função específica, foram os melhores elementos da equipa. Na defesa, Conceição sobe de forma, visi-

HÓQUEI EM CAMPO

F. Benfica

guia isolado do «Regional»

Magnifico encontro de hóquei em campo disputaram ontem as equipas do Atlético e do F. Benfica.

Durante a primeira parte, as equipas praticaram um hóquei cheio de emoção, com lances bem delineados, que colocavam avançados em óptima posição de remate, com vantagem para o Futebol Benfica, sem dúvida a melhor equipa no terreno.

O Atlético, não tendo efectuada uma exibição ao alcance das suas possibilidades, reagiu sempre

da melhor maneira, obrigando o Futebol Benfica a fazer recuar os seus jogadores, a fim de defenderem as suas redes.

No entanto, o Futebol Benfica, dispondo de excelentes jogadores, foi pouco a pouco tomando o comando do jogo, abrindo o activo com um excelente golo de Vítor Perna.

O Atlético reagiu e procurou o empate com afinco, mas não conseguindo ultrapassar a bem organizada defesa «benfiquense», onde Raul e Zé Manel actuaram em grande plano.

No entanto, os contra-ataques dos alcantarenses tiveram o seu prémio. Depois de uma confusão junto da baliza do F. Benfica, e quando a bola se preparava para entrar na baliza, um defesa dos benfiquenses afastou-a com o pé, originando «penalty», que Trindade transformou no golo do empate.

O Futebol Benfica, contrariamente ao que seria de esperar, desorientou-se um pouco, facto que foi bem aproveitado pelo Atlético, aparecendo muito mais ao ataque e confundindo a defesa visitante, que começou a abrir «brechas», permitindo a penetração dos atacantes do Atlético, aos quais faltou decisão no remate para se colocarem em vencedores. Quase ao terminar a primeira parte, e também de «penalty», o Futebol Benfica colocou-se em vencedor.

Carlos Silva foi o autor do golo. Na segunda parte, e rectificadas algumas posições, voltou o F. Benfica ao plano inicial do jogo, tendo Bartolomeu aumentado a vantagem da sua equipa para 3-1.

Com a diferença de dois golos, o Futebol Benfica descansou, tendo os seus jogadores trocado a bola entre si, procurando chegar á baliza adversária com calma e certeza, tendo Rogério, infeliz, perdido dois golos certos.

O Atlético, longe de se dar por vencido, procurou sempre contrariar as intenções adversárias, tendo Délio, quase ao findar o encontro, obtido um excelente golo, que fixou o resultado em 3-2, favorável ao Futebol Benfica, que acabou por ser um justo vencedor.

A arbitragem, a cargo de José Duro e Mário Aguiar, teve altos e baixos. Mário Aguiar perdeu um «penalty» ao Atlético, por carga nítida de dois defesas ao atacante Rogério. Quanto á grande penalidade apontada contra os alcantarenses, temos as nossas dúvidas. Um facto que estranhámos: todos os «capitães» que se dirigem a pedir esclarecimentos sobre este ou aquele lance, o sr. Mário Aguiar expulsa-os sempre. Perguntamos: será que todos eles se dirigem em termos incorrectos?

Alinharam: ATLÉTICO — Pratas; Castro, Delgado e Manuel Silva; Trindade e José Santos; Délio, Mateus, Torres, Candeias (Barbosa) e Alfredo Santos.

F. BENFICA — Brito; Zé Manel, Raul e Teixeira; Eduardo e Jaime; Tibúrcio, Vítor Perna, Bartolomeu, Rogério e Carlos Silva.

Em reservas, Atlético e F. Benfica empataram sem golos.

Nos outros encontros, o Hóquei venceu o Linda-a-Velha por 5-1 e o Belenenses empatou com o Palmense por 0-0.

Após esta jornada, a classificação é a seguinte:

J. V. E. D. G. P.

F. Benfica ...	5	5	—	21-3 15
Atlético	4	3	—	11-4 10
Benfica	4	2	1	11-1 9
Hóquei	4	1	1	2-6 9 7
Palmense (*)	3	1	1	4-3 6
Belenenses ...	4	—	1	3-0-8 5
L-a-Velha (*)	4	—	—	4-2-27 4

(*) Têm menos um jogo.

No próximo domingo realiza-se a 6.ª jornada, com os seguintes encontros: F. Benfica-Benfica, Palmense-Atlético e Belenenses-Hóquei.

SA PITA

Associação de Futebol de Leiria

Na Associação de Futebol de Leiria realiza-se, no próximo dia 12, o acto de posse dos seus Corpos Gerentes para a época de 1967/1968.



Os primeiros vencedores da época de corta-mato: o juvenil do Belenenses, Carlos Silva, a benfiquista Manuela Simões e o iniciado José Cinjeira, também do Belenenses

ATLETISMO

O BELENENSES EM EVIDÊNCIA NO CORTA-MATO

Agora a época de corta-mato, e logo na primeira prova se viram envolvidos cerca de uma trintena de atletas das categorias de iniciados, juvenis e seniores (femininos). O melhor quinhão no cómputo das competições foi para o Belenenses. Isto é, os seus atletas evidenciaram-se de tal modo, que não só venceram as provas para iniciados e juvenis, como, também, os seus representantes denotaram boa qualidade.

As honras maiores foram para José Singelro e Afonso Fernandes, nos iniciados; e para Carlos Silva e Américo Nobre, nos juvenis. Denotaram estes jovens uma boa preparação e, até, no plano tático se comportaram excelentemente, só atacando no momento próprio.

Em seniores femininos, Manuela Simões continua o seu reinado nesta difícil especialidade. Mas uma adversária de peso parece ter surgido. Referimo-nos a Maria do Céu Lopes, do Sporting, que, com mais «calor», poderá dar alguns dissabores à campeã benfiquista. Os restantes — Lúcia Faria, Ludovina Florêncio e Maria Eduarda Cruz, todas do Sporting, fizeram o que de momento pode estar ao seu alcance. De resto, o corta-mato não é mais do que uma excelente «medida» para uma preparação intensiva com vista às competições de pista.

Manuel de Oliveira (Sporting) venceu o «Grande Prémio de Faro»

Disputouse, ontem, o «Grande Prémio de Faro», organizado pelo

Sport Faro e Benfica, e no qual participaram atletas do Sporting, do Salatinas de Coimbra, do C. D. U. L. do Sporting Farense e da C. U. F., no que dizia respeito a clubes filiados, pois, além destes, também participaram naquela corrida atletas da categoria de populares e, para uma classificação especial, os representantes do Algarve.

A competição despertou muito entusiasmo, servindo excelentemente a propaganda da modalidade.

Eis as classificações: 1.º, Manuel de Oliveira (Sp.); 2.º, Fernando Cândido (Sp.); 3.º, Eduardo Simões (Sp.); 4.º, Morujo Júlio (Sp.); 5.º, Américo Barros (C. D. U. L.); 6.º, Manuel de Oliveira (Salatinas, de Coimbra); 7.º, Leonardo Caetano (Sp. Farense).

Por equipas: 1.º, Sporting; 2.º, Salatinas, de Coimbra; 3.º, C. U. F. Equipas algarvias: 1.º, Boavista, de Portimão; 2.º, Sporting Farense.

Entre os populares, a classificação geral ficou ordenada do seguinte modo: 1.º, Filipe Correia (Bonjoanense); 2.º, António Custódio (Amigos de Portimão); 3.º, Vítor Moreira (Mem Martins); 4.º, Edmundo Duarte (Mem Martins); 5.º, Luís Ramos (Mem Martins).

Por equipas: 1.º, Mem Martins; 2.º, Amigos de Portimão.

Em pista coberta os melhores foram os benfiquistas

A primeira competição em pista

coberta forneceu-nos, na verdade, alguns bons apontamentos.

Estas competições, para além de servirem de preparação para as provas de pista ao ar livre, têm como fundamento especial correcções aos treinos e, sobretudo, estímulo para os praticantes.

Esta época as provas de pista coberta revestem-se ainda de grande objectividade, pois os portugueses devem estar presentes em Madrid, onde defrontarão os nossos vizinhos, no famoso pavilhão daquela capital, que possui uma pista excelente, construída proposadamente para o efeito — o que não se pensa fazer entre nós, infelizmente.

No cómputo geral, as marcas e os tempos não foram famosos, mas ficou-nos uma ideia de que podem ser em muito melhoradas.

Os expoentes da reunião foram: António Fonseca e Silva (Benfica), que igualou o máximo português, de posse de Jorge Soares e de José Rocha, com 5,9 s. nos 50 metros planos, marca que não foi obtida entre nós, mas sim em Madrid, numa pista de dimensões internacionais e de piso excepcional; depois Alberto Matos (Sp.), que está a tornar-se um autêntico especialista de barreiras, melhorou o seu «record» para 7,2 s., que já datava do ano passado com 7,4 s.; e, finalmente, o persistente José Henriques (Benfica), que fixou em 3,90 m o novo máximo do salto com vara, que pertencia ao companheiro de clube Manuel dos Santos, com 3,85 m.

RÂGUEBI

UM «RECORD» DO BENFICA: 97-0

Aproveitando as facilidades dadas por um regulamento inadequado e antidesportivo, o Benfica fez a sua primeira equipa jogar no Torneio de Reservas e a reserva no Campeonato Nacional — Zona Sul (Série A).

Assim, a reserva foi à Reboleira vencer a Académica da Amadora por 35-0, o que era de esperar, pois o «quinze» amadoreense é dos mais fracos da prova. Para a prova de reservas, a primeira categoria esmagou a reserva da Académica de Coimbra, com um rotundo 97-0, que fica a constituir «record» de pontos obtidos num só encontro.

A manutenção de uma norma que era válida para um campeonato disputado por oito clubes dá como resultado a obtenção de «records» ridículos, sem o mínimo valor desportivo.

ções, embora o Conselho Técnico, há mais de três meses, tenha todos os elementos necessários para o fazer. Vamos a ver como o mesmo Conselho Técnico resolve este problema, assim como o apresentado pelo Benfica, que, estando a ganhar por 20-0 ao Belenenses, num encontro a contar para o Torneio de Abertura de Juvenis, abandonou o terreno, na 2.ª parte, por o árbitro querer fazer jogar 40 minutos cada parte, em vez de 30, como está regulamentado.

Para o Torneio de Juvenis, Direito A venceu a Académica de Coimbra por 24-9.

Como se vê, a jornada de ontem foi fértil em incidentes que podem ter repercussão maligna sobre a modalidade.

O Académico Futebol Clube

desmente contactos

com Livramento

Acerca da divulgação de uma notícia de pretensas negociações com o jogador de hóquei em patins, Livramento, recebemos da direcção do Académico Futebol Clube um comunicado que desmente categoricamente e definitivamente que tenha tido ou autorizado quaisquer contactos com aquele prestimoso atleta.

VELA

Jorge Arnoso

em primeiro lugar

no campeonato nacional

de Finns

Os Finns disputaram mais uma regata do seu campeonato nacional. Fizeram o percurso Trafaria-Caxias-Dafundo-Trafaria-Caxias e classificaram-se pela seguinte ordem: 1.º, P. 54, arg. Teixeira da Fonseca (Clube Naval de Lisboa); 2.º, P. 55, Jorge Arnoso (Algés e Dafundo); 3.º, P. 60, Bernardo Espírito Santo (Clube Naval de Cascais); 4.º, P. 65, José Manuel Quina (Algés e Dafundo); 5.º, P. 56, José Reis (Clube Naval de Lisboa); 6.º, P. 46, Henrique Nelly (Naval de Lisboa); 7.º, P. 47, eng.º Potter Godinho (Associação Naval de Lisboa); 8.º, Patrick Monteiro de Barros (Naval de Lisboa).

Desistiram, por avarias, quatro tripulações.

No próximo sábado disputa-se outra regata e no domingo as duas últimas.

SPORTING-GRANOLLERS

EM HANDEBOL DE SETE

A coontar para a Taça dos Campeões da Europa de Handebol de Sete, realiza-se no Pavilhão dos Desporto, no próximo dia 13, pelas 22 horas, o jogo entre o Sporting, campeão nacional e o Balonmano Granollers, campeão de Espanha, de que fazem parte 5 internacionais.

Dada a grande rivalidade desportiva existente entre os dois países, este jogo reveste-se de natural interesse.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Sporting Clube de Portugal.

FESTIVAL NO RESTELO

Para assinalar o regresso aos equipamentos dos velhos e gloriosos tempos do início da sua vida, o Belenenses promoveu ontem, no Estádio do Restelo, um interessante festival. Eis dois aspectos do desfile que antecedeu o encontro com a Académica, para o «Nacional» de futebol.

